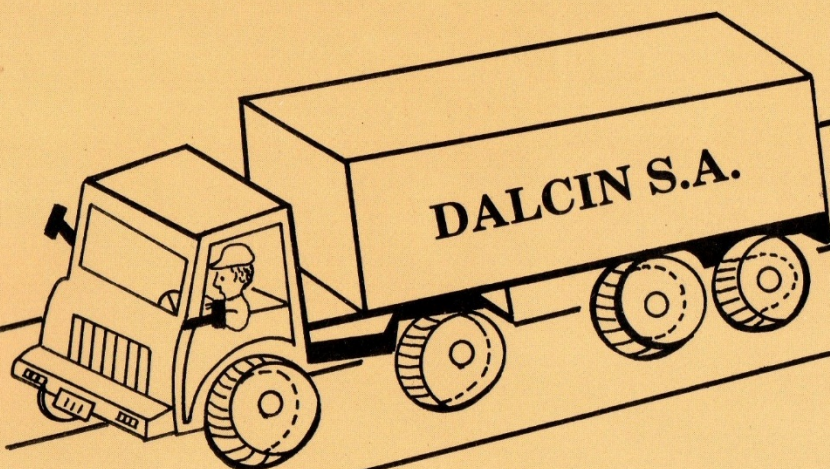


Fidélis Dalcin Barbosa

Caminhoneiro



SULINA

CAMINHONEIRO de Fidélis Dalcin Barbosa reproduz, atualizados, os principais capítulos da estréia do autor: SEMBLANTES DE PIONEIROS, lançado pela SULINA em 1961, e esgotado há muitos anos.

"Semblantes de Pioneiros", que foi publicado graças à interferência do saudoso Mansueto Bernardi junto ao setor editorial, foi o primeiro livro que se publicou no Rio Grande do Sul sobre a imigração italiana no estado, tendo sido, primeiramente, publicado em capítulos no suplemento literário do "Correio do Povo".

Dizla Mansueto Bernardi: "Trabalho muito interessante, valioso e oportuno, o livro constituirá um êxito, seja sob o ponto de vista cultural, seja de livraria, pois reúne condições para se converter numa copiosa fonte de venda, além, naturalmente, de dar renome ao autor".

Analisando a obra, o crítico literário Aluísio de Almeida publicou na imprensa paulista um comentário sob o título de "Enfim, um escritor".

Eis um trecho deste comentário: "O autor ouve o seu próprio coração, ouve os netos e bisnetos dos imigrantes, conhece palmo a palmo a região, conserva as saborosas expressões regionais ou simplesmente populares e vai contando, vai contando tão bonito, que dir-se-ia estar cantando os episódios de um poema em prosa moderna".

Acerca do capítulo "Balseiros" — declara Aluísio de Almeida: — "O conto 'Balseiros' merece uma antologia".

Gevaldino Ferreira, no Diário de Notícias de Porto Alegre, dia 25-3-1962, escreve: "O material coletado pelo autor para traçar este seu "Semblantes de Pioneiros" é farto e humano. E ele o emprega com tanta naturalidade, num estilo tão simples, que o livro ressumbra autenticidade em cada linha, e a gente o lê com gosto, com vivo interesse, não obstante a sua despreensão literária..." Diz ainda Gevaldino Ferreira: "É excelente o capítulo sobre os balseiros principalmente pelo conhecimento minucioso do itinerário. E começa bonito:..."

Caminhoneiro



Fidélis Dalcin Barbosa

Caminhoneiro

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

B238c Barbosa, Fidélis Dalcin

Caminhoneiro [recurso eletrônico] / Fidélis

Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2015.

853 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-170-4

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Dalcin,
Família – Biografia. 3. Genealogia. I. Título.

CDU: 929.52

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

1 - CAMINHONEIRO

ALCIDES DALCIN foi o pioneiro no transporte rodoviário de carga entre Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, e São Paulo. Por haver ele inaugurado esta heróica epopéia dos caminhoneiros, Alcides mereceu um dia expressiva homenagem das autoridades municipais e dos colegas, que lhe conferiram honroso diploma e uma placa de prata, numa festa comovente que lhe fez rolar as lágrimas pela face.

Um herói, Alcides! Baixo, forte, nem gordo nem magro. Desde os 18 anos, guiando caminhão de sua propriedade. Durante a Segunda Guerra Mundial, a falta de combustível não intimidou. O seu caminhão não parou de rodar. Não havia gasolina, mas ele instalou o gasogênio.

Ah, o gasogênio! Aquele calorão, durante toda a viagem, no inverno e no verão, de dia e de noite! Aquele carvão sujador, que deixava irreconhecíveis as cores da roupa e o próprio rosto do caminhoneiro.

Uma ocasião, durante a viagem pelo Estado de Santa Catarina, o fogo do gasogênio alastrou-se para a carga. Um enorme carregamento de tecido. Queimou a carga e queimou o caminhão.

Mas Alcides era de incrível tenacidade. Gostava de profissão. Comprou outro caminhão, em prestações.

A seguir, tratou de encorajar seus irmãos para que abraçassem a profissão. Principiou a levar de companheiro o Domício. Depois, o Amândio. Por fim, o Mário.

Eram quatro irmãos caminhoneiros, que acabaram



organizando uma gigantesca empresa de transporte — DALCIN S.A.

* * *

Alcides era um excelente camarada, extraordinário amigo de todos os colegas, aos quais, na temporada da caça, costumava festejar com uma perdizada.

Então, durante a viagem, nos campos de Lages ou nos da fronteira com o Uruguai, suspendia o duro trabalho de caminhoneiro para uma pausa festiva. Armava-se com sua Beretta de dois canos, um bom cachorro perdigueiro, e em poucas horas completava a cota permitida por Lei, 25 perdizes, na época.

A seguir, num hotel, reunia os colegas e mandava preparar o banquete, regado com o bom vinho da Cooperativa Aurora, da qual seu pai era presidente. As despesas com o banquete corriam sempre por sua conta.

Era de uma generosidade sem limites. Um imenso coração. Nunca deixou de socorrer um amigo em apuros. Ele, um inaugurador da epopéia dos caminhoneiros, poderia ter feito fortuna. Morreu pobre. Morreu pobre em virtude de sua excessiva generosidade.

* * *

Morreu pobre o Alcides. Pobre e prematuramente. As asprezas da vida de caminhoneiro, sobretudo no tempo do gasogênio e das estradas sem pavimentação, abreviaram seus anos de vida.

Quando foi inaugurado o asfalto da BR-2, a atual BR-116, depois de descer a serra de Santa Cecília, inteiramente coberta



de mata virgem, onde um pinhalão de araucárias colocava um ponto negro no vasto verdume da selva tropical, Alcides recordava suas trágicas aventuras, as longas odisséias vividas outrora, quando jovem, ao volante do seu caminhão.

Vencida a serra de Santa Cecília, sobrevém longo trecho de planura, onde, durante a estação invernosa, as águas permaneciam empoçadas. Era ali que principiava o cruel pesadelo dos caminhoneiros, que enterravam seus pesados veículos nos terríveis atoleiros.

Centenas de caminhões, durante os meses de junho, julho, agosto e parte de setembro, ficavam parados três, quatro, cinco dias, sem jeito de saírem.

Os pobres caminhoneiros viam-se então obrigados a passar a noite na fria cabine do carro, curtindo um frio siberiano. Curtindo frio e fome. Para saciar a fome, deviam apelar aos moradores da região. Os bons colonos, uns caboclos e, na maioria, poloneses, condoídos, faziam das tripas coração. Davam tudo, por preço irrisório.

Havia um trator do Departamento Federal de Estradas de Rodagem, o qual ia tirando os veículos do atolador. Mas o carro saía de um atoleiro para cair no outro, logo adiante. Um interminável rosário de peripécias e aventuras.

Por vezes, não havia trator. Então os caminhoneiros tratavam de socorrer-se mutuamente, fraternalmente. Todos traziam consigo pá, enxada, picareta, com que desobstruíam o trilho do barro, abrindo dois regos; ou transportavam pedras, para compactar o terreno ou torná-lo menos pegajoso.

Acontecia, não raro, nessas violentas arrancadas, fundir o motor, ou quebrar uma peça importante da máquina. Lá ficava



então o veículo abandonado, enquanto o motorista seguia, de carona, para a cidade mais próxima, em busca de uma oficina mecânica.

Os caminhoneiros, quase todos gaúchos, alguns catarinenses, um que outro paranaense ou paulista, já bastante acostumados àquela vida absurda, levavam a coisa na brincadeira. Juntava-se meia dúzia de motoristas de origem italiana. E, então, no meio daquela tragédia, ouviam-se as alegres canções peninsulares, que punham uma gota de alívio no coração que ainda permanecia na sombra da tristeza.

Àquele contágio insinuante, os poucos blasfemadores, que proferiam ladainhas de horríveis impropérios e obscenidades, desanuviavam a alma, para aderir à brincadeira e à folia. Na verdade, era só o que ajudava. Naquela oportunidade, um caminhoneiro bem-humorado, um motorista folião, valia milhões.

Os caminhões da empresa Dalcin S.A. e de outras transportavam vinho para São Paulo, de onde traziam álcool e aguardente. No meio de tanta privação de alimentos e de motivos de coragem, nada melhor que um bom copo de vinho ou de cachaça.

Não poucos afogavam sua tristeza e seu desânimo na bebida alcoólica, tão providencialmente trazida de longe para aquele deserto.

Agora, Alcides, recordando aquelas remotas odisséias e as alegres aventuras, não podia deixar de sorrir, e, mesmo, de pensar com saudade naqueles velhos tempos bicudos.

* *



O ano de 1965 foi trágico para os caminhoneiros das estradas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No dia 18 de agosto deste ano, um terrível acontecimento interrompeu o tráfego. A catastrófica enchente, seguida de uma das maiores nevasdas da história do Brasil, destruiu a ponte do Passo do Socorro, entre o município catarinense de Lages e o gaúcho de Vacaria, na atual rodovia BR-116, no rio Pelotas, que logo adiante toma o nome de Uruguai.

E agora, Alcides? Aquela centena de caminhões da empresa Dalcin S.A., assim como os da Galiotto, de Caxias do Sul, da Rebeschini e de tantas outras empresas de transporte rodoviário, pararam de viajar. Mas Alcides e seus irmãos não sustaram seus negócios. Usando de criatividade, solucionaram logo o grave problema. Mediante enorme mangueira, estendida sobre o caudaloso rio, transferiam o álcool, a aguardente e o vinho de uma a outra margem do rio. Os caminhões que a enchente isolou além do rio, viajavam entre São Paulo e o Passo do Socorro. Os caminhões aquém do rio recebiam a carga e a transportavam a Bento Gonçalves.

Este problema foi solucionado esplendidamente. No entanto, outro grave acontecimento ocorre poucos meses depois. No dia 22 de dezembro, o Domício, que agora assumia a direção da empresa, retornando de Montevidéu, para onde exportava álcool e aguardente, sofre acidente fatal. Parece que foi parada cardíaca. O fusca em que viajava sozinho, na BR-116, entre Santa Vitória do Palmar e a cidade de Rio Grande, de repente, entra na contramão e é colhido por um caminhão-tombeira, que o arrasta por 28 metros, deixando os miolos do infeliz motorista espalhados pelo asfalto...

Domício, 42 anos, deixava a esposa e três filhos menores. A seguir, o Amândio assume a gerência, que, pouco depois,



sofre transformação e altera a razão social. Era o final da Dalcin S.A., na época uma das mais destacadas empresas do ramo.

* * *

Como ficou dito, os Irmãos Dalcin, Alcides, Domício, Amândio e Mário, a princípio, faziam frete para este ou aquele freguês. A seguir, pensaram na fundação de uma firma, que aliasse o negócio do transporte ao comércio. Podia ser o começo de uma grande empresa, talvez de uma sociedade anônima. Quem sabe. Deus ajudando. Trabalhando dia e noite. Sem descanso. Por que não?

Alcides, o mais velho e experiente, o pioneiro, embora um tanto esbanjador, foi assim mesmo escolhido para gerente da firma, uma sociedade de companhia limitada.

Transportando vinho gaúcho para o mercado de São Paulo, traziam álcool, aguardente e açúcar. O negócio do açúcar foi abandonado após um ano de fracassadas experiências. A firma passou a transportar quase exclusivamente vinho, álcool e aguardente. E o comércio limitou-se ao álcool e aguardente. O mais, só para frete.

Tratou-se, em seguida, de abraçar o ramo da indústria, fabricando cachaça com cana-de-açúcar das costas do rio das Antas, no distrito de Santa Teresa, em Bento Gonçalves.

Na localidade conhecida pelo nome de Busa, a três quilômetros da cidade de Bento Gonçalves, onde atualmente está instalada uma unidade do Grupo Móveis Carraro, cujo diretor industrial é o sobrinho Juvenal Dalcin, neste local, que



então era do pai Antônio, foi montado um grande alambique da firma. Entretanto, em virtude da escassez de matéria-prima, a fabricação de aguardente foi suspensa após algum tempo.

Alcides, que se mantinha à frente da firma, decorrido algum tempo, cedeu lugar ao Domício, mais dinâmico e mais econômico. Foi um sucesso. Em poucos anos, a empresa dispunha de uma centena de caminhões, incluindo carretas. Oficina própria, bomba de combustível da Ipiranga, grandes depósitos, poço artesiano...

A firma tornou-se distribuidora exclusiva para o Rio Grande do Sul dos produtos da usina Bandeirantes, do norte do Paraná, uma das maiores do país na época.

Alguns anos de progresso galopante e a firma se transformava em sociedade anônima, sob a denominação de DALCIN S.A. Já por esse tempo, surgia outra importante empresa do ramo, ainda em pleno funcionamento em 1991: A TEGON VALENTI; com sede matriz em Bento Gonçalves.

* * *

Viajando com seu caminhão, Alcides, um dia, parou durante uma hora num restaurante, para escutar da boca de um colega a fantástica história que já ouvira em parte, sem dar-lhe, entretanto, importância, por julgá-la inverídica.

— É mentira, Cláudio! — esclarecia Alcides. — Impossível. Isso não acontece nunca.

— Mas aconteceu. Verdade. Juro que é verdade. Eu conheço o caminhoneiro. É o João Bresolin, é da minha terra.



— Então, vamor ver. Conte lá como foi.

E o Cláudio deixou Alcides de boca aberta, narrando o fantástico acontecimento, ocorrido com um motorista de caminhão, o herói do nossas estradas, que bem merecia um monumento como o do laçador, do entroncamento mais movimentado do Brasil.

— Pois lá em São Paulo — principiou Cláudio — o João entregou a carga. Um enorme carregamento de sua jamanta, um possante Scania Vabis. O comprador pagou na hora com cheque descontável um São Paulo. Doze milhões de cruzeiros.

O João, sabe? é um gigante. Alto, músculos de atleta. Estava de barba crescida. Em mangas de camisa. Suando, deixando exalar do corpo o odor desagradável do suor.

Entrou no banco constrangido, contrariado, revoltado. Também — resmungando — esse patrão! Onde se viu me mandar retirar o dinheiro do banco? Tanto dinheiro assim! Um montão de dinheiro! Aqui, todo mundo olhando pra gente. E, depois, viajar de São Paulo ao Rio Grande com tanto dinheiro...

— Ficha número 13 — gritou o caixa.

João não gostou de ouvir aquela voz gritando alto o número azarento. Ainda esta. Decerto hoje vai me dar a urucubaca, pomba!

Mas, refletiu, corrigindo-se: Não há de ser nada. Pelo contrário, garanto que vou ter sorte, O número 13 é número de sorte.

Abriu a pasta, que num instante encheu com pacotes de notas de cinco mil. Guardou às pressas, sem contar. Contou apenas os maços de cem mil.



Todo mundo de olhos esbugalhados sobre aquela montanha de dinheiro. Sobre aquele homenzarrão, em mangas de camisa, exalando cheiro de suor.

À saída do banco, um policial e um senhor de baixa estatura, conversando baixinho, olhavam para ele, de esquelha.

No dia seguinte, João parte cedo rumo do seu Estado, no Rio Grande do Sul. Vai contente, pensando na alegria que dará ao patrão, o patrão que vibra ao ver uma pasta repleta de notas de cinco mil. O patrão que estrila, quando os motoristas não lhe trazem todo o dinheiro.

Mas eu vou ser franco — dizia consigo o João. — Que o patrão não me mande outra vez ao banco em São Paulo retirar tão grande soma. Desta vez, eu me escapei, mas é um perigo, num país como este infestado de assaltantes.

* * *

Ainda no mesmo dia, quando João viajava rumo de Curitiba, um fusca azul se lhe atravessa na estrada, barrando-lhe a passagem. Do seu interior saltam três homens mascarados, revólver em punho, gritando: o dinheiro ou a vida.

Dois ficam apontando a arma, enquanto o terceiro penetra na cabine e se apodera da pasta. Faz tudo muito rápido, muito certo, como quem está familiarizado com o motorista, com a cabine, com a pasta, com o dinheiro.

— Escutem — pergunta João, de braços erguidos — mas vocês não vão me deixar nenhum dinheiro para as despesas da viagem?



— Trinta mil. Fique lá com trinta mil para suas despesas, e boa viagem!

João, apesar de forte abalo que sofreu, ainda teve calma para anotar o número da placa do carro dos assaltantes. E murmurou consigo: pronto, eu não disse? F. agora? E agora, João? Agora é o fim. O patrão vai me matar. Ele não vai aceitar explicação. Nem falar. Estou perdido. Estou perdido, se eu não der um jeito. Eu preciso descobrir um jeito. Santo Antônio, me ajude.

E largou o Scania a toda a velocidade no encaço do Volkswagen, rumo sul. Corrida alucinante, ultrapassando todos os carros. Um desespero! Nunca ninguém viu tamanha loucura sobre o asfalto.

Não demorou muito, lá ao longe, atrás de uma Kombi, aponta um vulto escuro. Deve ser o fusca dos ladrões. Exato o número da placa, a cor azul. João benzeu-se. Invocou outra vez Santo Antônio e afundou o pé.

Aproxima-se. Vai se aproximando com fúria de tormenta. Os bandidos notam a aproximação. Puxam da arma. Detonam uns tiros, enquanto o caminhoneiro mete seu pesado veículo sobre o carrinho, que esmaga como se fosse um gato.

Ficou uma placa, ensangüentada. Só vendo. O motorista estaciona o caminhão. Vai para perto do fusca esmagado e fica esperando.

Param todos os carros. Não há motorista ou passageiro que não se espante:

— Isso é uma monstruosidade, motorista! Vamos linchar o bandido.



— Calma, minha gente, — diz João. — Deixem primeiro vir a Polícia.

A Polícia veio. E João esclarece, diante de todo mundo:

— Senhor Inspetor, os ocupantes deste carro me assaltaram e me roubaram. Doze milhões. Queira verificar.

Removem os cadáveres. O Inspetor agarra a pasta, cheia de sangue. E dentro estão, sim senhor, os doze milhões, ainda junto com os documentos que acompanhavam o dinheiro.

O Inspetor abraça o João, no meio dos aplausos dos demais motoristas e passageiros, e diz com vibração:

— Meus parabéns, amigo! Você é um herói! Libertou o País do três imrigosos assaltantes. Você merece um prêmio. Você mereço um monumento neste local, erguido aqui como exemplo para todos os transeuntes.

Reparando, depois, nos três mortos, João verifica, com espanto, que se tratava, nada mais e nada menos, do que dos três indivíduos do banco: o caixa, o policial e o senhor que vira à saída da casa bancária...

Alcides, impressionado, mas ainda não convencido, diz para o Cláudio: Se non è vero, è bene trovato.

* * *

Algum tempo mais adiante, já em 1965, Alcides ouviu outro caso semelhante, ocorrido com dois caminhoneiros. A notícia corre, vai correndo de boca em boca. Toma conta do público, da imprensa, do rádio. Conversa do dia.

Foi em Santa Catarina — dizem — perto de Ponte Alta, na BR-116. Um caminhoneiro atropelou e matou uma criança,



filha de ciganos que estavam acampados por lá.

O chofer do caminhão, a alma em pedaços, recolhe nervosamente a pequena vítima e vai entregá-la na barraca, procurando desculpar-se, esclarecendo que não lhe cabia culpa alguma. Que a criança veio correndo para baixo do caminhão. Não era possível evitar. Foi uma fatalidade. Que desculpassem.

Mas o pai da criança não admite desculpas, não aceita explicações. Louco de furor, puxa do revólver e mata friamente o pobre caminhoneiro. Faz mais. Corta-lhe a cabeça. Ergue-a na extremidade de uma vara, na beira da estrada, para que todos vejam. A seguir, toma o resto do cadáver, o tronco, e o prende ao pára-choque do caminhão.

Vai que um irmão do infeliz motorista vem logo atrás, com seu Scania Vabis, uma carreta. Contam-lhe o que acaba de acontecer com seu irmão. Então, ele também tomado de desespero, de furor, de loucura, dirige-se para o local do acampamento dos ciganos. Seu pesado veículo monta nas fúrias do furacão. É um raio. Um raio que se despenha sobre as barracas dos ciganos.

Uma chacina! Doze mortos. Homens, mulheres e crianças. Uns tentam fugir e são abatidos a bala. Salva-se apenas um para contar a história...

* * *

— Esta não! — exclama Alcides por fim. — Esta não posso engolir. Não posso admitir que os caminhoneiros sejam tão cruéis.

Realmente, dias após, o boato vinha desmentido pela imprensa, falada e escrita, de Lages e de outras cidades.



Não passava de mais uma fantástica estória acerca desse herói de nossas estradas. Ali está retratada, nessas duas estórias, a epopéia de linrolsmo do anônimo caminhoneiro. O sofrimento, a exploração de que é vítima; mas também a força do seu braço, a sua coragem indomável, a pujança de seus veículos. Sem falar dos milhares de caminhões que são roubados por todo o Brasil. Diariamente, registram-se furtos de caminhões, não raro com a morte de seus motoristas.

Não há poeta, não há escultor que se dê ao trabalho de imortalizar numa obra de arte a figura heróica desses milhares de gigantes, que dia-a-dia, ao volante do seu pesado veículo, cortam as estradas em todas as direções, transportando o progresso da Nação, fazendo estremecer o solo com o fragor das rodas, acordando os ecos dos vales e das montanhas...

Ah, o caminhoneiro! É um herói! Nunca um frio assassino. São quase todos descendentes de imigrantes, saídos de nossas colônias, como eu. - Era o comentário de Alcides. — São incapazes de matar um gato por querer. Como podem matar uma criança, arrasar um acampamento Inteiro dos pobres ciganos?

* * *

Entretanto, outra história mais fantástica e real acontece um dia com o nosso caminhoneiro Alcides.

Ele era homem de calma incomum, de paciência a toda a prova. Só desta vez, só uma vez, ele perdeu a calma, perdeu a paciência, perdeu o amor pela profissão, chegando às raias do desespero e perdendo até o amor à vida.

Foi no tempo da estrada de chão, sem asfalto algum entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Na estrada velha, na montanhosa



região de Trombudos. O dia fora um calvário, uma odisséia contínua, o carro caindo de buraco em buraco, saindo de um atolador para entrar noutro.

Por fim, esgotadas as últimas reservas de energias, o coitado vê seu iminente resvalar para a valeta. Inapelavelmente. Não houve jeito de tirá-lo e na hora não passava nenhum caminhão que pudesse dar-lhe uma mão. Por perto, nenhuma moradia, a que pudesse se dirigir, pedir socorro, pedir uma junta de bois. Nada.

Então, pela primeira vez, Alcides perdia a paciência. E, muito pior, perdia o amor à vida. Aquela vida ingrata e infeliz, que não valia a pena continuar.

Tomado de incontrolável desespero, saiu ao acaso, afastando-se da rodovia, à procura de um meio para pôr fim à vida. Chegando no topo de uma colina, coberta de grama nativa, avistou, a pequena distância, uma vasta lagoa, com água clara brilhando vivamente ao sol poente, o sol que, após duas semanas de ausência, voltava a secar as estradas, para alívio dos caminhoneiros.

Como bendizendo a inesperada aparição, que lhe surgia por encanto, Alcides, alargando o passo, foi se dirigindo para o lago, sofregamente.

Era uma linda lagoa que nada tinha de trágico, mas apenas convidava a viver alegremente. Toda cercada de risonho gramado verdejante, havia ainda em suas margens dois vultos arbóreos, projetando na água a comprida sombra. Um alto e esbelto pinheiro-araucária e uma alta e esbelta palmeira. Ambos de tronco liso, torneado, artisticamente torneado. No vértice do coqueiro, as palmas, dando aspecto de um espanador, farfalhavam ao vento. O pinheiro abria no alto a airosa copa



redonda, qual vasto guarda-chuva. As grimpas, tocadas pelo vento, cantavam uma bela canção.

Local paradisíaco, falando de alegria, de encanto, de vida. Nada que suscitasse idéia de morte, de suicídio. Mas Alcides, em que pese sua longa vida de calma, sempre disposto, sempre jovial, agora não via a beleza daquele recanto de fábula. Ele só via a beleza da ocasião de se matar, de se atirar às águas claras e plácidas. Nunca um lago se apresentava mais fascinante para saciar sua louca sede de morte.

Foi avançando, o passo decisivo, para a morte. Vou atirar-me e vou afundar como uma pedra — disse consigo.

* * *

Encontrava-se já a poucos passos do pégaso, quando uma suavíssima melodia começa a derramar-se por sobre o lago. Parecia provir do alto do pinheiro e da palmeira.

A melodia enternecedora a seguir se transforma numa orquestra imensa, de vozes celestiais, divinas, como se a água cantasse, o pinheiro cantasse, a palmeira cantasse, a grama cantasse, os montes além cantassem, o sol descambando cantasse.

Em meio àquela solidão, sem uma casa, sem vivalma, ouvir aquela sinfonia tão harmoniosa, tão divina, sinfonia que Alcides jamais ouvira e nunca imaginara pudesse ouvir um dia era demais.

Não era possível continuar perseguindo a morte, pensar em suicídio.

A vida tornava-se agora, como sempre fora aliás, merecedora de ser vivida, de ser vivida plenamente, cantando.



Mesmo aquela vida ingrata de um profissão.

Então, lentamente, como que envergonhado de voltar atrás, Alcides foi se afastando das margens da lagoa, onde se encontrava. Afastando-se lovndo pela sedução da misteriosa sinfonia.

O canto de mil vozes foi então se apagando, até ficar um leve murmúrio, infinitamente doce, espalhando-se pela solidão, até extinguir-se aos poucos, suavemente.

Lamentando agora a ausência do suavíssimo eflúvio da sinfonia, que desejava fosse eterna, Alcides retornava à estrada, retornava à sua triste sinfonia do trabalho, ao ronco monótono e contundente do caminhão, a mais autêntica e realista sinfonia da vida.

Ele agora era outro homem. Sua fisionomia de suiçida se havia transformado em esplendor celestial, irradiante de sol, de luz, de música. Um frenesi delirante tomava conta do seu espírito. Agora ele haveria de tirar o caminhão a muque, custe o que custar.

Inacreditável o que ele vê ali, na estrada, junto do seu caminhão tombado na valeta! Dois fortes colonos e uma possante junta de bois, dispostos a arrancar o pesado veículo.

- Meus amigos, — diz Alcides com um largo sorriso — vocês vieram em meu socorro?

- Vimos.

- Mas quem vos contratou?

- Foi um caminhoneiro, vestido de macacão, decerto o dono deste caminhão.



- Mas o dono sou eu, meus amigos. Onde está esse caminhoneiro?

- Não sabemos. Quando fomos buscar os bois, ele voltou à estrada.

- Misterioso! — exclamou Alcides.

- Misterioso! — exclamaram os dois colonos, entreolhando-se.

- Mais misterioso é o que acaba de acontecer comigo — aduziu Alcides. E ele contou então o caso da lagoa e da sinfonia. A sinfonia que os colonos não ouviram.

Não ouviram e não estavam inclinados a crer naquela fantástica história. Um deles sentiu até vontade de declarar que ele estava sonhando. Mas não disse nada. Não disse nada, porque via o ar de seriedade, de convicção, de emoção, com que Alcides falava, não deixando dúvida acerca da autenticidade daquele estranho fato.

Anos, mais tarde, já aposentado, Alcides não podia conter as lágrimas, sempre que narrava a prodigiosa ocorrência, que lhe salvara a vida como por milagre. Não raro, nessas oportunidades, via-se obrigado a suspender a narrativa para sufocar os soluços e enxugar as lágrimas.

* * *

Concluindo este capítulo sob o título de CAMINHONEIRO, não podemos deixar de homenagear o “pioneiro dos transportes” — CARLOS JOSÉ MICHELON, de



São Marcos, RS, fundador da gigantesca empresa MICHELON, cuja épica história vem sendo filmada neste ano de 1991 pela TVS e TV Bandeirantes. 500 caminhões frigoríficos, 80 de carga seca, filiais em todo o Brasil e na América Latina. A maior empresa do ramo de transporte frigorificado da América, empresa que começou em 1937 com uma carroça puxada a burros. Em 1990 a Rodoviária Michelin faturou 46 milhões de dólares. Lauro e Ladair Michelin, filhos do falecido Carlos José Michelin, dirigem a empresa em São Paulo, enquanto o Dorneles está à frente da matriz em São Marcos.



2 - DOMÍCIO CAMINHONEIRO

DOMÍCIO DALCIN, como seu irmão Alcides, escreveu outra heróica epopéia nas estradas do Brasil, integrando a legião de caminhoneiros a transportar as riquezas do Rio Grande do Sul para São Paulo e vice-versa. Domício também possui uma história que merece registro.

Entre os dez filhos de Antônio e Maria Dalcin, Domício era aquele que mais se destacava pela inteligência. O pai pensou em mandá-lo estudar. Poderia, quem sabe, contar um dia com um filho doutor.

Mas, naquele tempo, poucas eram as escolas de segundo grau mantidas pelo Estado. A maioria delas pertencia a estabelecimentos particulares, que cobravam mensalidades nem sempre ao alcance das famílias da colônia. Domício poderia ser internado. Mas como pagar o colégio de um filho em regime de internato, se Antônio já arcava com a despesa de dois estudando no Seminário?

Depois de quebrar a cabeça em busca de soluções, resolveu-se internar o rapaz sem pagar coisa alguma. A despesa dos estudos e da pensão corriam em troca de serviço. Domício deveria trabalhar no estabelecimento. Trabalhar nas horas vagas, nas horas de recreio.

Nos primeiros dias, tudo correu bem. Diretor e professores, muito contentes. Domício era o melhor aluno da aula. Volvida uma semana, no colégio o serviço apertou; e Domício trabalhava até durante as aulas. Todos os dias. Só lá de vez em quando é que obtinha folga para estudar.

Aquilo não prestava. Nas horas de recreio, os outros



alunos jogavam futebol. Domício tinha paixão pelo futebol. Era o campeão da turma e um dos melhores jogadores de todo o colégio. Mas só lograva jogar um pouco nos domingos.

Uma tarde, sentado no alpendre, sozinho, descascava batatas. Os colegas, todos eles, lá, jogando à vista. Que vida ingrata! Eles brincando, e eu aqui trabalhando. Sempre assim. A vida inteira. Se ao menos pudesse estudar... Mas ficar no colégio só para trabalhar... Ora bolas! Trabalhar eu posso trabalhar em casa. Lá pelo menos ajudo o pai.

Francamente, aquela vida não servia. Carecia dar um jeito. Matutou. Matutou. Até que surgiu um plano que lhe pareceu acertado. O plano da fuga. Sim, fugir do colégio, era a solução, a única solução. De manhã, som dizer palavra a ninguém, o coração aos pinotes, esgueirou-se pelo portão do quintal, ganhando a rua...

Em casa, foi aquela surpresa. Um desapontamento. Afinal, depois de bem descrito o drama, o pai se acalmou. Rumou para o colégio. Esfarrapou explicações ao diretor. Pediu desculpas. Pagou umas contas e lovou a roupa do filho.

* * *

Domício já era moço forte, bonito, disposto. Lamentou o seu fracasso na tentativa de estudar. Agora, o remédio era dar duro. Hei de trabalhar como um mouro, mas quero ganhar bastante dinheiro. Dinheiro para formar os meus filhos. Meus filhos não sofrerão como eu. Quero que sejam doutores. Todos doutores.

Corria o tempo em que na colônia principiava a grassar a febre dos caminhões. Os rapazes, filhos de colonos, ambicionavam tornar-se donos de possantes caminhões de



transporte e com eles largar-se estrada fora, rumo de São Paulo.

Alcides, o irmão mais velho, já possuía seu Ford. Domício começou a servir de auxiliar e companheiro durante muitas viagens. Aprendeu de cor as estradas, o ofício de motorista, de mecânico...

Depois de uns anos, em sociedade com um vizinho, adquiriu um caminhão, a prestações. E agora, vá de trabalhar. Trabalhar dia e noite, sem descanso. Passou misérias nas horríveis estradas daquele tempo. Semanas inteiras, atolado na lama sem fim das estradas...

Mas não se impressionou. Nunca se acobardou. Nunca perdeu a confiança. Eu preciso triunfar. Um dia eu terei uma empresa de dez caminhões. Sim senhor. Dez caminhões. Tenho certeza, certeza absoluta. Deus me ajudará.

* * *

O trabalho, regado com abundante suor, floresceu e frutificou maravilhosamente. Quando comprou o segundo caminhão, celebrou o acontecimento com grande festa, a maior de todas as festas.

A festa foi o casamento com a Zeferina, uma linda garota morena, também humilde e de poucas letras como ele. Mas igualmente louquinha por adquirir maiores conhecimentos, lamentando a falta de estudo. Jurou ela que seus filhos haveriam de se formar todos em cursos universitários.

E os caminhões de Domício deram de aparecer como por encanto. Três caminhões. Quatro caminhões. Cinco caminhões. Agora, todos Mercedes-Benz, gigantescos Mercedões.

Os manos, Amândio e Mário, se entusiasmam. Querem



imitar o Domício e o Alcides. Entram no negócio. Seis caminhões. Sete caminhões. Às vezes, não são apenas sete, mas trinta os que transportam vinho do Rio Grande do Sul para São Paulo, trazendo de lá açúcar, álcool e aguardente, tudo por conta do Domício. Sim, porque do simples transporte surgiu a idéia de negócio. Comprava e vendia. Vendia e comprava...

Depois, fundam-se duas sociedades: um depósito de açúcar e outro de álcool. Em breve, os quatro irmãos encontram-se, como por artes de magia, diante de gigantesca empresa, com mais de cem caminhões. Era a DALCIN S.A. Tudo às mil maravilhas.

* * *

Uma noite, Domício janta em sua casa com o pai e o irmão, já agora ordenado sacerdote, o Pe. Firmino. Falam do extraordinário êxito de seus negócios.

— Eu — diz Domício — aprendi o segredo de vencer na vida. Não é só trabalhando. O trabalho só não adianta. Quanta gente trabalha a vida inteira e nunca tem nada. O segredo é a confiança, a fé, a certeza de vencer, de triunfar. Mas confiança sem desânimo, sem sombra de desânimo, sem nenhuma hesitação. Nunca pensar em fracasso. Até agora, desde que iniciei meus negócios, tudo correu de acordo com meus desejos e aspirações.

Outra coisa — diz Domício. — O que me ajuda ainda é a alegria de viver em paz de consciência, em harmonia com todos, o desejo de que os outros sejam felizes. Não invejo ninguém. Não cobiço nada de ninguém. Não desejo um vintém mal-ganho.

Alegro-me com o bem-estar alheio. Gosto que todos



progridam, que aumentem seu patrimônio, que triunfem. Eu sinto que este modo de proceder me ajuda. Parece que desta maneira meus negócios vão bem. Somente porque almejo a felicidade de todos.

Vivo dizendo isto aos colegas. Outro dia, pecharam dois caminhões. O motorista que se julgava sem culpa ficou furo de raiva. Jurou que mataria o colega que lhe causou tamanho prejuízo. Eu disse:

- Não faça isto, rapaz.

- Faço.

Não seja tolo. O prejuízo é de você, só de você, entendeu? O outro morre. É capaz até de ir para o céu. Acaba de sofrer. E quem fica sofrendo é você. Vai parar na cadeia. Gasta um dinheirão com o processo. Perde o bom nome. Desgraça a família. Nunca mais terá sossego. Viverá continuamente perseguido pelo remorso, pela sombra do morto, como implacável maldição. E quanta coisa mais. O prejuízo é apenas de você... Sabe que o rapaz acabou concordando comigo?

- Ótimo, Domício! — exclamou o Pe. Firmino. — Gostei. Eu estou pensando em que homem extraordinário não daria você, se tivesse estudo.

Pois é, Pe. Firmino. Eu sou burro. Mas serei o último burro da família. Porque os meus filhos... — Virou-se para a filha mais velha, de nove anos: Ana Alice, mostre ao tio o teu boletim.

A garota entregou o boletim ao padre.

- Mais que maravilha, Ana Alice! Sempre o primeiro lugar. Meus parabéns.



- Muito obrigada.

- Pois é, — concluiu Domício. — As outras duas vão sair a esta. Burro basta eu.

- E eu também — acrescentou a esposa.

- Não apoiado — diz o Pe. Firmino. — Se todos fossem como vocês, não haveria burro algum no mundo.

O pai entrou na conversa: Mas, voltando ao assunto, comigo também se dá a mesma coisa. Três vezes desejei comprar um terreno que me agradou. Fiquei pensando, pensando, e acabei comprando este terreno e mais dois, um depois do outro.

— Será mesmo verdade? — pergunta Domício ao irmão.

— Claro que é verdade. A nossa mente possui um poder fantástico sobre nós mesmos. Pensando sempre em coisa boa, nós teremos coisa boa. E vice-versa. Isto que você notou por experiência, Domício, é o que ensinam os psicólogos modernos. Mas os psicólogos chegaram tarde. Já Nosso Senhor o ensinava. Ouça as palavras do Evangelho:

“Em verdade vos digo que, se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: Passa daqui para acolá, e havia de passar, e nada vos seria impossível” (Mt 17,20). “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9,23). “Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te ao mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que ele diz, tudo o que disser lhe será feito” (Mc 11,22).

E o Pe. Firmino continuou: É assim mesmo. Se nós estivermos em paz com Deus e com os homens; se não tivermos sentimentos de culpa alguma, e fizermos nossos pedidos a Nosso Senhor com fé, com toda a confiança, com absoluta



certeza de sermos atendidos, não há dúvida: alcançaremos tudo o que desejarmos. Tudo. Viu, Domício? Mesmo que você queira ganhar um automóvel, você ganhará. Pode fazer experiência.

— Mas sabe que vou fazer mesmo?

— Pode fazer e depois me dirá.

Naquela mesma noite, Domício se concentrou e disse com plena convicção: Eu vou ganhar um automóvel. Eu vou ganhar. Eu sei que vou ganhar. Tenho a mais absoluta certeza...

Ao deitar, depois de feitas as suas orações, repetiu as mesmas palavras de fé e confiança ilimitadas. Isto fez durante quinze dias.

Foi quando viajou para Cruz Alta, a serviço de sua empresa. Apareceu-lhe um vendedor de bilhetes de rifa de um automóvel. Domício não vacilou. E, na plena certeza de ganhar, não se importou de gastar um pouco. Adquiriu um talão inteiro.

No dia seguinte, o rádio lançava no ar o resultado da extração da Loteria Estadual. Sim senhores, o número premiado lá estava no meio do talão. Ganhara um lindo Chevrolet do ano, 1960, pelo qual o próprio dono da rifa lhe ofereceu dois mil e quinhentos cruzeiros, muito dinheiro na época e com o qual Domício pôde iniciar a construção de sua mini-mansão.

Em casa, foi aquele contentamento sem fim. Diz Domício:

— Aí está, Zeferina, a confirmação do que eu sempre disse e o Pe. Firmino aprovou. Eis o segredo do triunfo. Pois eu não disse, negra, que teríamos dinheiro para educar e formar todos os filhos? Deus seja louvado.

Sim, as três filhas concluíram todas o curso universitário, mas só quando Domício já se encontrava na eternidade, onde



entrou triunfalmente no dia 22 de dezembro de 1965, como ficou dito no conto anterior.

Ana Alice formou-se na PUC-RS. Professora de Inglês e de Alfabetização, especializou-se nos Estados Unidos. Casou com o geólogo Luiz Zorzi, com Mestrado na Universidade da Califórnia, tendo ainda participado de um congresso na Rússia e outro na Alemanha, sendo hoje funcionário da Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul, onde a família reside no bairro Petrópolis, em Porto Alegre.

A Vânia formou-se na PUC-RS em Psicologia, casou com o Dr. Homero Eduardo Tocchetto e trabalha no Hospital Presidente Vargas, em Porto Alegre.

A Eunice, que tinha apenas cinco anos quando o pai faleceu, formou-se na PUC-RS em Odontologia, tendo feito curso em Caracas. Trabalha com Clínica particular e no SESI, em Porto Alegre.



3 — CARRETEIROS

Quem visita Montevideu não deixa de admirar a extraordinária obra de arte do famoso escultor uruguaio José Belloni — o monumento A CARRETA, no parque Batlle Ordones. Uma carreta em tamanho natural, puxada por três juntas de bois, com uma roda afundada no barro da estrada. Ao lado, montando brioso cavalo crioulo, o carreteiro agita a aguilhada.

A carreta, outrora o meio de transporte mais comum no Uruguai, desapareceu com o advento do automóvel. O gigantesco monumento “A Carreta” é uma grandiosa homenagem ao velho veículo que representa, símbolo de trabalho do passado histórico que se perpetua no bronze.

Como na República Oriental, a carreta rodou pelas estradas do Rio Grande do Sul, desde os primórdios da colonização. Acompanhou o gaúcho nos risonhos anos de paz e de progresso como nos dias turbulentos de heróicas peleias.

Ao redor da carreta e do carreteiro, formou-se densa literatura, página brilhante na incomparável riqueza do folclore rio-grandense. Poetas e cancioneiros, pintores e beletistas, continuam celebrando a condução humilde que a máquina condenou ao frio degredo dos museus.

A carreta vai gemendo
Pela estrada do rincão.
Vai levando uma saudade
Que nasceu no coração.



Houve, entretanto, no Rio Grande do Sul, uma carreta que os poetas não cantaram, o cinzel não imortalizou no bronze, nem a pena no papel. Carreta não menos gloriosa e que, no entanto, parece relegada às brumas do esquecimento.

Trata-se da carreta de terno, a enorme carreta de quatro rodas, do colono imigrante, que contribuiu altamente para a composição da epopéia de heroísmo por sobre as montanhas do Planalto gaúcho, onde outrora imperava a ínvia mataria e onde hoje fumea a chaminé do progresso e esplende a beleza das cidades.

Os filhos, netos e bisnetos do martirizado carreteiro, que hoje deslizam sobre os asfaltos com seus flamantes automóveis e possantes caminhões, não devem precipitar no abismo do olvido a figura máscula do pioneiro, na expressão mais sublime do seu estoicismo, deixando de erguer-lhe uma estátua como a do laçador no pórtico da capital gaúcha, lavrando, desta maneira, um grito eloqüente contra o ostracismo a que foi condenada a memória deste herói anônimo...

* * *

A encosta da montanha escutou, por mais de dois decênios, o passo lento do cargueiro, na picada barrenta da mata. Nos primeiros anos, quando ainda não existia cavalo, o ombro forte do imigrante transportava o saco de milho ou de farinha, em penosas caminhadas de dias e semanas, rumando para o moinho e voltando para casa.

Depois, apareceu o cavalo, o cargueiro, a tropa. Ah, a trágica história do tropeiro! É mais um canto do poema sem par, escrito a sangue, ao longo do estreito pique sem fim, no cairel do abismo, na sinistra tocaia do bandido, do índio e da fera bravia, aos chicotaços dilacerantes do minuano, na tristeza



imensa dos dias de inverno, sob a chuva enregelada, os passos cheios, na negra desolação dos caminhos encharcados, curtindo fome, frio, calor, em extenuantes jornadas intermináveis...

KiNihmcildos, curtindo fome, frio, calor, em extenuantes jornadas Inini mináveis...

Até que um dia surgiu a carreta. O seu aparecimento foi saudado com estrepitosas festas. Todos saíam de casa para ver passar o primeiro veículo que atravessava a colônia. Um raio de esperança sorria, então, anunciando nova era de progresso.

Alargaram-se as picadas. E, em poucos anos, a carreta, puxada por mulas, cavalos e bois, percorria a serra, numa afirmação soberba de prosperidade. Durante cerca de meio século, foi o único veículo de transporte na zona colonial. Sobre o velho traste, hoje desaparecido, viajavam os gêneros, os cereais, os instrumentos, as mudanças, os produtos industriais, os artigos de comércio e o próprio homem.

O número de unidades da primitiva condução foi aumentando progressivamente. A princípio, uma que outra, propriedade de algum comerciante ou forte agricultor. Depois, aos poucos, a carreta passou a ser pertence de quase todas as famílias.

Carrocinhas de bois, para serviço da roça. Carretas médias de dois mi cavallares. E enormes carretões, de altas rodas, tiradas por ternos de seis, sete, oito e até nove mulas.

Partiam dos mais afastados rincões, carregadas de milho, trigo, feijão, batata, alfafa, madeira, erva-mate, porcos, couros, e rumavam para os povoados, vilas e cidades. Voltavam trazendo fazendas, açúcar, sal e demais artigos de comércio.

Nos dias lindos de verão, a carreta rodava sem parar,



fazendo e desfazendo léguas, no trote das mulas, barulhenta, levantando poeira, sem novidade, o carreteiro assobiando, reboleando o arreador da açoiteira...

Mas quando a chuva tombava, transformando as estradas em imensos lodaçais e atoladores, o trabalho e o sacrifício do pobre carreteiro assumia proporções de heroísmo.

Na estação invernososa, com os rios e arroios cheios, as carretas permaneciam dias, noites e semanas paradas, sem jeito de avançar.

A diiii profissão de carreteiro exigia férrea saúde, reforçada MMIUIMult,iU) física e coragem indomável, capaz de enfrentar com MIMli i mi mi o rigor das intempéries, a chuva, o calor, o frio, a neve, o ihliiii Mi ' i lome, o peso da bagagem, noites de insônia ou dormidas ao HMumIh iluIxiIxo da carreta, sobre os arreios...

A dura profissão de carreteiro exigia férrea saúde, reforçada constituição física e coragem indomável, capaz de enfrentar com estoicismo o rigor das intempéries, a chuva, o calor, o frio, a neve o minuano, a forme, o peso da bagagem, noites de insônia ou dormidas ao relento, debaixo da carreta, sobre os arreios...

* * *

Chamava-se BERNARDO ZILIO, mas era conhecido apenas pelo apelido de BERNARDO ÍNDIO. Baixote, retaco, possante, era o italiano mais forte da Roça Reiúna, também chamada de Paese Novo e, a seguir, de Alfredo Chaves, hoje



Veranópolis.

Bernardo levantou cedo, naquela manhã de geada. Chegou no galpão, onde as mulas terminavam de comer o milho e a alfafa que de madrugada lhes deitara. Passou o buçal na Ruana, a mula de sela. Falou:

— Vamos, Ruana. — E conduziu a mula para junto da carreta, no outro galpão. Estendeu-lhe a retranca no lombo. Colocou o peitoral no pescoço. Encilhou-a. Puxou-a para a frente do veículo, ao lado esquerdo do cabeçalho.

— Basta, Ruana, — disse puxando a rédea.

A mula recuou uns passos. Bernardo pegou uma das correntes do balancim. Enfiou-a nas argolas da retranca. Enganchou a ponta no peitoral. Fez o mesmo com a outra tiradeira.

Assoprando nos dedos, retirou do prego da parede o freio da “Pierina”, a mula de coice. O nome provinha da primeira namorada, chamada Pierina, que lhe pregara um bruto carão, dando-lhe um fora definitivo.

Trouxe o animal para junto da Ruana, ao lado direito do cabeçalho. Atroucou-a à carreta. Prendeu as duas correntes do cabeçalho ao peitoral das mulas. Voltou à estrebaria. Trouxe a “Antonietta”, a mula de reboque e cujo nome se originou do antigo proprietário, chamado Antônio. Num instante, estava atrelada, ao lado da “Pierina”.

Arrastou a balanceira de cinco balancins. Engatou-a no cabeçalho. Distendeu pelo chão os tirantes. Com o freio, pegou o tordilho, chamado “Padre”, porque o havia adquirido dos capuchinhos da paróquia, negociando com uma mula. Colocou a retranca, as correntes. Igualmente, procedeu com a “Mimosa”,



com a “Estrela”, com a “Bonita” e com o “Baio”.

Os cincerros dos fletes tinham sem parar, com som diferente. Ajoujou os cinco animais com a colhera. Amarrou as pontas da regeira no “Padre” e no “Baio”. Passou-a no arção do lombilho da “Ruana”. Ajeitou os pelegos, a sobre-cincha, a capa emalada. Finalmente, soltou, atrás da carruagem, a “Gateada”, a mula de revezo. Ia solta mesmo, guiada pelo cincerro do cavalo-madrinha. O cavalo ou a égua-madrinha é o melhor amigo do carreteiro. Onde ele ou ela estiver, tilintando a campainha, lá estarão as mulas. Nunca se afastam da madrinha, acompanhando-a sempre.

— Será que falta alguma coisa? — Falou sozinho, batendo na testa com a mão.

Trepou nos raios da roda dianteira. Levantou a lona. Bombeou a carga. Sacos de milho, feijão, batata, couros, alfafa, erva- mate...

— A viagem é grande. Preciso reparar tudo.

Retirou o martelo que servia de pino para segurar a balanceira no varão. Bateu as chapas das rodas, para examinar se estavam firmes. Deu umas pancadinhas na cavilha da roda. A cavilha saiu. Saiu a arruela. Depositou-as no degrau da escada do paiol. Puxou com força a roda para fora, firmando-a na ponta do eixo engraxado. Passou mais alcatrão com uma colher velha. Empurrou a roda no lugar. Untou as outras rodas.

— Está tudo pronto. Agora vamos tomar café — monologou.

Entrou na cozinha, esfregando as mãos e a murmurar:

— Que frio, porca miséria!



Enquanto tomava café com polenta e salame, a mulher perguntou:

— Quantos dias vai demorar a viagem, negro?

— Depende do tempo. Rosa. Se não chover, pretendo voltar dentro de vinte dias. Chovendo, talvez demore um mês. São João é muito longe. As estradas, horríveis; a carga, pesada. Vá rezando, negra, para que tudo corra bem. E o farnel está pronto?

— Já. Prontinho, com pão, salame, queijo, vinho.

* * *

Bernardo levantou-se. Pôs as esporas nas botas. Levou o cesto da bóia. Colocou na carreta, debaixo da lona. Pegou o arreador de açoiteira, feito de longo vime trançado com couro. Apertou a barrigueira da Ruana. Montou.

Num largo gesto, reboleou a açoiteira que estalou no ar, fazendo arrepiar as mulas. Deu um grito. E o veículo partiu correndo, barulhento. A geada estalava sob as rodas. Os cincerros dos cavalos começavam a longa jornada do tilintar sem fim, anunciando à distância de muitas quadras a passagem do enorme carretão de Bernardo Índio.

Ainda perto de casa, a carreta atolou no primeiro lodaçal, junto a um passinho. O carreteiro velho não se espantava. Cravou as esporas na Ruana. Fez estalar ruidosamente o arreador. Deu quatro gritos, entre crespas blasfêmias em italiano. As mulas estremeceram, num arranco supremo, alongando o corpo, quase a tocar o chão com o ventre.

— Este “tatu” foi fácil de arrancar — ponderou Bernardo.

Era mestre na arte. Conhecia o instinto, a “Psicologia”, das



mulas.

Estavam adestradas a primor com o sistema. Grito e blasfêmia era o remédio certo, infalível.

Muitas vezes, depois de haver arrancado um “peludo”, Bernardo índio recordava a viagem que fizera um dia a D. Isabel (Bento Gonçalves), levando na carreta o Padre Luís, pároco do “Paese Novo”. Aquela viagem foi uma agonia. Não ousava gritar e muito menos blasfemar, na presença do sacerdote. E, assim, o serviço não rendia. Mas na íngreme subida do morro do Rio das Antas, não houve outro jeito. Em vão o capuchinho rezava e dava bênçãos. Bernardo não se conteve, morto de impaciência.

— Padre, desculpe, mas aqui é só do meu sistema. Com licença.

Soltou quatro berros infernais e quatro infernais blasfêmias, enquanto vergastava o lombo dos animais. A carreta repechou a ladeira lindo, floeirita, nomais.

Ao parar, na primeira banquetta, junto a uma fonte, apeou e disse ao capuchinho, em tom gaiato:

— Padre, estas já estão confessadas, não é?

A blasfêmia, parece incrível, mas era coisa sagrada para os carreteiros. Todos eles possuíam uma coleção do tamanho da ladainha de todos os santos. E timbravam em enriquecer o sinistro repertório, chegando alguns a pagar a quem ensinasse uma nova blasfêmia. Dois carreteiros, meio embriagados, às vezes, faziam apostas de proferir as piores.

* * *

Ao chegar na descida do morro de Santo Antônio Abade, Bernardo apeou. Apertou o breque. Passou uma corrente nos



raios e na cambota da roda esquerda. Amarrou no eixo. Deu uma laçada no varão. O lançante ali descia coleante e íngreme. Era um perigo fiar-se somente na trava. Agora, a roda ia de arrasto, triturando as pedras, que faiscavam. A outra roda girava um pouco e parava. Tornava a girar, rangendo a chapa.

Nos atoladores do banhado, lá adiante, Bernardo encontrou uma carreta com as rodas afundadas na lama até a massa. O carreteiro, ajoelhado no tijuco, a praguejar, a blasfemar. Bernardo apeou, aproximou-se e falou:

— Como é, Beppi, não vai?

— Não. Mas agora eu já sei como fazer, porca miséria!

Agarrou o chapéu. Chamou para dentro dele todos os santos.

Mandou sair Santo Antônio, o padroeiro dos carreiteiros. Colocou no chão e esmagou com uma pedra.

— Agora eu garanto que vai. É obrigado.

Montou. Esbravejou, blasfemou, arrebentou o lombo dos animais. E a carreta ali parada. Não se mexeu do lugar.

— Espera aí, Beppi — disse Bernardo. — Deixa que eu tiro essa geringonsa num upa.

Enterrou as botas no barro, encostou o ombro no varão, fez um esforço gigantesco e levantou uma roda traseira, e a carroça saiu, nomais.

Força maluca, a de Bernardo Índio. Todos conheciam o gigante. Era o homem mais forte do mundo, diziam. Carregava às costas cinco sacos de açúcar de uma só vez.



Ao meio-dia, chegou no Monte Bérico, lá onde atualmente existe a famosa fábrica de bolas de futebol dal Ponte. Chegou com atraso de duas horas, por causa dos “tatus”. Lá encontrou sete carretas, estacionadas em frente da casa de pasto. Desatrelou as mulas, os cavalos. Desencilhou o Ruana. Soltou-os no piquete. Os animais deitaram logo no chão, espojando-se. Era um banho reparador, um banho de poeira. Bernardo, em seguida, deu-lhes água, milho e alfafa.

Na pensão, Bernardo foi muito cumprimentado:

— Como é, Bernardo, não vai tomar vinho no barril, hoje?

— É muito frio.

— Não faz mal. Vamos ver. O Toni aqui não acredita na sua força. Diz que não é verdade que você bebe no barril.

Bernardo não teve outra volta. Aproximou-se da pipa com cem litros de vinho. Agarrou-a com as duas mãos. Levantou à altura da cabeça. Encostou os lábios no batoque e sorveu meia dúzia de goles, enquanto gotas vermelhas escorriam pelo rosto e pingavam sobre o peito, manchando a roupa.

— É verdade — exclamou Beppi. — Esse homem é um monstro.

* * *

Às duas horas, Bernardo atrelou os animais e seguiu viagem. Tirou alguns “peludos”. De repente, a Pierina deu de mancar. O carreteiro apeou. Levantou a pata da mula. Uma pedra estava encravada no casco, no meio da ferradura. Pegou o martelo. Com três pancadas, a pedra saltou fora.

Em Lajeadinho, Bernardo parou. Tomou café na casa de pasto do Seu Dal Pai. Brincou com o hoteleiro, recordando um



fiasco dele diante de um tropeiro de Lagoa Vermelha.

Os imigrantes italianos, muito econômicos, costumavam poupar o queijo. Comiam um pedacinho com muita polenta, ao passo que os gaúchos dos campos, criados na fartura de leite e queijo, devoravam grandes nacos, sem a mínima preocupação. Para os italianos, aquilo era falta de educação. Educação, em dialeto vênето, se diz creança. Aí o Sr. Dal Pai, indignado, vendo o freguês a dar cabo do seu precioso queijo, pergunta:

— Escuta, moço. Você não tem creança?

— Não, eu sou solteiro — foi a resposta pronta.

O sol já havia sumido do horizonte, quando Bernardo iniciou a descida do morro do Rio das Antas. Chegou no passo já noite alta, a lua derramando rajadas de prata sobre as águas que rolavam açodadas.

Soltou os animais. Espojaram-se. Beberam água. Deulhes milho, alfafa. Na casa de pasto jantou com vários colegas. Bateram um papo. Tomaram chimarrão. Cantaram. Jogaram a mora. Deitaram.

Às duas da madrugada, Bernardo levantou. Todos os carreteiros levantaram para dar de comer às mulas. Bernardo, com o lampiãozinho na mão, entrou na estrebaria. Despejou milho e alfafa na manjedoura. Voltou a deitar.

Era a lida de todos os dias, àquela hora. Sempre, mais ou menos às duas horas, o carreteiro interrompia o sono para tratar os animais. Já estava tão habituado, que não necessitava de despertador. Acordava inevitavelmente.

Ao clarear do dia, pegou os animais. Atrelou-os. Tomou café e partiu. A carreta entrou na balsa, que se movimentou



lentamente rio acima, beirando a margem do caudaloso rio. Subiu uns duzentos metros. Dobrou à direita. A correnteza foi arrastando a balsa rio abaixo. Os remadores manobravam velozmente os compridos remos de angico. Bernardo ajudava. Em poucos minutos, a barça atravessava a correnteza, a uns duzentos metros abaixo da altura do trapiche. Agora, vai subindo, devagar, perto da barranca. Atracou. Bernardo montou a cavalo. Vibrou o arreador. A carreta venceu a rampa e disparou atroando com fragor pela estrada pedreguenta e plana do vale.

Bernardo sentia arrepios ao pensar na subida do morro. Aquilo era sério tormento para os carreteiros. Ladeira íngreme, quase em pé, infinita, sinuosa, beirando abismos profundos, circundando altíssimos paredões. Foi aqui — ele não podia esquecer - onde pedira licença ao Padre Luís para blasfemar. Passagem maldita, escutava diariamente diabólicas imprecações, pesadas blasfêmias. Ali, o demônio andava à solta, a instigar os carreteiros e amaldiçoar todos os santos.

Muitas vezes, depois destas crises em que ofendera a Deus, Nossa Senhora e os santos, Bernardo voltava a si. Refletia na loucura daquele gesto ignóbil, covarde. E então excomungava a vida do carreteiro. Antes nunca tivesse abraçado a dura profissão. Maldizia o abominável vício da blasfêmia. Os italianos. Só os italianos blasfemam. Como é que os brasileiros não blasfemam? E se por acaso o fazem, é sempre em italiano, porque aprenderam dos imigrantes. Chegou-se mesmo a aporuguesar a palavras “bestemar”. Maldito vício da nossa raça!

Recordou a anedota da criação do italiano. Nosso Senhor resolveu criar o italiano. Formou-lhe o rosto. Abriu-lhe os olhos. Afilou-lhe o nariz. Distendeu e amoldou-lhe as orelhas. Quando ia rasgar-lhe a boca, S. Pedro interveio, protestando,



enérgico:

— Não faça isso, Mestre.

— Por quê?

— Não faça. Do contrário terá de se arrepender.

Mas Nosso Senhor pegou da navalha e com um talho rápido abriu-lhe a boca. Para quê? O italiano proferiu feia blasfêmia, amaldiçoou Nosso Senhor, exclamando:

— Porco Dio, que bruto rasgão que me fizeste!

Pois é, dizia Bernardo com seus botões, o italiano é assim toda a vida. Blasfema com a maior naturalidade do mundo. Blasfema sem pensar. Creio, mesmo, que às mais das vezes, nem comete pecado. Bem o demonstrou o meu amigo Toni, durante as missões. O missionário dirigiu-lhe vibrante apelo, pedindo-lhe que fizesse promessa, que jurasse, para deixar de blasfemar. E ele prometeu solenemente:

— Sim, padre, de hoje em diante, juro, porco Dio, que não bestemo mais.

De vez em quando, Bernardo índio, depois de uma crise de nervos em que blasfemara, arrependia-se. Rezava o ato de contrição. Pedia a Santo Antônio que o defendesse contra aquela praga maldita. As vezes, puxava o rosário do bolso e rezava, andando a cavalo, tocando as mulas.

Pouco depois sobrevinha a rampa. As mulas começavam a forcejar e paravam. Não adiantava os guascaços. Se elas não ouvissem gritos e blasfêmias não venciam a rampa. E lá voltava a sinistra ladainha. Os animais espichavam o corpo, distendiam os jarretes, escorregavam, as ferraduras faiscando nas pedras, ajoelhavam. Caíam. Levantavam sob a chuva de violentas



chibatadas e impropérios. E assim a viagem prosseguia.

Pois é, comentava Bernardo. Quem quiser largar mão da blasfêmia, que deixe de ser carreteiro. Carreteiro é sinônimo de blasfemador. Eu ainda não vi carreteiro que não blasfemasse. Nenhum. Que Deus tenha pena de nós, pobres carreteiros. Que um dia se acabe esta profissão. Sim, mas quando? Se não fosse o carreteiro, quem é que transportava os gêneros, os artigos, toda espécie de carga? Na colônia, o progresso principiou com o advento da carreta. Sem ela, a colônia morre, inevitavelmente. Ah, póvera América!

Lembrava-se de outros carreteiros que chegavam a vender a alma ao diabo. Que viviam ao lado do capeta. O demônio os protegia. Coisa triste! Uma vez, na entrada de Nova Trento para Caxias, alguns carreteiros atolados proferiam as mais execrandas blasfêmias. Lá pelas tantas, um deles exclama:

— E se é mesmo verdade que existe o diabo, que venha me buscar o chapéu.

E colocou o cabungo sobre o toco de um pinheiro, à beira da estrada. Imediatamente, com incrível espanto de todos, vem se aproximando um negrinho, feio como o demônio, de cabeça grande e chata, caminhando desengonçadamente. Vai direto ao chapéu. Agarra-o. Dá quatro passos e some... Aquele carreteiro, depois desta façanha, nunca mais blasfemou. Nunca mais.

Outro carreteiro de Capoeiras (Nova Prata), famoso blasfemador, surpreendido um dia por violento temporal, deu de blasfemar e disparar tiros para o céu. De repente, um raio tomba ali mesmo, matando todas as mulas, até a de sela em que ele ia montando. Só não morreu o carreteiro, que levou a maior lição da história e nunca mais blasfemou.



Bernardo recordava casos semelhantes e outros piores e se consolava. É verdade que neste ponto ele não possuía boa fama. Mas, afinal, ainda não se acolhera com o demo...

* * *

Ao meio-dia, chegava no alto do morro da serra do Rio das Antas. As mulas descansaram. A Bonita foi substituída pela Gateada, a de revezo.

O tempo começou a esquentar. De manhã já não havia geada. Bernardo bombeava o céu. No horizonte levantino, tiras de nuvens vermelhas riscaram o céu. Mau sinal. Sombras negras dançavam na mente do carreteiro. Vai chover ainda esta noite, porca miséria! E a “Cavreca”? Como poderia atravessar a “Cavreca”, com chuva? A “Cavreca”, era o inferno dos carreteiros que viajavam para São João de Montenegro. O nome provinha de uma corruptela feita pelos italianos do lugarejo Kaureck.

Pernoitou nas proximidades de D. Isabel. De madrugada, quando levantou para dar de comer as mulas, a chuva caía. Bernardo proferiu uns palavrões, amaldiçoando o tempo.

De manhã, mesmo abaixo de água, atrelou os animais e partiu. Andou três horas para perfazer alguns quilômetros. Cada pouco, tirava um “tatu”. Parou na primeira casa de pasto. E a chuva velha tombando sem parar. Resolveu pousar. Havia ali onze carreteiros estacionados, jogando cartas, a mora, cantando modinhas italianas. Uns tomavam chimarrão. Outros bebiam vinho. Estes, ao anoitecer, estavam completamente embriagados. Blasfemavam, diziam besteiras, o diabo.

As duas horas, a chuva cessou. Bernardo, no dia seguinte, de manhã, continuou a viagem. Junto partiram 16 carretas. Agora os “peludos” eram mais freqüentes. Tornava-se necessário



colocar duas, três ou quatro pontas para desatolar um veículo. Uns carreteiros transportavam às costas metade da carga, para aliviar o peso na passagem do lodaçal. Uma carreta quebrou o eixo traseiro.

Bernardo passou por Conde d’Eu (Garibaldi). O dia seguinte foi outra odisséia. Frio de rachar. Após uma arrancada morruda, arrebentou o gancho da balanceira. Bernardo consertou, provisoriamente. Quando tentava enganchar a balanceira, as mulas se movimentavam e, por infelicidade, um dedo da mão direita do carreteiro ficou preso nos anéis da corrente e totalmente esmagado. Bernardo viu muitas estrelas. As mulas ouviram improperios e os santos, nomes feios.

E, para cúmulo de males, naquela noite de geada, não pôde chegar à casa de pasto. As mulas não agüentavam mais. Pousou na estrada. Deu milho e alfafa aos animais. Acendeu o fogo. Com os arreios, capa e pelegos, ajeitou uma cama debaixo da carreta. Abombado como estava, sempre dormiu. Não sofria passar a noite ao relento, com as tripas zunindo de fome. Isto acontecia-lhe em quase todas as viagens.

Só três dias depois, pela tarde, é que chegou à “Cavreca”. Encontrou lá aquela carretama velha engatada. Mais de trinta carretas paradas, sem poder ir para frente. Bernardo prontificou-se a dar uma mão. Desprendeu a ponta de suas mulas. Levou-as andando a pé e segurando a regeira com a esquerda e na direita o arreador. A frente do primeiro carretão, já com cinco pontas, engatou o terno. O barro tapava as massas das rodas e parte do caixão. Começou a gritaria: nomes, blasfêmias, imprecações, pragas. Misturavam-se com o estalo dos guascaços e o tilintar dos cincerros dos cavalos, formando infernal orquestra, que ecoava nas encostas da serra, coberta de negra mataria. O carretão saiu. Saiu o segundo. O terceiro. O quarto. Enfim,



todos. Os pobres animais, atascados na lama até o pescoço, alguns tombavam e eram arrastados por meio do laço. A Zaina do Mafassioli morreu ali mesmo, sendo-lhe arrancada a cabeça, de tanto puxar com o laço. Outras saíam estropiadas, quase imprestáveis. Bernardo arruinou a Bonita, que em Montenegro negociou por outra nova, voltando trinta mil-réis.

Os pobres carreteiros mergulhavam na lama até a cintura. O barro gelado penetrava nas botas. Assim passavam o dia, molhados, sujos, entangidos de frio, a maioria sem almoço. Ótima escola de sofrimento para exercício da virtude da paciência. Infelizmente, os nossos heróicos carreteiros daquele tempo, criados na escola das blasfêmias, perdiam o inestimável tesouro cristão de tantos merecimentos...

* * *

Mais uma semana de viagem, descendo quase verticalmente estreita picada, à beira de temerosos precipícios, quase sempre com as rodas travadas com correntes, chegou a São João. Descarregou a mercadoria. Três sacos por vez, às costas. Todo mundo olhava espantado para aquela força extraordinária. Enferrou as mulas. Carregou a carreta de sacos de açúcar, sal, café, fardos de fazenda, enxadas, serrotes, machados e outros artigos para os comerciantes da Roça Reiúna. Esperou dois dias a fim de que os animais descansassem.

E encetou a viagem de volta. Outro calvário não menos penoso que durou 14 dias. Chovera muito, e os arroios encheram, não dando passo. Duas vezes foi obrigado a descarregar a mercadoria, transportá-la às costas para além dos passos e dos atoleiros, num percurso de duzentos metros.

Uma tarde, encontrou um agrupamento de carreteiros. Bernardo olhou e viu, no meio deles, estendido no chão, o



cadáver de um colega. Caíra da mula, embriagado. Os animais se assustaram e correram, ocasionando a tragédia. A cena impressionou a Bernardo. Carreteou o resto do dia com o pensamento no desastre. Não era o primeiro caso. Em quase todas as viagens, deparava acidentes com estes valorosos transportadores da riqueza da colônia. Morriam estupidamente sob a rodas do veículo. Ah! vida desgraçada!

Quando Bernardo chegou em casa, haviam decorrido 29 dias desde a partida. D. Rosa vivia ansiada com tanta demora.

Assim era a vida de Bernardo índio. Assim era a vida de todo carreteiro. Em 1910, inaugurada a estrada de ferro para a colônia, as viagens de carreta encurtaram. Já não carecia ir até S. João de Montenegro e S. Sebastião do Caí. Bernardo a princípio carreteava até Carlos Barbosa e, a seguir, até Bento Gonçalves. Muitas vezes ia só até o Rio das Antas transportando tábuas de pinho, que daí desciam em balsas até Porto Alegre.

Em 1918, Bernardo índio, apesar de ser um homem muito forte, caiu enfermo, vítima da terrível “espanhola”. A doença prendeu-o em casa. Meditava, então, na eternidade e na sua vida de blasfemador. Converteu-se sinceramente. Rezava e comungava com freqüência. Ao Pe. Luís de Ia Wernaz, que o visitava amiúde, declarou ele um dia:

— Ah, padre Luís, se Deus me desse ainda vida, Bernardo índio havia de mostrar o que faria um bom cristão.

Numa destas visitas do pároco, não se encontrava em casa quem fizesse almoço. Então Bernardo levantou-se da cama. Sentia-se melhor. Surdo aos rogos do sacerdote, foi ao fogão passar uns bifés. Depois, sentou-se à mesa junto com o capuchinho. Foi quando, repentinamente, faleceu.



Ao lado do ministro de Deus, teve morte santa o carreteiro que por longos anos cruzou as barrentas e montanhosas estradas da colônia italiana, por onde hoje desfilam roncando os gigantescos caminhões, que acabaram com a carreta, realizando assim o velho sonho de Bernardo Índio. Sonho que este herói considerava utopia.

* * *

Quem vai de Vacaria até a pequena cidade gaúcha de Esmeralda, depois de passar por Muitos Capões, cruza o Passo do Bordó, antes de chegar à Extrema. Ali morava o famoso carreteiro conhecido pela alcunha de BORDÓ, que deixou o nome à localidade.

Como Bernardo índio, Bordó fora batizado pelo povo com um apelido. Italiano ou filho de italiano de Nova Trento (Flores da Cunha), era muito feio, parecido com cachorro buldogue que os colonos corromperam em bordó. Quase ninguém sabia o nome e sobrenome daquele intrépido carreteiro que deixou após si denso rastro de fama.

Bordó foi êmulo de Bernardo índio e de tantos milhares de carreteiros que durante meio século percorreram a colônia italiana e a campanha do nordeste gaúcho, os campos de Cima da Serra. Carreteava de Flores da Cunha e Caxias do Sul para Vacaria, Lagoa Vermelha, Sananduva, transportando mudanças de emigrantes das velhas para as novas colônias. Acabou fixando residência no campo, para melhor servir aos comerciantes da região.

Disponha de uma verdadeira frota de carretas de terno, nunca menos de sete, com mais de 50 mulas. As mulas mais lindas do mundo. Cuidava delas com esmerado capricho. Sempre gordas, a preceito. Ele podia passar fome; as mulas,



nunca.

Sacrificado ao extremo, dormia freqüentemente embaixo da carreta, mesmo em noite de cruel inverno. Trabalhador como poucos. Um coração aberto, chegava a dar a própria camisa a quem lha pedisse. Amigo particular do Coronel Firmino Paim Filho, transportava para as suas forças revolucionárias as munições, enfrentando, às vezes, a fuzilaria inimiga.

Possuía um defeito, o defeito dos carreteiros — a blasfêmia. Blasfemava como um turco. O vício repelente conquistara-lhe negra fama. Quem o visse assim esbravejando, praguejando contra os animais ou os peões, diria que Bordó era o homem mais ruim do mundo. Puro engano. Era um coração de ouro. Sofria com a desgraça alheia, mais do que com a própria.

Uma ocasião, viajando para Sananduva, chuva torrencial prendeu-lhe as carretas nas proximidades de Lagoa Vermelha, perto da casa comercial de Raimundo Salomoni, hoje simples moradia da família Roman.

Parecia que o céu se desmanchasse em água durante mais de uma semana. Aborrecidíssimo e meio embriagado, Bordó destratou miseravelmente um peão, que quebrara o cabeçalho da carreta. Disse as últimas ao coitado. Imprecações, despautérios e horríveis blasfêmias. O coitado do peão sentiu-se tão profundamente humilhado que metia pena. Salomoni sentiu sinceramente aquela humilhação. Resolveu vingar-se, pregando uma boa lição ao Bordó.

Encheu de palha um saco de estopa. Vestiu-o com a roupa do peão. Resultou um perfeito boneco. Enforcou-o numa árvore do capão vizinho à venda. Foi ter com o carreteiro e falou:

— Sabe de uma coisa, Bordó? Aconteceu uma desgraça.



— Oh, possível? Está louco?

— Pois é. Uma grande desgraça. Tão grande que eu não tenho coragem de lhe contar.

— Porco Giuda! O que será? Diga logo, vamos.

— Bordó, quando as coisas vão mal, as desgraças se precipitam uma depois da outra.

— Mas o que foi que aconteceu, afinal? Vamos diga.

— Bordó, eu não sei como fazer para lhe contar.

— Era só o que faltava. Mas diga lá de uma vez.

— Seu Bordó, vou contar. Mas peço que não se espante, sim? Sabe, você destratou tanto o seu peão, que o coitado miserável, desesperado, se enforcou.

Bordó deu um grito e um pulo para trás e quase caiu. Pôs as mãos na cabeça e começou a chorar, exclamando:

— Ainda esta desgraça. Isto é demais, porca miséria! Não pode ser.

— Vamos lá ver, Bordó. Está dependurado na árvore até agora.

— Não, não. Eu não vou lá, não.

— Vamos. Que é que tem? A desgraça já aconteceu. Vamos chamar a polícia e pronto. Não adianta chorar.

Bordó não se decidia a ir ver. Dava um passo para a frente, dois para trás. Um para a frente e dois para atrás.

Salomoni agarrou-o pelo braço:



— Vamos, Bordó. Deixe de histórias. O que é que vamos fazer?

A muito custo, proferindo exclamações e blasfêmias, chegou ao capão. Mas não ousava levantar os olhos para as árvores.

— Veja, Bordó, lá está o coitado.

Por fim, o carreteiro fez um esforço, levantou os olhos e gritou:

— Ah, é ele mesmo! Nem sequer tirou o chapéu.

O chapéu estava preso pelo barbicacho. Bordó sentou no chão, num descontentamento sem fim.

— Deixe de bobagem, Bordó. Eu já falei com o Delegado. Eu vou cortar a corda.

Salomoni trepou na árvore e com o facão vibrou dois golpes, cortou a corda e o “enforcado”, levezinho como era, com o impulso da pancada, foi cair bem juntinho dos pés do Bordó, que deu mais um pulo e um grito:

— Mas é ele mesmo, o coitado!

O caso foi largamente comentado durante muitos dias. A lição produziu seus bons resultados. Daí por diante, Bordó tratou melhor seus peões. Moderou-se nas blasfêmias. E continuou a correr léguas e léguas pela vida afora. Até que um dia, em sua terra natal, Flores da Cunha, sentindo-se mal, consultou o médico. Este achou o caso muito sério. Bordó sofria do coração. Devia deixar aquela profissão, aquela vida pesada. Mas ele desprezou o conselho médico. Ria-se. De noite, no hotel, pouco tempo mais tarde, uma síncope cardíaca deixou Bordó sem vida.



DEMÉTRIO DIAS DE MORAES, o laureado historiador de Lagoa Vermelha, hoje (1991) com 86 anos, é do tempo das carretas. Lembra-se muito bem. Era pequeno. O pai. Capitão Francisco Dias de Moraes, doente, no hospital de Bento Gonçalves. A mãe mandou Demétrio fazer companhia ao enfermo. Contratou o carreteiro Angelo Balotin, pai de Domingos, outro carreteiro, este pai de Renato Balotin, funcionário do Banco do Brasil em Lagoa Vermelha. A mãe contratou o carreteiro para levar o rapaz.

De manhã bem cedo, Demétrio partia numa carreta do Balotin, dirigida por um peão. A geada branqueava os campos. A carreta vinha de Clemente Argolo. Em Lagoa Vermelha foi onde o garoto embarcou. O peão gostava demais da pinga e do vinho. Em cada venda ou boteco parava e tocava um copo de cachaça. Já de manhã balançava na mula como bote em mar agitado.

Ao chegar nas proximidades do rio Turvo, não se mantinha mais a cavalo. Quis aprear e levou um tombo. Demétrio ajudou a subir à carreta. Deitou e no mesmo instante começou a ressonar, cozinhando a bebedeira. O piazinho não sabia o que fazer. As mulas paradas. Depois de meia hora, uma idéia fuzilou na mente de Demétrio: montar a cavalo e tocar as mulas.

Era a primeira vez que governava uma carreta. Saiu-se muito bem o gauchinho. Volta e meia acontecia um desarranjo. Tirantes que partiam e coisa e tal. Demétrio consertava. E foi tocando, tocando, até a noite. Foi quando o peão acordou, perto do povoado Rio Branco, lugar de pouco.

Na casa de pasto não havia cama para o rapazinho. Logo chegou o Seu Balotin com outra carreta. Soube do ocorrido. Ralhou com o peão. Cedeu sua cama para o Demétrio. No dia seguinte, a viagem prosseguiu até Nova Prata. Somente



no outro dia a carreta chegou ao Rio das Antas, de noite. O rapazinho estava sem almoço e sem jantar. Apanhou umas laranjas no escuro. Foi todo o alimento do dia. O peão andava já embriagado outra vez. E assim por diante.

Aquela cena triste do carreteiro nunca mais se apagou da lembrança do Demétrio. Hoje, ele, confrontando a comodidade e a rapidez dos modernos transportes, em luxuosos ônibus, lamenta o rude martírio do infeliz carreteiro, um autêntico herói da Pátria.

* * *

Por volta de 1928, principiava a aparecer algum caminhão, querendo competir com as carretas. As estradas péssimas, esburacadas pelas rodas das carroças, em pouco tempo davam cabo do caminhão.

Os carreteiros tinham pavor dos caminhões. Aquilo era um absurdo. Onde é que se viu agora um caminhão querer superar a carreta? E, além do mais, se as carretas desaparecerem, quem é que vai comprar milho e alfafa dos colonos?

E os carreteiros se animavam, convencidos de que derrotariam inevitavelmente aquela extravagante novidade. Por isso, sujeitavam-se a fazer fretes baratos.

José Sanson, que ainda mora em Lagoa Vermelha, foi um dos poucos carreteiros que vendeu seu velho veículo para adquirir um caminhão. O primeiro caminhão que trafegou de Veranópolis a Lagoa Vermelha. Um dia ele encontrou várias carretas afundadas na lama, sem poder sair. Parou e disse:



— Querem ver como eu tiro essas carretas com o caminhão?

— Impossível! Essa agora é boa! Então um caminhão vai poder tirar uma carreta do atoleiro? Era só o que faltava.

José engatou a corrente no cabeçalho da carreta. Arrancou e saiu com a maior facilidade do mundo.

— Sim, senhor, — exclamou um carreteiro. — Agora eu acredito no caminhão.

Acreditou ele e todos os carreteiros. Ao cabo de três lustros, o caminhão tomou conta das estradas, condenando ao desterro eterno todas as carretas. Continuaram apenas as carretinhas para serviço da roça.

A vida do caminhoneiro é dura. Mas ao lado da vida do carreteiro, é um céu aberto. Saudemos este herói anônimo. Façamos-lhe justiça. Imortalizemo-lo num monumento de glória.



4 – TROPEIROS

Imigrara pequeno da Itália, junto com a família. Acompanhara a penetração da mata alpestre. A derrubada. A queimada. A primeira colheita... Francisco Dotti madrugava na vida dura, aprendendo cedo a enfrentar afoitamente a luta titânica na aspereza da serra do Rio das Antas, no Rio Grande do Sul.

Quando teve início a segunda emigração, partiu de Nova Trento, varou o caudaloso Rio das Antas e foi abrindo picada através da espessura da floresta milenar. Tomou posse da nova colônia nas proximidades do Rio Turvo, na Linha Silva, em Antônio Prado.

Casado com Maria Veronese, criou numerosa e honrada família. À medida que tombava o negror da selva, dominada por altos pinheiros, o milharal farfalhava ao sopro da bênção divina. O tapete louro do trigo murmurava preces e entoava hinos de gratidão. O vinhedo perfumava as encostas. Fartas colheitas atopetavam as tulhas. O vinho transbordava das pipas nos porões. Luzia a banha no lombo da porcada.

Mas a colocação dos produtos era o mais angustiante problema que atormentava o sono nas compridas noites de inverno. Os comerciantes do município pagavam trezentos réis a medida de vinho. Uma bagatela. Carecia descobrir negócio menos ruinoso. Francisco matutou, matutou. Conversou com vizinhos. Por fim resolveu tentar uma experiência.

Carregou cinco mulas com barris de vinho e, acompanhado de dois filhos principiou a tropear, em longas jornadas, através de serras e campos desconhecidos. Transpôs a



fronteira do Estado. Afundou em Santa Catarina. E a sorte lhe sorriu. Encontrou bons fregueses.

E Francisco envelheceu no lombo da cavalgadura, tocando a tropa de cargueiros. Perseguidor de aventuras, colheu vasto cabedal de curiosas experiências ao longo de andanças sem fim. Passava noites e noites relatando à família casos interessantes que presenciara.

Narciso, o caçula, acompanhava atento a minuciosa narrativa do velho pai, o tropeiro mais guapo da redondeza. De noite, o garoto adormecia com aquelas fantásticas histórias dançando na mente, arquitetando proezas semelhantes às vividas pelo pai.

Um dia, Francisco veio ao encontro dos anseios do menino.

— Eu já estou velho e de saúde alquebrada. Agora toca a vocês, filhos, agüentar o tirão. Narciso já anda nos oito anos. É gente. Meu filho, quem madruga Deus ajuda. E quem vai longe, levanta cedo. Você, Narciso, deve ir longe na vida — concluiu Francisco em tom profético.

Ninguém imagina o contentamento do improvisado tropeirinho. Como ajudava a encher os 50 barris de vinho! A preparar a viagem...

* * *

Eram 25 cargueiros com barris de dez, doze e 15 medidas, de acordo com a força do animal, amarrados às cangalhas por meio de guascas. Entre os barris, ia a sobrecarga: um saco de pão para a ida, outro de biscoitos para a volta. Um saco de farinha de milho para a polenta. Panelas, chaleira, ferramentas, capas, roupas e a lona de armar barraca.



Era uma fria manhã de inverno. A tropa movimentou-se. Narciso, montado na “Boneca”, atrás da égua-madrinha, espingarda de caça a tiracolo, ia todo importante, num alegrão infinito. O Tupi, de cola erguida, a galopito, perto da madrinha de cincerro a tilintar a viagem inteira. O Luís e o José, na retaguarda.

O sol, espiando por trás dos montes, dava beijos quentes no rosto gelado dos tropeiros. As mulas, sem arreata, a possito, volta e meia, paravam para beliscar o capim das margens da estrada coleante, entre roças, capoeiras e matas.

Ao meio-dia, cruzaram a cidadezinha serrana de Antônio Prado. Depois, o povoado de São Luís, hoje cidade de Ipê. Narciso, imitando os irmãos, tirou do bolso uma fatia de polenta e uma rodela de salame. Era o almoço ambulante de todo tropeiro. O almoço de todos os dias.

De tarde, já no município de Vacaria, o menino teve oportunidade de conhecer o campo. O campo do qual tanto falava o pai. Acabara-se a mata. Não há mais roças. Só a grama onde o gado pasta. Vastas campinas, naquele tempo ainda sem cercas. Campo aberto, onde o gado de um fazendeiro se mistura com o gado do vizinho, todo com sua marca para distinguir o proprietário. De longe em longe, um capão, uma restinga de mata, beirando os arroios e sangas. Casas dos fazendeiros, de posteiros. Rancho de agregados. Coxilhas e coxilhões, várzeas e chapadões.

— Me dá aqui a espingarda, Narciso, — pediu José. —
Depressa.

— O que é?

— Um perdigão. Já temos jantar.



Pum! O guri boleou a perna e correu a pegar a gorda caça, que pulava no chão, estrebuchando. Decorridos poucos minutos, outro tiro. Agora era uma perdiz.

O sol declinava, mortiço. As sombras compridas da tropa davam idéia nostálgica de misteriosa caravana do deserto. Chegavam ao Capão do Bugre, a pequena distância da Porteirinha, ponto de pouso.

Os tropeiros foram descarregando a bagagem, os barris, as cangalhas. As mulas, contentes, aliviadas do peso da carga, rebolcaram-se na grama, num banho reconfortante. A seguir, afastaram-se pelo campo, pastando.

— Luís, enquanto eu preparo o fogo, vai com o Narciso e o Tupi caçar uns tatus.

José amontoou lenha, acendeu o fogo, aqueceu a água para o chimarrão. Depenou as caças. Deitou-as na panela. Peneirando farinha de milho com a mão, começou a fazer a polenta na caldeira.

Era noite quando os caçadores voltaram com dois pesados tatus. Narciso, contente como passarinho, vinha bufando sob aquele peso. E descreveu com gestos dramáticos a curiosa aventura, a valentia do cachorro destocando os bichos...

Regado a vinho crioulo, foi o jantar mais gostoso do mundo, depois daquele rude jornadas, com as tripas roncando. Eram capazes de jurar que no melhor hotel de Paris não servem banquete tão supimpa.

Sobrou carne e polenta para o almoço do dia seguinte, durante a viagem. Correu o amargo. Fizeram a oração da noite. Ajeitaram as camas sobre os arreios, nos pelegos. E adormeceram, enquanto o fogo, crepitando, lambia a treva,



aquecendo o ambiente. E, sob o telheiro das ramadas do arvoredo de guamirim, dormiram o sono dos justos, sem pesadelos, sem sonhos.

Só por volta de meia-noite, Narciso acordou com um tiro de revólver e os latidos do tupi.

— O que era?

— Um guaraxaim. Não fosse o Tupi, o desgraçado levava até a panela da bóia, levava.

Quero-queros gritavam, dando alarme. Luís deitou lenha sobre o borralho. Assoprou nas brasas. O fogo pegou. Ao desabrigo da capa e das cobertas, o frio lanhava as carnes, à hora morta da madrugada.

* * *

De manhã, a geada cobria de branquidão as coxilhas e as planuras. Atiçaram o fogo. Tomaram chimarrão. E enquanto o irmão mais velho preparava o café, Luís e Narciso saíram pelo campo, procurando as mulas. No alto do coxilhão, bombearam em redor. Apuraram o ouvido. Nada. Caminharam mais meia hora. A geada estalava sob as botas. Finalmente, perceberam o chocalhar do cincerro lá pelas bandas da restinga. Passaram o buçal na “Boneca” e na “Estrela”, que montaram em pêlo. Replantaram a tropa. O sol já brilhava subindo no horizonte, derretendo o gelo. Principiou a soprar do sul um vento enregelante, que entanguia as faces e as mãos.

Tomaram café, com pão e salame. Encilharam as mulas de sela. Encangalharam os cargueiros. Dependuraram os barris. E, em fila indiana, pelo trilho do campo aberto, a ponta reiniciou a jornada, fazendo e desfazendo léguas, repechando coxilhas, descendo lançantes.



Apesar da monotonia da paisagem campestre, o Narcisinho divertia-se com os tiros que os manos davam nas perdizes e perdigões. Divertia-se com os avestruzes que se recortavam em silhueta na lomba da coxilha. Divertia-se com o cacarejar de siriemas, andando aos pares; com os veados que o Tupi corria; com o gado que espantado olhava os passantes; com o cemiteriozinho lá no alto, fechado em pequena mangueira de taipa. E, acostumado a ver na colônia os cemitérios perto da capela, perguntava: Onde é que fica a igreja?

O pouso, naquele dia, foi no Passo Fundinho, nas imediações do Capão Alto. Na manhã seguinte, levaram três horas procurando as mulas, que se haviam afastado demais do acampamento.

No terceiro dia, quando atravessavam um matagal tendo no centro o lugarejo de Muitos Capões, o Narciso experimentou grande alegria, ao cruzar com a tropa do padrinho Dalazen.

— Vejam quem está aqui. O meu querido afilhadinho, feito tropeiro!

Dalazen deu-lhe beijos e duas patacas para comprar bananas e doces. Nas cabeceiras do Rio Santa Rita, divisa dos municípios de Vacaria e Lagoa Vermelha, pousaram. Por causa do nevoeiro, o acampamento foi ao ar livre, porque as árvores gotejavam.

Altas horas da madrugada, roncaram trovões soturnos. Foi uma correria danada para montar a barraca. Os irmãos preparavam varas de cambuim para erguer a armação. O Narciso segurava a ponta da lona. De repente, soprou a tormenta. Arrancou a barraca das mãozinhas do piá, atirando-a de encontro ao capão. Assim mesmo, deu para erguer a improvisada casinha. E o aguaceiro velho cantava no pano



retesado. Os tropeiros, com a chuva, estavam até contentes. E principiaram a cantar fazendo coro à canção da água. O órgão retumbante do trovão, de vez em quando, acompanhava a estranha orquestra noturna...

O dia amanheceu chuvoso, o campo encharcado. Por sorte, os animais andavam perto. E a madrinha foi puxando a récova. Os tropeiros, debaixo da capa. Ao meio-dia, o sol deu guascaços nas nuvens, que se diluíram em frangalhos.

Quando, ao cair da tarde, a tropa estacionou junto ao rio Canal, o minuano varria a campanha, metendo punhais de gelo nas carnes dos pobres tropeiros. Aqui, passaram duas noites e um dia inteiro, tirando lechignana, enquanto as mulas gozavam do seu merecido e habitual descanso.

* * *

A manhã foi muito bem aproveitada, rendendo a maior caçada da viagem: três veados, um pardo e dois virás, cinco tatus, quatro perdigões, dois jacus...

De tarde, depenaram as aves, esquartejaram os ruminantes. Assaram a carne, guardando-a quase toda, misturada com farinha de mandioca. Desta maneira, o almoço ambulante estava garantido por três dias.

No dia seguinte, a largada foi cedo, de sorte que chegaram aos campos dos Mendes, no Pontão, ainda com sol alto. Acamparam. As mulas pastaram um tempão, afastando-se do lugar do pouso.

— Narciso, — disse mais tarde José — és capaz de



reopantar as mulas sozinho? É necessário que passem a noite aqui perto. Se não, amanhã, vai ser aquela trabalhadeira danada, para encontrá-las.

— É claro que sou capaz. E é pra já.

E lá se mandou o garoto, descendo e subindo coxilha, assobiando, todo importante. Uma perdiz estourou a dois passos. Que susto, Nossa Senhora! Mais uns passos e salta outra. Foi contando: duas, três, quatro... E um perdigão.

Foi quando o rapaz avistou a tropa lá longe, além do capão. Parecia uma ninhada de pintos em redor da choca. E a mesma coisa — pensou. — A égua-madrinha é a choca; as mulas, os pintos. Só que a galinha não tem cinorro.

O sol declinava no horizonte. Um bando de curucacas, cacarejando, cruzou rumo dos pinheiros do capão, procurando pouso. Narciso levantou a mão fechada, estendendo o bracinho para as aves. Apontou. Puxou o gatilho do imaginário revólver e gritou: pum! E ponderou: algum dia, eu vou atirar com revólver de verdade. Deixa estar, quero mostrar para essas papudas como sou valente...

O pensamento foi interrompido por enorme vaca tubiana que levantou a cabeça, fitando o guri, ameaçadora. Soltou um assoprão e um berro medonho. E largou-se no encalço do rapaz que nem cachorro correndo veado. Narciso desatou numa disparada louca rumo do capão, a uns duzentos metros do local.

As perninhas estavam bem ensebadas. Davam o máximo. No entanto, o bravo animal ia levando acentuada vantagem. De repente, fez-se ouvir um fragor como de ondas encapeladas. Era o tropel da ponta de gado que seguia atrás em doida perseguição.



Num supremo esforço, o garoto alcançou a primeira aroeira. Ágil como um gato, marinhou pelo tronco acima. Foi o que deu para agarrar-se num galho. A vaca investiu violenta com tremenda cornada no tronco, abalando a árvore toda.

O animal berrava, escarvava o solo, enquanto chegava correndo o resto da tropa. Formou-se um cerco, conjugando esforços a fim de derrubar aquela pequena vítima indefesa. O berreiro era agora ensurdecedor. Trompaços de guampas vibravam terríveis no tronco da aroeira, lascando pedaços de casca.

Narciso gritava, gritava, gritava. Quebrou um galho e com ele começou a fustigar os bichos, que mais e mais se enfureciam, teimando em não abandonar as proximidades da árvore.

O sol já afundara por detrás do coxilhão. A nostálgica hora do entardecer envolveu o pobre prisioneiro em pavoroso temor. Por milagre, escapara da morte. Rezava, pedindo a Deus que lhe valesse. Pensava em como haveria de passar a noite naquele estranho e incômodo leito. Chorando, abriu a goela, gritando a mais não poder: José! José! José!

Mas os irmãos andavam muito longe. Por fim, estes desconfiaram de qualquer incidente. Então, José saiu pelo campo a bombear por todos os lados. Caminhou, caminhou. Avistou a tropa de mulas silhuetando contra a baça claridade do horizonte. Perguntou-se: Que história é esta? Então o Narciso onde é que anda que não reponta a tropa?

E foi andando, apressado. Escutou o mugido das reses e teve um baque com negro pressentimento: os bois estão matando o guri. Correu. Ouviu os gritos do menino. Pois é, ele deve estar morrendo. Nossa Senhora, que desgraça! Aproximou-se do gado, que tratou de investir contra ele.



José arrancou do casaco e começou a agitá-lo, dando gritos, para espantar. Disparou quatro tiros de revólver. Foi o remédio. O gado estourou, num esparramo lindo, aliviando a angustiada situação. Foi então que viu o maninho encarapitado na aroeira.

— Graças a Deus! Eu esperava encontrar-se sem vida, Narciso. Desce daí, agora.

— Não quero. Eu tenho medo — respondeu a chorar o garoto.

Era noite fechada quando chegaram ao acampamento com as mulas... O acontecimento proporcionou pano para muita manga, e passou à história, à história fantástica dos tropeiros gaúchos e de modo particular do tropeirinho Narciso.

No dia seguinte, o pensamento do garoto, durante toda a longa campareada, ruminou aquele princípio de tragédia. Sim, aquilo fora um milagre. A esta hora, eu devia estar morto, estripado pelas aspas da vaca, esmagado pelas patas do gado bravo.

Sentiu, então, ânsia de abandonar aquela perigosa profissão. Lembrou-se do mano Reinaldo, que não tropeava. Outro era o seu futuro, porque se preparava para o seminário. E se eu também fosse a padre, hem? Talvez sáisse um grande pregador; faria discursos de arrancar lágrimas das multidões. Que bonito!...

E ali mesmo, no lombo da “Boneca”, improvisou um discurso inflamado, levantando a voz como faziam os missionários, gesticulando vibrantemente. Sentiu ímpetos de amaldiçoar a vida ingrata do tropeiro, e rompeu a cantar:



Que vida amargada não leva o tropeiro,
De dia e de noite, no frio e na calma!
Se o nauta nos mares perigos arrosta,
Em terra o tropeiro não cede-lhe a palma.

* * *

O sétimo pouso foi no Tope, na propriedade do Seu Timóteo, atual município gaúcho de Barracão. No outro dia, principiou a penosa descida do rio Pelotas, por estreitas picadas, entre calhaus, com degraus de metro, onde as mulas, às vezes, escorregando, caíam, estropiando-se, à beira de pavorosos precipícios.

A pequena balsa, com o rio meio alto, só transportava duas mulas de cada vez. Em Santa Catarina, município de Campos Novos, o íngreme e estreito caminho serpejava entre fragas, cortando a negra mataria. As cavalgaduras bufavam, parando a cada cinco minutos. Lá embaixo, o Maromba, roncava caudaloso, arrojando-se no Uruguai, nome que daqui por diante substituía o de Pelotas.

Pouso no alto da serra, nos Fagundes. O décimo foi no rio Leão. O décimo primeiro, no Erval Velho. O seguinte, na Estação Erval, hoje Joaçaba. E o último, na Estação Bom Retiro. Até que enfim. Ufa!

O vinho foi vendido aos fregueses das duas estações ferroviárias, por dois mil réis a medida. Descansaram um dia. Efetuaram compras de couros, queijos... Os barris voltaram



vazios.

De regresso, havendo chovido três dias a fio, o Uruguai encheu e a tropa foi obrigada a estacionar durante 48 horas, aguardando que o rio baixasse. Depois, os arreios e a carga passaram de bote, e as mulas, a nado, cabresteadas, atrás da balsa.

Na fazenda dos Mendes, o Tupi correu um veado e nunca mais voltou. Foi um desastre a perda daquele fiel animal, indispensável ao tropeiro. Para eles, o cão representa dez pessoas, especialmente à noite, na qual é guarda vigilante, sentinela sempre alerta. Pesada tristeza caiu sobre o pouso dos três tropeiros. Nunca mais saborearam a gostosa carne de tatu. As noites decorriam inquietas, sob a constante ameaça de temerosos assaltantes e das feras.

Já naquele pouso dos Mendes, o guaraxaim levou a panela para longe, abandonando-a no capão, bem lambida. Quase todas as noites, o canino selvagem praticava alguma estrepolia. Roía os tentos, roubava a bóia, estragava os arreios. Uma vez, deu uma dentada na bota do Narciso, causando-lhe um grande susto. E mesmo de dia incomodava, esse ladrão de galinhas. O Luís acabava de derrubar no vôo uma perdiz. No mesmo instante, o bicho saiu correndo do capão vizinho e abocanhou a caça, fugindo floireirito, nomais.

Uma noite foi trágica. O guaraxaim não deixou dormir um instante, sempre ali rondando o acampamento, querendo roer as arreatas dos barris. José descarregou todos os cartuchos, dando tiros na treva no rumo dos guinchos. Debalde. A luz da vela, carregaram mais dez cartuchos. Passaram o resto da noite dando tiros, sem poder matar nem distanciar o danado.

No outro dia, houve mais um contratempo. Perdeu-se a



manhã inteira em busca das mulas. E com idênticas peripécias cotidianas, às vezes, acordando de manhã branquinhos de geadas, os tropeiros chegaram em casa. Fazia um mês que haviam partido.

O Narcisinho, durante três semanas, contou a todo mundo a notável façanha de sua primeira tropeada, com tom importante como quem entende do riscado. Os amiguinhos ficavam com inveja do pequeno valentão.

Houve um descanso de vinte dias. Depois, a tropa enfileirou de novo. E assim durante anos e anos.

* * *

No verão, na outra viagem, os tropeiros foram de negra sorte. Nos campos de Santa Catarina, toparam com os soldados legalistas, chefiados pelo coronel Maximiliano de Almeida, durante a revolução de 1923. Os borgistas levaram o revólver do Luís. Pegaram na espingarda do Narciso. Não a entendendo, jogaram-na fora, dizendo: Isto não presta pra nada. O José conseguiu esconder o revólver debaixo dos pelegos.

— Este susto foi maior do que aquele da dentada do guaraxaim — comentou Luís para o maninho.

No rio Uruguai, o José, enquanto campeava as mulas, foi picado num pé por venenosíssima jararaca. Incontinêti, o tropeiro puxou da faca e praticou ligeiro talho no lugar atingido. Imergiu na água. Espremeu. Saiu sangue esverdeado. A seguir cravou no corte um tição ardente. Assim mesmo, o pé inchou que nem bola de borracha. No alto da serra, um caboclo aplicou seu remédio caseiro, salvando-se desta forma o bom tropeiro. Graças a Deus.

Nas proximidades do Umbu, uns tropeiros avisaram



que andava por lá perigoso bandido. De fato, à noite bateu no rancho dos irmãos Dotti. Pediu pouso. José empunhou o revólver e gritou enérgico:

— Faça o favor de seguir seu caminho já. E não se coce.

E lá se foi o bandido, dentro da noite. Outro dia, foi encontrado morto, assassinado por um parente, a quem ele havia furtado um cavalo. A cena impressionou o tropeirinho, que ia se acostumando aos embates da vida.

E assim como os tropeiros Dotti, milhares de gaúchos, milhares de brasileiros, de imigrantes e filhos de imigrantes, no decorrer de decênios, andaram desfilando o rosário dos cargueiros pelos campos sem fim, atravessando barrentas picadas, eriçadas de pedras, beirando o cairei do abismo, enfrentando a morte à espreita da tocaia, dormindo ao relento, sob o lençol da geada, cavalgando o dia inteiro...

O tropeirinho Narciso Dotti continuou madrinheirando os cargueiros por alguns anos. Depois, imitando o exemplo do irmão Reinaldo (Frei Justino) seguiu sua vocação. Em 1927, ingressou no seminário dos capuchinhos. Madrinheiro velho, que era, avançou sempre na ponta. Tornou-se sacerdote e missionário, fundou escolas, hospitais, igrejas. Foi eleito superior provincial por duas vezes. Como tal, esteve quatro vezes em Roma, nos capítulos gerais da Ordem.

Em Lagoa Vermelha, onde construiu o imponente edifício do Ginásio Duque de Caxias, que dirigiu com brilhantismo durante longos anos, fundou o Hospital São Paulo, onde assistiu à morte do coronel Maximiliano de Almeida, que um dia lhe tirara a arma. Maximiliano de Almeida, eminente político,



intendente municipal de Lagoa Vermelha, chefe revolucionário, poeta, está hoje imortalizado num município gaúcho que recebeu seu nome.

O tropeiro José Dotti tornou-se pai de um bispo, D. Orlando Dotti, que governou as dioceses de Caçador em Santa Catarina e Barra, na Bahia, sendo hoje Bispo de Vacaria, no Rio Grande do Sul, um dos membros mais destacados do Episcopado Brasileiro. José Dotti é ainda avô de Marisa Dotti, que foi rainha da Festa da Uva em Caxias do Sul.

Outro filho dos tropeiros Dotti é o Frei Clementino Dotti, diretor do Jornal “Correio Riograndense”, de Caxias do Sul, e, atualmente, em 1991, vice-provincial dos capuchinhos no Rio Grande do Sul, cujo titular é agora o Frei Aido Colombo, jornalista e escritor de gabarito, que governa a província capuchinha pela segunda vez.

Narciso, com o nome religioso de Frei Celestino, nascido em 1914, festejou suas bodas de ouro sacerdotais em dezembro de 1989, ano em que faleceu seu irmão Frei Justino. Em 1991 o tropeirinho Narciso, transformado em extraordinário ministro do Senhor, segue evangelizando os povos, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, continuando a cantar a sublime epopéia que principiou em criança, quando o pai, entregando-lhe as rédeas da “Boneca”, lhe disse em tom profético:

—Meu filho, parte cedo, porque deves ir longe na vida...



5 — BALSEIROS

Lagunenses, bandeirantes e açorianos habitaram o litoral e os pampas gaúchos. Circundaram, com medo e respeito, o negror da mata virgem, que vestia a serra. Como outrora no mapa do mundo, um ponto escuro da África trazia a legenda: Hic sunt leones, a extensa região montanhosa do Rio Grande do Sul, envolta no denso manto do mistério, incutia pavor.

Paraíso das aves e das feras, telheiro amigo do indígena, dormia o sono dos séculos sob a verde umbela protetora de infinitos pinhalões de araucárias. Em 1875, surgiram os destemidos domadores de leões. Cortaram o nó górdio da intransponível muralha e desvendaram o segredo da Esfinge.

A titânica falange de Hércules, Atlantes e Teseus modernos, herdeiros do heróico sangue romano, os imigrantes, escalaram a serrania alpestre e penetraram na ínvia espessura da floresta, dominada por altas e negras araucárias.

O pinheiro, hoje tão valioso e cobiçado, representava inquietante pesadelo e sério problema para o recém-chegado colonizador europeu. Sem técnica alguma, sem prática de corte, era-lhe difícil a derrubada dos enormes troncos, que por vezes caíam sobre as casas, matando pessoas e causando prejuízos materiais.

Resistindo ao fogo das queimadas, dormiam anos, quais gigantes deitados, roubando espaço na roça, impondo barreiras aos passos laboriosos do agricultor. O imigrante aborrecia o lote de pinheiros. Às vezes, abandonava a terra oferecida pelo Governo, a fim de adquirir outra de mato branco, onde não houvesse o entrave do pinheiro.



Sem serrarias e sem estradas, era impossível a industrialização e o comércio da madeira de pinho. As tábuas, cortadas e falqueadas a machado, serviam apenas para construção das primitivas e toscas habitações dos abnegados desbravadores.

Por volta de 1895, com o advento da carreta, principiaram a surgir os engenhos, inaugurando então a indústria da madeira, que viria a ser até hoje uma das mais importantes do Estado e do Brasil.

Carreteadas às margens dos rios das Antas, Jacuí e Uruguai, as brancas e compridas tábuas navegavam em balsas rumo dos grandes centros.

Balsas e balseiros — eis outro canto admirável da homérica epopéia do intrépido imigrante, desbravador de sertões, artífice de cidades. Poema de bravura e estoicismo, escrito sobre a gélida lomba ondulante da correnteza bravia nos corcovos terrificantes das cachoeiras rugidoras, no perigo traiçoeiro das ilhas e das pedras, nas insídias turbilhonantes das revessas...

* * *

O vulgo adulterou para Storma o sobrenome de ANDRÉ STORMOWSKI, nascido em 1905, nas margens do rio das Antas, no atual município gaúcho de Veranópolis. Seu pai imigrara pequeno da Polônia.

Seus olhinhos azuis habituaram-se a contemplar a fileira interminável de balsas, deslizando na correnteza do rio cheio, bem em frente de sua casa. O espetáculo gravou-se na mente infantil; com oito anos apenas ambicionava transformar-se num daqueles valentes jangadeiros que voltavam a pé, contando histórias fantásticas de suas rocambolescas viagens de balsa.



Mas foi só aos 13 anos que obtive do pai permissão de arriscar a primeira aventura naquela perigosa embarcação. Madrugava, assim, na luta inclemente na mais áspera profissão, que sustentou com extraordinária galhardia ao longo de vinte trabalhosos anos.

Às margens do caudaloso rio, os carreteiros não paravam de empilhar tábuas que permaneciam meses lagarteando ao sol, aguardando a cheia. Chuvinhas miúdas. Águas baixinhas. O madeireiro suspirando pela enchente como o nordestino pela chuva.

Em fins de abril, após três dias de intenso calor, começou a chover. Chuva abençoada, bendiziam os balseiros, olhando para o céu de chumbo que despejava cataratas de água, torrentes de raios e rajadas de trovões.

Foi um dilúvio. André via com indizível prazer o turvo engrossar do rio encachoeirado. Amanhã poderemos embarcar — dizia. — A água vai estar no ponto.

De madrugada estiou. Levantaram cedo os balseiros. Mochila às costas, chegavam centenas ao Passo do Governo, pouco abaixo do local onde hoje arqueja giganteando a maior ponte suspensa do Brasil, ligando Veranópolis a Bento Gonçalves.

O sol quente, espiando entre nuvens, por detrás dos picos alcantilados, prenunciava mais chuva. Pelo vale profundo, ecoava como cerrada fuzilaria o contínuo e sonoro estalar das tábuas.

André chegou. Distribuiu ordens. Trepou na pilha de tábuas que traziam as letras R C, iniciais de Reinaldo Cherubini, fabricante e proprietário.



E o rude labor principiou. André agarrava, uma a uma, as compridas tábuas de mais de cinco metros. Enfiava pela bica de madeira, dava-lhe impulso e elas deslizavam até o estaleiro.

Em cima deste, lá embaixo, João Canarin recebia-as e atravessava no chão. João Zanelato pegava numa ponta, Pelegrino Soletti, na outra. Encostavam-nas de quina, sobre as amarras de cipó-pau, já preparado, sapecado e torcido.

Juntaram duas dúzias e meia, de polegada, formando o primeiro molho. Amarraram bem amarrado. O molho foi jogado na água. Segundo Cavedon saltou sobre ele, tendo na mão um croque para puxar e afastar os feixes. Baixou o segundo molho. Primo Cavedon ajudou o irmão no serviço de acolherar.

Ao cabo de três horas, boiavam na água oito molhos. Acolherados, formavam o primeiro quartel. Pronto o segundo quartel, pararam para rápido e frugal almoço.

Recomeçou a dura lida. Três quartéis. Quatro quartéis. Anoi-teceu. Comeram um bocado. E, à luz da lanterna de acetilene, os balseiros vararam a noite trabalhando.

Parar não era possível. Urgia aproveitar a alta das águas. Se não chovesse mais, o rio baixava e as balsas corriam o risco de encalhar nos oscolhos das cachoeiras. Se as chuvas recrudescessem, a cheia aumentava e o ímpeto da correnteza faria da jangada barquinho de papel atirado sem leme, desgovernável, quebrando-se nas ilhas ou nas pedras.

Os balseiros não esqueciam às vezes sem conta em que passaram semanas parados, sem jeito de largar... O dia clareava quando acolheraram os molhos do nono e último quartel, formando duas balsas, que lá adiante se uniram numa só.

Meia dúzia de tábuas, atravessadas horizontalmente sobre



cada quartel, formavam o assoalho. A sobrecarga era de quatro dúzias de tábuas e barrotes em feixes de cinco unidades.

Tiranteados os nove quartéis, constituíam a balsa de 50 metros de comprimento por sete de largura, com duzentas e poucas dúzias de tábuas. No centro da embarcação, os balseiros levantaram a barraca de tábuas sobre quatro sarrafos fincados no assoalho.

Ao lado desta, armaram um caixote que encheram de terra, para servir de fogão. Na proa e na popa, construíram o estribo para suporte dos remos e encosto dos pés dos remadores.

Na barraca, sem oitões, baixinha, mal abrigando gente deitada ou sentada, colocaram os mantimentos, roupas de cama, ferramentas... A bagagem limitava-se ao estritamente indispensável, para não dificultar a viagem de regresso, que seria feita a pé.

Afinal, após 24 horas de ininterrupto e estafante labor, a balsa ficou em condições de partir.

* * *

A chuva recomeçou. E os jangadeiros trataram de largar sem demora, antes que o rio subisse demasiadamente. Os coitados lá se foram sem tempo de descansar e dormir.

Tiraram a roupa e guardaram na casinha. Ficaram apenas em calções e camisa-de-física. Precisavam zelar pelo bom estado do único terno que levavam.

Desprenderam a espia de aço. Com os remos, feitos de sarrafos e uma tabuinha pregada na extremidade, impulsionaram a embarcação, que foi se afastando da margem. Colhida pela correnteza, disparou, entrando na longa fila de



balsas que coalhavam as águas.

Eram cerca de duzentas balsas, distendendo um comboio interminável, ao longo de vários quilômetros.

Na cachoeira do Salto, a jangada corcoveou, levantando cachões escumantes, salpicando os remadores da proa.

O rio, muito sinuoso, corria estrangulado entre altos paredões. Nos lados, casas de colonos. De longe em longe, alguma igreja junta as mãos em prece de seu campanário de madeira.

Depois da primeira curva, a balsa, magistralmente governada por André, tentando a margem direita, galopava destravada, sob as gargalhadas estrepitosas da Cachoeira da Itaipava-do-Sete. A do Lajeadozinho, lá adiante, também riu e cuspiu espumarada na cara dos remadores.

Agora vai singrando a meio-rio, para evitar a ilha. Passada a tormentosa Comprida Seca, André soltou um grito, saudando sua família, que morava ali perto, à direita.

A chuva tombava torrencialmente. Enxurradas de água suja, arrastando folhas, seixos e terra, rolavam das encostas íngremes, saltando no rio. A balsa gineteava, torcendo a barraca que rangia como sacudida por forte vendaval. Os braços vigorosos manobravam violentamente os remos, mantendo sempre o rumo certo. Qualquer descuido do capitão poderia ocasionar o desastre. Os molhos, enredando-se em algum recife, desamarravam, espalhando madeira, como acontecera para alguns balseiros bisonhos, naquele dia.

O almoço foi um pedaço de pão e salame na altura da Barra Feliz, foz do rio Retiro. Sempre andando, sem parar.



Beirando a barranca esquerda, atravessaram a Cachoeira Criminosa, que um dia assassinou um balseiro.

Agora os intrépidos jangadeiros redobravam de cuidados e esforços a fim de evitar as revessas, que ofereciam grave perigo de prender a balsa nas traiçoeiras malhas dos redemoinhos.

Aqui os balseiros novatos ou distraídos, por vezes, passavam horas e dias rodopiando, rodopiando, sem poder sair do lugar.

Além do Porto Velho, a embarcação seguiu pela esquerda, fugindo da Pedra-da-Pomba, que podia causar um desastre.

Finalmente, os exaustos remadores descansaram dez minutos, ao navegar tranqüilamente o remanso do Poço-da-Comprida Grande.

Tendendo para a ribanceira esquerda, meteram-se pela Cachoeira Comprida Grande, dando pinotes, tomando ondadas no peito. Ao meio, fizeram um travessilho para o lado direito, sempre com tática notável de quem conhece a preceito os segredos do perigoso rio.

A Cachoeira do Pessegueirinho foi cortada a meio-rio, por causa das ilhas. Na do Cágado, desceram pela direita, com vistas na ilha da esquerda.

André não pôde deixar de rir, ao recordar o episódio gozado, aqui ocorrido com Miguel Cecchin, de Protásio Alves. Andava este, distraído, deitando fumo picado no cachimbo, quando a balsa sofreu violentíssimo safanão. Miguel levou um tombo, deixando cair na água o cachimbo. Mais tarde, André, em tom de blague, dizia que vira no rio um dourado fumando cachimbo.



* * *

Ao entardecer, pararam em Alcântara, no Passo Dall'Oglio. Emendaram as balsas, que agora, livres das maiores cachoeiras, podiam singrar com mais segurança. Os Irmãos Cavedon voltaram para casa a pé, sendo dispensados de prosseguir viagem até Porto Alegre.

Balsa amarrada, deitaram na barraca e dormiram. André colocou os pés de fora, à chuva, a fim de acordar-se de vez em quando, para bombear o tempo e o movimento das águas. Lembrava-se da enchente do 28, a maior de todas. O rio levantou 16 metros acima do nível normal. Balsas e depósitos de madeira foram todos arrastados pela fúria da correnteza.

À meia-noite, Zanelato ficou de sentinela e André dormiu descansado, apesar da escassez de cobertas, da rigidez do leito e do ventarrão gelado.

De manhã, após breve interrupção, a chuva continuou. O rio crescera quatro metros acima do nível de embalsar. André sentiu vontade de largar e repetir a façanha do ano anterior. Com seis metros de água a mais, soltara a balsa no dorso altivo da correnteza impetuosa. Foram 44 horas a fio de luta ingente, sem dormir e quase sem comer. Com 16 quartéis, em duas balsas tiranteadas, auxiliado pelo cunhado Miguel, em menos de dois dias, estava em Porto Alegre. Navegando mais de 500 quilômetros.

Outras ocasiões já levava 31 dias. Ao regressar a casa, encontrou os balseiros, que o viram partir, parados no mesmo lugar. Perguntaram onde ele havia abandonado a balsa... Ninguém podia acreditar em tão estupenda proeza. É aventura que só acontece uma vez na vida. Agora, André não ousava repeti-la. Mas a tentação o cutucava, convidando.



Ao anoitecer, a chuva parou. O vento principiou a soprar frio. A atmosfera leve prenunciava bom tempo. No outro dia, o rio continuava mugindo sombriamente. Ninguém se atreveu a partir. Finalmente, no terceiro dia, desamarraram algumas jangadas. Outras, receosas, aguardaram a tarde.

E recomeçou o desfile sem fim de cachoeiras e ilhas. O nome da Cachoeira do Almoço originou-se num incidente. Enquanto os remadores almoçavam descuidados, a balsa foi parar em cima das ilhas.

Cruzam agora pelo Passo de Santa Bárbara, junto à barra do Carreiro. A Cachoeira do Remo é cortada a meio-rio, para fugir das ilhas do Veado. Depois forcejam para a direita, a fim de não cair nas redes da Reversa do Gramatão. Passaram a cachoeira a meio-rio.

No Saltinho, vão à esquerda, por causa da pedra do Açoita Cavalo, já nas proximidades da Barra Mansa, em Santa Teresa.

Sucedem-se as cachoeiras, que enchem o vale de roncossoturnos: Campina, Taipinha, Soca, Terneiro, Vaca, e, a seguir, o poço da Vaca. Consta haverem os colonizadores encontrado aqui uma vaca com seu bezerro. Daí os nomes.

Perto da Louca, apareciam os primeiros trapiches das gasolinas. Depois da Cachoeira Braba, a Muçum serpenteia como cobra, donde lhe veio o nome, que passou também à cidade, ali perto.

* * *

Aqui, a balsa amarrou para pernoitar. Noite estrelada e fria. Os coitados dos balseiros tiraram lechiguana, na casinha desabrigada. De manhã cedo, cruzaram pela Barra do Guaporé. Depois, a Pedra Moura, a Cachoeira do Pinheirinho. Garnizé.



Jacaré, na foz do arroio homônimo. Picão.

Quantas vezes — comentava André — as balsas pechavam na Pedra Feiticeira. Na Cachoeira do Mastro, pensou no desastre do navio que perdera aqui aquela parte da embarcação. À direita, branquejava o povoado dos Conventos.

Toda a vez que André transpunha a Cachoeira do Salto Grande, recordava o único acidente de sua longa vida de balseiro. O irmão João governava a jangada. Em vez de meter à esquerda, como devia, aventurou pela direita, e sobreveio o desastre. A balsa saltou sobre a ilha, partindo-se. João Stormowski e Silvestre Marin lá ficaram encalhados, a barraca aparecendo de longe, escanchada na ilhota.

Enquanto isso, André, com os quatro quartéis da frente, foi descendo o rio, dirigindo sozinho, com tremenda ginástica na tentativa de parar, o que só conseguiu vinte quilômetros além, na Reversa do Corvo. Amarrou o pedaço da balsa e voltou a pé a fim de acudir os companheiros sinistrados. Trabalharam a noite inteira, auxiliados pelo negro Augusto, à luz de esplêndido luar.

Antes de passar em frente da cidade de Encantado, à direita, tiveram que sofrer um bocado, nas cachoeiras de Palma, Bicudo, Corvo, Beija-Flor, Andrade e Três Cachoeiras.

Além do Arroio do Meio, ronca a Cachoeira Criminosa número dois, o qual matou um tal de Piaí. Lutaram no bojo esbranquiçado da Forqueta Grande e depois entraram na Reversa do Costão, uma das mais perigosas, onde o colega Mansueto Bavaresco, uma vez, foi deglutido pelo redemoinho, emergindo, depois, a 150 metros de distância, para desaparecer imediatamente. Tornou a surdir, desta vez, pertinho da balsa, por acaso. Raul Giardin o agarrou, salvando-o nos últimos instantes de vida.



Agora mesmo, André encontrou várias balsas rodopiando, num esforço hercúleo para escapar dos tentáculos da voragem. Logo adiante, vinha outro temível perigo, a Reversa do Carneiro, também conhecida por Convento Branco.

Na Reversa da Estrela, perto da cidade do mesmo nome e de Lajeado, o baile das balsas durava dias e dias. Foi num destes bailes macabros que o castelhano Alício Rodrigues quis amarrar a espia da balsa numa lavadeira de cor. Desculpe, — disse ele — pensei que era um toco.

Terminaram aqui os paredões, os morros alcantilados. Abre-se a planície. Alargam-se os horizontes, é o vale do Taquari, o soberbo e fertilíssimo vale, onde a aquarela dos milharais farfalha um poema de beleza e fartura.

Por ocasião das grandes cheias, o rio transborda, convertendo a planura num oceano, destruindo as lavouras, danificando habitações. A enchente de São Miguel nunca deixou de aparecer durante os vinte anos em que André foi balseiro. Na entrada da primavera, chuvas torrenciais, acompanhadas de terríveis furacões, apavoram o gaúcho. Por vezes, a fúria ciclópica do tufão e o ímpeto feroz das águas derramam o cataclismo, semeando mortes, invadindo cidades, arrastando casas e criações.

As últimas cachoeiras foram as de S. Gabriel, do Ouro, da Ilha do Cachorro, Itaipava dos Remos, Comprida, Bom Retiro e Ursa. Na Reversa do Fandango, emendaram dez balsas. Canarin e Zanelato voltaram para casa a pé, percorrendo uns duzentos quilômetros, descalços, calcando o tijuco no meio das pedras, calças arregaçadas até o joelho, mochila às costas.

Aquela estafante caminhada, fizera-a André centenas de vezes, a passo largo, gastando apenas dois dias e mil e seiscentos



réis de cama e bóia.

* * *

Agora a viagem prossegue sem parar. De noite, com a lanterna apagada, para não atrapalhar a visão. Uma casa, uma árvore, uma ilha, qualquer acidente serve de orientação no meio da treva.

A balsa navega lentamente, amarrada pelo vento. Os remadores esgotam as energias, com o sol torrando os coitados.

Pelas margens, desfilam Venâncio Aires, Capitão Miguel, Capivara, Porto Mariante, Ilha dos Macacos. Imenso canal com famosa fábrica de cachaça. Ilha do Pai José. Volta dos Barretos. Margem do Taquari. A cidade de Taquari, com seus quartéis militares. Olaria. Cidade de Triunfo.

Na barra do Jacuí, surgem balsas que descem por aquele rio e juntam-se com as do Taquari.

Ilha das Pedras ou dos Cabritos. São Jerônimo. Minas de São Jerônimo. Hospício. Arroio dos Ratos. Granja Carola, célebre pela sua vaca Ita, a primeira a viajar de avião. Largo de Santa Cruz. Funil. Largo dos Patos. Travessilho. Ponta Rosa. Ilha Pintada. Volta dos Carás. Ilha do Piguá. Barra do Caí. Rio dos Sinos. Ilha da Perna Longa. Furadinho...

No 139 dia, a balsa encostou nos trapiches de Niterói, arrabalde de Porto Alegre. André esperou aqui dois dias até que apareceu o comprador das tábuas. O proprietário, Reinaldo Cherubini, já estava lá. Descera de trem. Vendeu as tábuas por três mil-réis a dúzia.



André e o companheiro voltaram por via férrea até Bento Gonçalves. Daí de ônibus, sendo recebido com grandes abraços pela família. Ele voltava são e salvo, após homérica odisséia sobre as águas. Um herói, o André.

Até 1910, os balseiros regressavam de vaporzinho ou gasolina, até Lajeado e, quando as águas baixavam, até Encantado. E depois, a pé.

Em 1942 os caminhões deram cabo definitivamente das balsas, que durante meio século sulcaram as águas dos rios Taquari, Jacuí e Uruguai, sendo o único meio de transporte dos produtos da indústria da madeira. Sobre a líquida estrada, que Deus distendeu entre as montanhas e através dos vales, milhares de heróis anônimos, a par dos tropeiros e carreteiros, prescindindo de qualquer outro meio de transporte, sem despesa alguma para os cofres públicos, a exemplo de André Stormowski, colocaram a zona da serra no caminho vertiginoso do progresso e do esplendor, escrevendo a sangue uma das páginas fulgurantes da história econômica do Rio Grande do Sul e do Brasil.

* * *

Em 1938, André abandonou aquela áspera profissão. Mudou-se para Nova Prata, onde casou com Angela Modelski, filha de Francisco e Maria (esta ainda com vida em 1991). Adquiriu um caminhão de carga. Em 1946, transferiu-se para Lagoa Vermelha, onde montou serraria.

Trabalhando sem descanso, formou uma bela fortuna. Tornou-se um dos maiores fazendeiros de Lagoa Vermelha, com



uma área de campo de cerca 20 milhões de metros quadrados. Exímio pescador e caçador.

Veio a falecer no dia 31 de janeiro de 1990, com 85 anos incompletos. Além da esposa, deixou cinco filhos, todos com elevado nível cultural e econômico, a saber: Lourdes Maria, Leonilde Emília, Ari, Laureci Rosa e Alceu Luiz.

Lourdes Maria casou com Joaquim Nunes Hoffman, pecuarista, tendo os filhos: Maria Angela, casada com Alvício Telles (filhos: Marina e Bernardo; Elenice; Gislane, casada com Francisco Carlos Campana (filho: Francisco Carlos Campana Júnior); e Júlio André.

Leonilde Emília casou com Luiz Ori Nunes, pecuarista, ex-patrão do CTG “Alexandre Pato”; filhos: André Francisco, casado com Jane Cirino dos Santos (filho: José Francisco Nunes Júnior); Angela Maria; Lucimar, funcionária do Banco Meridional; Lucilene e Luiz Ori Nunes Júnior.

Ari, pecuarista, casou com Terezinha Solange Hoffman; filhos: Gilvânia, Gláucia e Glauciane, estudantes.

Laureci Rosa, professora, casada com Dr. José Antônio de Andrade, formado em Administração de Empresas, pecuarista, radialista, vereador em Lagoa Vermelha, irmão do Dr. Paulo Moysés de Andrade, prefeito municipal; filhos: Josene, Juliana Mara e Tânia Raquel, estudantes.

Dr. Alceu Luiz, engenheiro mecânico e pecuarista, casado com Aidé Maria Nunes; filhos: Anderson Luiz e Renata.



6 - UMA PARTIDA DE BOCHAS

A festa vinha sendo preparada com muita antecedência. A propaganda soara até nos municípios vizinhos. Nos mais afastados recantos da região do rio das Antas, comentava-se a passarinhada e, sobretudo, comentava-se a partida de bochas em Vila Flores. Prometia a mais linda e concorrida festa do ano.

Os caçadores começaram a dar tiros dois dias antes. Nos matos, ospocava cerrado tiroteio. Mais de cinquenta espingardas e várias redes na beirada das lavouras.

Rendeu a maior caçada da história. Cerca de mil tico-ticos. Quinhentos sabiás, sem falar em outros passarinhos. Foi mister destacar dezenas de mulheres a fim de preparar o grandioso festim. A polenta, então, deu o que fazer. Vinte caldeiras e panelas.

Inúmeros convidados chegaram já de véspera. Aproveitaram o jantar, juntamente com todos os membros da sociedade local. Naquela noite, consumiu-se um terço da passarinhada. Diversas polentas. Barris de vinho crioulo. Gostoso vinho da colônia. A seguir, cantaram até altas horas da madrugada. Canções italianas e algumas brasileiras como o Boi Barroso.

No decorrer da noite, houve muitas apostas sobre o resultado da partida de bochas do dia seguinte — o acontecimento mais importante daquela solenidade. Assunto obrigatório. Ia-se ferir renhida disputa entre Vila Flores e a vizinha cidade de Alfredo Chaves.

* * *



O jogo de bochas, naquele tempo em que ainda não se jogava com os pés, constituía a maior atração, o melhor divertimento em dia de domingo.

Os imigrantes trouxeram-no da Itália. Cultivaram-no desde os primeiros anos da imigração, em toda a zona colonial. Foi se difundindo pelos quatro cantos do Estado, chegando a ultrapassar as fronteiras. Hoje, não existe lugarejo nem bodega, perdidos no último rincão da campanha gaúcha, sem cancha de bochas. O jogo é tradição, como o churrasco e o chimarrão, e faz parte do vasto e colorido patrimônio folclórico do povo rio-grandense.

Vila Flores possuía fama em questão de bochas. Seus jogadores e, notadamente, os bochadores, podiam compelir com os melhores do Estado.

Aos domingos, as duas equipes convidavam todas as crianças e moços para torcer durante a partida. Os vencedores, jogadores e torcedores, findo o jogo, comiam a macarronada, que os derrotados pagavam.

Naquele dia, um esplêndido domingo de maio, centenas de pessoas saborearam a segunda passarinhada, com muita polenta e vinho da colônia.

* * *

Às duas horas da tarde, a cancha de bochas já se encontrava cercada de espectadores. No barranco, nos cinamomos, nas janelas das casas, em toda a parte, o povo se comprimia, aguardando ansioso o início da peleja.



As três horas, Beppi trouxe a caixa com as bochas. Ia ser estreado um jogo de bochas de ipê-preto. Novinhas, bonitas, lisinhas, dando cócegas nas mãos.

Pouco depois, entravam em cancha os quatro atletas. Antônio e Atílio, representando Alfredo Chaves; Fernando e Joaquim, Vila Flores. Foram recebidos com estrepitosos aplausos. A seguir, foguetes e morteiros davam sinal do início do torneio.

Antônio e Joaquim sortearam o direito da saída, jogando uma bocha cada um. O primeiro praticou excelente jogada, colocando a bocha pertinho do bochinho. Joaquim, tido por todos como o melhor bochador da paróquia, começou provando espetacularmente a sua tarimba, com uma extraordinária “seca”. A bocha estourou violentamente na do Antônio, que espirrou, deixando a do Joaquim em seu lugar. A assistência vibrou com a primeira exibição tão brilhante.

Fernando pegou do bochinho. Na mão, bateu-o de encontro com a bocha. E fê-lo deslizar pelo chão, indo parar a dois metros do final da cancha. Jogou a primeira bocha.

Boa, Fernando! — Gritaram os assistentes. Estava a dois palmos do bochinho. Atílio largou o esférico de madeira, que parecia fosse bater na bocha do adversário. O jogador acompanhava com movimentos do corpo as evoluções da bola, como para ajudar, enquanto torcedores, com palavras e gestos, instigavam como se faz para os animais. Tocou mal e mal, de raspão, a bocha do competidor, indo agachar-se bem rente ao bochinho.

— Muito bem, Atílio!

— Aí, Joaquim. Uma “seca”, Joaquim. Joaquim! Joaquim!



— Gritava a torcida.

O detentor da arte de bochar caminhou três passos e desferiu certa bochada. Uma “seca” valente, que foi longamente aplaudida.

Antônio tentou vingança. Mas a sua bochada saiu meio mole. Então, jogou a outra bola, que parou a um palmo do bochinho, levando a melhor sobre o seu contrário.

Segunda bochada de Joaquim. Outra “seca”.

— Já ganhou! Já ganhou! Joaquim! Joaquim! — Era o que se ouvia, entre os espectadores.

Atilio apertou o cerco, porque tentar bochada seria temeridade. Era arriscar-se a perder seis pontos. Fez rolar a bocha até pertinho, sem contudo marcar ponto, o que impediu que Fernando aumentasse o marcador.

Um a zero para Vila Flores. Na segunda jogada, Alfredo Chaves empatou. E assim decorria encarniçada a luta. A assistência não encontrava oportunidade de dizer “seca” seis.

* * *

Em dado momento, o cachorrinho de Caetano Galli, vendo-se apertado no meio daquele mundo de gente, aliviou para dentro da cancha. O miserável do bichinho levou chute de tudo quanto era pé. Cinco minutos mais tarde, o guaieca de Isidoro Zanola repetiu a invasão da cancha. Foi corrido como cusco em cancha de bocha.

A seguir, outro incidente. Joaquim, numa bochada tremenda, arremessou o bochinho para fora da cancha. A



assistência, instintivamente, se agachou. Como um bólido, fuzilou zunindo, indo dar em cheio na cabeça do rapazinho Raimundo Simonetto. O gurizinho já lhe lascou uma “bestemeta”. Também não era pra menos. Levantou um galo do tamanho do bochinho. La fusca! Quase me derrubam o piá.

A equipe de Vila Flores já marcara 21 pontos contra 16. Foi quando Alfredo Chaves, numa jogada feliz, colheu meia dúzia de tentos. Um grande susto para os locais.

É escusado dizer que, neste azar, se fizeram ouvir as costumeiras “bestêmias”. Porca miséria. Porco Giuda. E também alguma “óstia” e “sacramento”. Por vezes, algum desbocado blasfemador maldizia Deus e Nossa Senhora, sempre na língua dos gringos. Um horror, porca miséria!

A partida acabou com a vitória de Vila Flores. 24 a 23.

* * *

Dez minutos de intervalo. Os jogadores refrescaram a garganta com um trago da “branca”. E o jogo recomeçou. Decorreu sempre renhido, muito disputado, puxado um a um. Por fim, surgiu a vitória dos visitantes. Então, o empate permitia a disputa da “negra”.

Os ânimos, sempre mais exaltados, vibrando, vibrando. A expectativa sempre mais intensa. Os aplausos reboando fragorosamente.

Os tentos vinham puxados vagarosamente, impressionantemente. Um para Vila Flores, outro para Alfredo Chaves. Uma para Alfredo Chaves, outro para Vila Flores.

E, nesta angustiante ansiedade, jogadores e assistentes, inquietos, nervosos, “bestemando”, chegaram ao último lance.



23 a 23. Não haveria empate. Quem por primeiro marcasse 24 pontos, seria o vencedor.

Atilio mandou a primeira bocha para perto do bochinho. Fernando pespegou-lhe bonita “seca”. A torcida gritava, gritava, que ensurdecia os ouvidos. Antônio, sem perder tempo, repetiu a façanha. Formidável! Os locais já prelibavam a vitória. Os alfredochavenses confiavam na valentia de seus bochadores. Agora, todos só queriam bochar, para fazer bonito.

Fernando, receoso de errar o tiro, cedeu a bocha para Joaquim. Este estourou a primeira “seca”. Joaquim largou a segunda bochada numa “seca” admirável, no que o imitou o Antônio.

A esta altura, as aclamações dos torcedores reboavam como estrondo de ondas encapeladas. Principiavam a espocar foguetes, morteiros. O sacristão, com licença do vigário, já estava no campanário para fazer repicar o sino, festejando a vitória.

Uma pausa. Pausa impressionante! Joaquim! Joaquim!

Ele, o Joaquim, o coração aos pulos, mas aparentando calma, jeitosamente, franzindo a testa, apertando os lábios, despejou o último tiro, fazendo uma jogada sensacional, marcando o ponto da vitória.

O grito dos espectadores tinha ecos de uma explosão. Mas a explosão foi apenas momentânea. Apagou-se de súbito, como água fervente recebendo um jato de água fria.

Que foi? O que aconteceu? Inacreditável! Joaquim acabava de tombar fulminado pelo raio de uma síncope cardíaca. Sim, lá estava ele nos braços dos torcedores que iam felicitá-lo.



A vitória estava ganha, mas o heróico vencedor jazia morto, morto em pleno campo de batalha, sangrando, mas coberto de glória.

Os sinos, que já repicavam festivamente, silenciaram por um momento, para, a seguir, dobrar a finados, derramando uma espantosa onda de tristeza, cobrindo Vila Flores de luto, diante da morte súbita e inesperada do mais brilhante de todos os jogadores de bochas... O tiroteio de foguetes e morteiros igualmente cessou, melancolicamente.

Profundo pesar envolveu a grande assistência. No dia seguinte, na hora triste do funeral, os conterrâneos, em meio da consternação, experimentavam um misto de orgulho e alegria. Aquele cortejo fúnebre tinha ecos de marcha triunfal, levando para a imortalidade um autêntico herói, que dera a vida conquistando um soberbo galardão para a sua terra.

* * *

Foi assim que no dia 2 de maio de 1926 faleceu em Vila Flores o imigrante italiano JOAQUIM FIORI, fundador e agora patrono do novo município gaúcho de Vila Flores. Contava 68 anos de idade. Foi o primeiro comerciante da Vila. Natural de Monte Retondo, Lucca, Itália, emigrou pequeno, fixando-se na antiga Colônia D. Isabel, atualmente Bento Gonçalves. Transferiu-se, ao depois, para o vizinho município de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, onde lançou os alicerces do futuro município de Vila Flores, que, em sua honra, recebeu o nome de Vila Flores, tradução do nome italiano FIORI.

Casado com Antônia Zilio, teve 12 filhos, a saber: Maria, João Gabriel, Ângela Júlia, Francisca, Júlio, Ferdinando Angelo, Drusiana Susana, Adolfo, Antônio, Fiorelo Décimo, Anita e Maura.



Entre seus numerosos descendentes, figuram médicos, advogados, professores, incluindo-se Zélia Fiori, primeira Prefeita Municipal de Vila Flores. Seus descendentes andam espalhados por vários Estados do Brasil.



7 – BERNADETE

A casa do agricultor Pedro Agostini, na Linha Gomercindo, distava vinte quilômetros da cidade gaúcha de Antônio Prado. Era um vasto sobrado de madeira, estilo colonial da zona italiana do Rio Grande do Sul, construído ainda quando vivia o velho progenitor, um dos bravos pioneiros da imigração. Penetrara ali abrindo picada através do emaranhado matagal que outrora vestia de negro aquelas montanhosas paragens.

Como era emocionante a triste história que o ancião contava, ao redor do fogão, nas geladas noites de cruel invernia, enquanto o zunido do minuano lá fora chorava, uivando! A dolorosa odisséia dos primeiros anos de vida no sertão alpestre, à mercê de todas as privações, tendo, às vezes, por único alimento o mísero pinhão!...

Mas o braço heróico do anônimo desbravador, na sua indomável tenacidade, transformou em poucos anos a ínvia floresta numa encantadora sementeira em flor. E lá estava agora, pompeando ao lado de imenso vinhedo, o amplo sobrado da família Agostini, com linda e numerosa filharada. Quatro rapazes e oito moças.

Com tantos braços vigorosos, para os quais o trabalho constituía divertimento, o Seu Pedro atapetava a encosta da serra com soberbo milharal, que se perdia de vista. Extenso trigal lourejava aos beijos cálidos da brisa primaveril. O vinhedo produzia mais de cem mil quilos de uvas sumarentas. No comprido barracão do chiqueiro, engordavam consecutivamente mais de 50 porcos. A cacarejante galinhada era a coisa mais linda do mundo. Cinco vacas leiteiras.



É verdade que a filha mais velha, a Gaudência, casara e se transferira para o Estado de Santa Catarina, e lá, com apenas 22 anos, veio a falecer de parto, ao dar à luz o segundo filho. O Arcelino havia ingressado no Seminário dos Capuchinhos.

Ultimamente, principiava a grassar na colônia a febre dos caminhões. Dezenas de centenas de filhos e netos de imigrantes italianos, deram de adquirir possantes caminhões de transporte e viajar para São Paulo. O genro Fochesatto, casado com a Nailde, comprou um Alfa Romeo e, mais tarde, uma frota de caminhões.

A Ivone, imitando o exemplo da Antenisca, transformou-se em professora. Professora improvisada, feita a machado; mas a professora mais esforçada e querida que já lecionou na modesta escolinha municipal da capela de Nossa Senhora da Saúde, da Linha Gomercindo. Dedicava-se apaixonadamente aos seus alunos. Por amor da nova profissão, desprezou até a mão abastada e nobre de dois jovens. Andava já beirando os 22 aos de idade.

O Seu Pedro, criado na rabiça do arado, não via de bons olhos aquele abandono da lavoura por parte dos filhos. O êxodo rural para as cidades era epidemia que atrofiava a colônia e corrompia a mocidade. Mas, graças a Deus, a família continuava numerosa. E o futuro não o impressionava. O que menos o preocupava era o casamento de suas numerosas filhas. Sobravam pretendentes à mão de tão lindas e estimadas jovens.

* * *

Uma, no entanto, houve que acarretou não pequenos dissabores ao velho e virtuosíssimo casal, de costumes



patriarcais. Foi a Maria, a fisicamente mais prendada de todas as suas filhas. Um verdadeiro encanto de formosura, nas suas 16 exuberantes primaveras.

Loira, de rosto oval, nariz pequeno e arrebitado. Cabelos naturalmente crespos e sedosos como pragana de milho verde. A sombra macia dos delicados cílios, entre as bastas cortinas das pestanas, abriam-se as janelinhas dos olhos grandes, garços e suaves. Na boca miúda, os lábios de carmim desabrochavam no sorriso permanente como botão de rosa escarlate. Em seu mimoso rostinho de anjo, brilhava o fulgor da inocência. Dir-se-ia flor cultivada com carinho em vaso de porcelana. Apenas o soláço das trabalhadoras quotidianas começava a bronzear-lhe a branquura da acetinada tez.

Domingo de verão. A manhã era um poema em flor. A natureza cantava de luz sob a limpidez de um céu sem jaça. Tentador convite para a festa que na capela vizinha se celebrava.

Ivone, Lourdes e Maria, acompanhadas pelo pai e um mano, cavalgavam garbosos pingos escarceadores. O vento frio, levantando os fartos cabelos perfumados das ricas jovens, emprestava uma graça infinita ao gentil grupinho, a galopar pela linha alvacentá do caminho, entre lavouras e vinhedos.

De longe, ouvia-se o alto-falante derramando melodias, chamando para a festa. O lugarejo principiava a animar-se com a chegada de cavaleiros, caminhões e automóveis, despejando gente em trajes domingueiros. Famílias da colônia e alguma da cidade.

No gramado, ao redor da igrejinha, tendas de jogo, pesca, roda da fortuna, tiro ao alvo, atraindo a rapaziada, que expendia o primeiro dinheirinho. Na copa, bebericavam-se garrafas de cerveja, vinho e guaraná.



O sino bimbou o último sinal. Emudeceu o alto-falante. Todos se dirigiram ao templo. Superlotado. O povo aconchegou-se em frente e em derredor. Um coro de vozes maravilhosas entoava cânticos à Virgem de Lourdes. O sermão, que todos ouviram atentos, durou meia hora. Procissão até a gruta, que se aninhava no matinho próximo, junto a límpido regato.

Era meio-dia, quando terminou a cerimônia religiosa. Houve então correria em direção ao churrasco, que rechinava sobre o brasido, à sombra amena do capão, impregnando o ar com suavíssimo odor, dando água na boca da gente.

A família Agostini saboreava o apetitoso assado, o espeto fincado no chão e encostado a uma ingazeira. Pertinho, entre conversa animada, dava talhos na carne quente e gostosa a família Marsiglio, da cidade.

Pedro era amigo do Seu Marsiglio, construtor de casas. Não era arquiteto formado, mas prático. Bom construtor. Os filhos deste, duas moças e o João, bonito rapaz de 18 anos, por sua vez, palestravam com as três coloninhas. Tornaram-se bons amigos.

Passaram juntos o resto do dia. João começou a arrastar a asa para o lado da Maria. Assinava o nome dela em todas as listas de rifas. No leilão, arrematou uma torta, entregando-a à mocinha, que andava acanhada com tantos galanteios. O alto-falante cinco vezes chamou a atenção da Maria, tocando homenagens sonoras do moço da cidade. Por fim, a sós, conversavam, passeando.

Iniciava-se assim um namoro firme, sincero. Ao regressarem para casa, a Ivone e a Lourdes felicitaram a irmã. Até os pais ficaram contentes. Ninguém se opôs àquele namoro,



que prometia casamento.

* * *

Todos os domingos, João visitava a Maria, lá na Linha Gomercindo. Ia de motociclo e, às vezes, no carro da família. De tarde, após o rosário na capela, o airoso par, causando inveja a muitos, passeava na pracinha e pela estrada que levava à casa do Seu Pedro.

Noivaram. João, braço direito do pai, já entendia do riscado, desempenhando perfeitamente a profissão de engenheiro civil. Vizinhos da família Agostini contrataram-no. Então, aparecia muito serviço para o jovem construtor. Terminada uma casa, outras o aguardavam.

Convidado, passou a hospedar-se em casa dos pais da noiva. Todos gostavam daquele rapaz bonito, moreno, de olhos castanhos, estatura acima da mediana. Expansivo e alegre, divertia a petizada com anedotas e casos interessantes. Dono de maviosa voz de tenor, cantava belas modinhas brasileiras e italianas.

Maria não cabia em si de contentamento. Passava o dia na afanosa tarefa de preparar o enxoval. Ivone, após as aulas, auxiliava. Conversavam animadamente, falando da felicidade futura reservada à ditosa filha do Seu Pedro. Iria morar na cidade, longe da penosa vida da colônia, sob a causticante soalheira do verão, a geada do inverno, as formigas mordendo os pés durante a lida da roça...

— Ivone, — falou Maria — já estás convidada para madrinha de casamento e do batismo da primeira filha.

— Muito obrigado, Maria. Muita honra para mim!



— Tu já foste madrinha da Antenisca e da Leonora. É tradição.

João, com auxílio do pai, preparava o ninho para o futuro lar. Uma linda casinha num bairro da cidade.

Lá um dia, Pedro e sua esposa Rosa resolveram passar uma temporada em Lagoa Vermelha, junto com o cunhado e irmão, Frei Celestino Dotti, diretor do Ginásio Duque de Caxias. Ivone, a mais velha, arcava agora com a responsabilidade da família. Embora às escondidas, vigiava cuidadosamente o comportamento da mana com o João.

Maria era alma de candura e ingenuidade infantis. O menor deslize macularia a brancura impecável daquele lírio e transpareceria como nódoa em vestido de nívea alvura...

Foi assim que, decorrido um mês, a jovem noiva sofreu radical transformação psicológica. Triste, retraída, olhava desconfiada para a Ivone, como criança que acabasse de cometer grave desatino.

A professora notou a brusca mudança. E sinistros pensamentos agitavam-lhe o espírito. Qual coração de mãe, tudo adivinhou.

O caso se esclareceu semanas depois, quando, numa segunda-feira, cedinho os noivos encilhavam os cavalos. Ivone não teve dúvidas. Pensou: Vão à cidade provocar o aborto. Resoluta, correu e arreiou o baio.

— Aonde vai, Ivone? — pergunta a Maria.

— Vou contigo, Maria.

— Para quê?



— Não precisas perguntar, Maria. Vou telefonar ao papai, ouviste?

Os noivos montaram a cavalo e, apressados, partiram em disparada. A professora terminou de ajeitar o lombilho e os pelegos. E saiu-lhes no encaço, guasqueando o cavalo, que galopava. O par já ia longe. O baio alcançou-o lá adiante. Mas não havia jeito de Ivone tomar o lado da irmã. Finalmente, conseguiu-o numa curva onde o caminho se alargava.

— Escuta, Maria, tu está louca? Então, queres matar uma criança? Mas isto é um crime. Crime monstruoso, o maior de todos os crimes. Só um bárbaro como Herodes, só um bandido como o Lampião, pode praticar tamanha crueldade. Assassinar um filho! Um anjinho! Um inocente que não pode se defender! Mandá-lo para a eternidade sem batismo! Será possível que se dê tão negra desgraça em nossa família?! Vou já pedir ao papai que voltem imediatamente...

Sem dizer palavra, os noivos estalaram o rebenque e se alongaram, prosseguindo viagem sozinhos. A custo pôde Maria reprimir o vulcão de raiva que lhe ia na alma combalida. Ela caía fulminada pelo raio da graça, que a violenta tempestade do gesto eloqüente e desassombrado da irmã provocara.

O sermão surtiu maravilhoso efeito. O que os noivos fizeram na cidade foi apenas falar com o Seu Marsiglio, o pai do João. Este pediu fossem apressados os trabalhos da construção da casa, porque resolveram antecipar a data do casamento.

Ivone, quando a mãe voltou, contou-lhe a história. A mãe não acreditou. Não podia acreditar naquele absurdo. A gravidez antes do casamento, mesmo durante o noivado, no ambiente patriarcal das famílias da colônia na época, constituía irregularidade extremamente abominável. D. Rosa não podia



acreditar. Exacerbou-se:

— Bobagem, Ivone! Onde é que se viu pensar num absurdo destes?! Larga mão da idéia, filha.

* * *

Pobre da professora! Oprimida pelos maus olhares da mãe e dos noivos. Maria, em cujo íntimo as desgraças se acumulavam, porque o pecado chama outro pecado, evitava qualquer conversa, qualquer contato com a irmã. Votava-lhe ódio. Para o seu jovem coração inexperiente, Ivone procedera ingrata e injustamente. Por isso, tinha-a em conta de inimiga fidagal, que repelia como o ser mais abjeto e repelente do mundo. Faltando à palavra dada, desprezou-a recusando de aceitá-la por madrinha de casamento.

Às vésperas deste, os sintomas da gravidez apareceram claros. A mãe não disse nada à filha professora, mas passou a viver aborrecida, taciturna, mal disfarçando a suprema dor que lhe estortegava o velho coração de progenitora exemplar, cujos filhos corretos, comportados e honrados, até aí só lhe haviam proporcionado consolações...

O enlace, apesar disso, realizou-se com pompa, na Capela de Nossa Senhora da Saúde, da Linha Gomercindo. Ivone, lá no último banco, assistia à cerimônia religiosa com lágrimas nos olhos e preces nos lábios. Que Deus, em troca de tanto sofrimento e humilhação, abençoasse aquele par, sobre o qual fulgiram risonhas perspectivas de completa felicidade.

Decorridos poucos meses, na elegante casinha nova do bairro, nascia encantadora menina, loira, de olhos grandes e azuis, como os de sua jovem mãezinha.

Bernadete, a primeira flor daquele jardim, era um



anjo tombado do céu para conforto e alegria do casalzinho. Desfaziam-se assim todas as nuvens dos passados dias de angústia e sofrimento.

No segundo domingo de maio, dia consagrado às mães, o ridente casalzinho experimentou, em sua plenitude, a aventura inenarrável de haver gerado aquele anjo tão querido que podia estar morto. Morto por seus próprios pais antes de nascer.

João e Maria levantaram cedo, foram à missa e comungaram. Voltaram, o coração em festa, cantando. Correram ao quarto. Maria, lindamente vestida, retirou a filhinha do berço rendilhado. Estalou-lhe um beijo quente no rosto rechonchudo. E, junto com o João, ficou a contemplar, enlevados, o rico amorzinho, a esboçar o primeiro sorriso.

De tarde, assistiram a linda festinha, carinhosa homenagem das crianças a todas as mães da cidade. “A mãe tem um pouco de Deus e muito de anjo”. Maria não conteve as lágrimas ao ouvir estas palavras e tantas expressivas poesias, discursos e cânticos, tudo dirigido ao coração materno.

* * *

Bernadete foi crescendo em idade e mais em formosura. Aos três anos já era considerada a criança mais encantadora da pequena cidade serrana, ao lado da maninha e do maninho, este recém-nascido.

O nome da irmã professora nunca mais soou nos lábios do casal. Mas, intimamente, vinha lembrado todos os dias, não já com desprezo, mas com infinita gratidão.

Ivone, a esta altura, residia em Lagoa Vermelha, junto com a Lourdes, já casada. Professora, continuava exercendo sua profissão longe de casa.



Lourdes, uma tarde, recebeu convite da Maria para uma visita, juntamente com a professora. O convite, embora disfarçado, visava expressamente a esta. Tardara muito. Tardara demais. Mas sempre veio.

Ivone, que há tempos sabia da imensa alegria dos pais por causa da primogênita, recebeu comovidíssima aquela tão suspirada comunicação. Até que enfim. Graças a Deus!

Nas férias lá vai ela à casa paterna. Passando pela cidade, bate à porta da casa do cunhado. Vem recebê-la a própria Maria, com grandes abraços e grandes beijos.

Sentam na salinha, toda enfeitada de flores. Nas paredes, fotografias do casamento. Conversaram alegres, quando, de súbito, se abrem as cortinas da porta da varanda. Era Bernadete, procedente da cozinha. Vai correndo para a tia, atirando-se-lhe nos braços como se fosse sua mãe...

A surpreendente e misteriosa atitude da garotinha fulmina o coração da mãezinha e também da Ivone, que a cobre de beijos e lhe diz:

— Esta, então, é a Bernadete? Como está linda! Olha, meu bem, quando fores grande, eu te contarei uma história muito linda...

A professora olha para a Maria. Os olhares se encontram. Levanta-se, cai no sofá, abraçada com a irmã, a chorar, a chorar.

— Ivone, perdoa-me. Ivone, muito obrigada. É a ti que devo este anjo. Perdoa-me, sim, querida? Como eu fui ingrata! Naquele tempo eu não tinha cabeça. Não fosses tu... Ai, que horror! Que horror, meu Deus! Tu foste, Ivone, o anjo tutelar que me salvou. Não foras tu, eu seria hoje uma criminosa. Assassina de minha filha. Assassina deste anjo. Ai, meu Deus!



As duas irmãs, abraçadas, choravam, diante da estupefação infantil da Bernadete, que já esboçava um beicinho de choro, com aquela incompreensível e enternecedora cena. Ivone deu outro beijo:

— Não chores, meu bem. Não chores agora. Quando fores grande, eu te contarei uma história muito linda!... Então, haverás de chorar!

E deu-lhe outro beijo.

* * *

Bernadete foi sempre uma criança encantadora, fazendo a felicidade de seus pais. Estudou. Os pais transferiram-se para Caxias do Sul, onde Bernadete contraiu núpcias com Osmar Telles Pereira, um dos mais hábeis cabeleireiros daquela pequena metrópole, fundada por imigrantes italianos.

João e Maria tiveram mais seis filhos. Estes, com o pai, abraçaram a profissão da família, sendo atualmente proprietários de importante empresa construtora, cuja gerência encontra-se nas mãos competentes do filho Jorge. Maria partiu nova para a eternidade, em 1985, com apenas 53 anos de idade. A ela coube a carinhosa tarefa de cuidar do velho pai, nos últimos anos de vida.

O pai, Pedro Agostini, nascido em 1899, veio a falecer no dia 16 de maio de 1982, enquanto D. Rosa Dotti Agostini, nascida em 1901, faleceu em 1978. Ela era irmã dos capuchinhos Frei Justino e Frei Celestino, este duas vezes superior provincial. Era ainda tia de D. Orlando Dotti, Bispo de Vacaria.

A Gaudência, como sabemos, faleceu aos 22 anos, quando dava à luz o segundo filho, lá em Concórdia, Santa Catarina, onde seu marido continua estabelecido com loja e indústria



madeira.

Leonora, casada com Henrique Lazzari, reside na cidade gaúcha de Farroupilha, tendo cinco filhos. A Antenisca, professora, casou com o comerciante Alfredo Anzolin, de Lagoa Vermelha. As duas filhas são professoras, graduadas em Pedagogia. A Ana, sua filha, é casada com Leocir Bozza, e tem o filho Leandro; a Rosa ainda é solteira em 1990.

A professora Ivone casou com o comerciante Ermindo Luvizon; três filhas, todas formadas em cursos superiores; a Ivone, em Matemática; a Idiana é odontóloga e a Eda graduou-se em Bioquímica e Farmácia. Reside em Nova Prata, RS.

A Lourdes casou com Alcides Stedile, e em segundas núpcias, com Alcides Secchi; três filhos; reside em Veranópolis, RS.

A Nailde casou com Bianchi Focchesatto, dono de uma frota de caminhões, incluindo várias carretas; 4 filhos; residem no Mato Grosso.

A Anastácia, casada com Guerino de Grandi, reside em Caxias do Sul; três filhos. O Arcelino, depois de trabalhar com os capuchinhos, passou a lecionar na Universidade Católica de Pelotas; casado com Neura, tem o filho Luciano.

O Alcides Agostini casou com Maurília Tieppo, tem 7 filhos e reside em Antônio Prado. Por fim, a Teresinha casou com Alexandre Faraon Neto, tem três filhos e reside na cidade gaúcha de Antônio Prado.



8 - O RINCÃO DA CRUZ

O frio, cavalcando o fogueiro pingo do minuano, guasqueava impiedosamente a lomba do coxilhão. Depois, descendo o lançante, furioso, chegava assoprando violenta e ruidosamente sobre a casa e os galpões do Seu Crescêncio Ferreira, velho e abastado fazendeiro do Lajeadinho, em Lagoa Vermelha.

O sol mortiço daquela manhã de domingo de julho, despontando muito de mansinho, beijava tepidamente a face felpuda das coxilhas, acordando-as, como se fora mãe carinhosa osculando o rostinho angelical do filho no berço.

A peonada tratava a criação e ordenhava as vacas. D. Maria já acendera o fogo; e Seu Crescêncio, gordunho, baixote, farta cabeleira grisalha, de pala ao ombro, bombachas e botas de cano de fole, cevava o amargo.

De repente, ouve ronco de automóvel, e, pouco depois, forte buzina. Pensou no Valdomiro. O Valdomiro Muliterno, seu genro. Tão cedo? Não. Deve ser algum caçador, na certa.

Foi ver. Eram dois carros que chegavam, parando diante da mangueira. Uma camioneta Willy e um automóvel Ford Preto.

— Vamos chegar. Está na hora do chimarrão.

— Obrigado, Crescêncio. Nós viemos ver se é possível dar uns tirinhos no seu campo.

— Pois é — respondeu o fazendeiro fingindo falar sério. — No tempo da caça, todos são amigos do velho Crescêncio. Em outras épocas, ninguém me conhece.



— Mas, Seu Crescêncio, o Pe. Huberto já falou com o senhor, não foi?

— Não falou, não.

O Meminho já andava assustado com tanto caradurismo, quando a Alaíde, por trás do pai, piscou um olho, como a dizer que ele estava brincando.

Soou, então, uma gargalhada. Estalou um abraço.

— Mas vamos entrar.

— Não, Seu Crescêncio.

— Ora, ora, ainda não dá para sair pelo campo. Deixem esquentar um pouco e parar esse ventarão danado.

Entraram. Sentaram na cozinha, perto do fogão. Tomaram umas cuias, entre alegre palestra. Depois falou o fazendeiro:

— Ao meio-dia espero os amigos para churrasquear no meu rancho.

— Obrigado, Seu Crescêncio. Nós vamos assar o churrasco no mato, lá perto do rio. O senhor está convidado:

— Agradeço. Hoje espero o meu genro Valdomiro. Não posso sair. Obrigado.

Levantaram-se. Lá fora, Seu Crescêncio explicou:

— Aqui já andaram caçando este ano. Mas no Rincão da Cruz e na Invernada Grande ainda ninguém caçou. Tem muita perdiz e perdigão. Eu vou mandar o Adão e o Pedrinho para acompanhar os amigos.

* * *



A camioneta, sob as ordens do vaqueano Adão, guiada por Pedro Dolzan, rico tricultor e comerciante na cidade, desceu à invernada, levando o Ubirajara e o churrasqueiro Luís Dolzan, exímio assador da comida típica do gaúcho.

Orlando e Guilherme Comiran (O Meminho) de automóvel, rumbearam para o Rincão da Cruz, acompanhados pelo Pedrinho. No alto do coxilhão, de onde se avistava o Rincão da Cruz, Meminho, morto por iniciar o seu esporte preferido, falou:

— Podemos deixar o carro aqui, e já saímos caçando.

Meminho, sobrinho do Pedro Dolzan e também forte comerciante, tinha verdadeira paixão pela caça. No ano passado adquiriu uma espingarda mocha, marca “La Sorda”, de fabricação espanhola. O fino de espingarda de dois canos.

A primeira vez praticou ele a maior pixotada do mundo. Quarenta tiros sem derrubar uma perdiz. Chegou a desfechar debalde quatro tiros num perdigão, em duas investidas. Parecia mentira. Até que um dia foi treinar atirando nos quero-queros. Levantaram dois ao mesmo tempo. Atirou para um e caiu o outro.

Estava desvendado o mistério. Acontece que ele fechava o olho direito em vez do esquerdo. Não podia fechar o esquerdo. Então resolveu grudar um esparadrapo na sobrancelha. Assim que o cachorro amarrasse, baixava o emplastro, tapando uma vista. Foi um santo remédio. Agora, com três tiros, derrubava uma codorna.

Naquele domingo, gastou 70 cartuchos e juntou 20 perdizes. Estava contente. A média era boa para um principiante na arte cinegética.



Orlando, seu irmão, errou vinte tiros e acertou 18. O Ubira (Ubirajara índio do Brasil Muliterno — nome bem brasileiro), com 22 tiros, matou 20 perdizes e dois perdigões. Caçador como ele, só mesmo o Lélío Caimi.

* * *

Orlando ficou encantado com o Rincão da Cruz. Interessado, quis descobrir a cruz do rincão. Mas descobriu apenas uns escombros de tapera. Tijolos amontoados. Um trecho de taipa velha e caída. Pedacos de madeira de cerne. Troncos de pessegueiros e ameixeiras. Logo abaixo, a vertente alimentava o capão de pinheiros, guamirins e goiabeiras.

Sentou-se na taipa, descansando e contemplando pensativo aquilo que fora um dia morada de alguns dos primeiros povoadores dos pagos gaúchos de Lagoa Vermelha.

O Tupi amarrou uma codorna ali perto. O caçador levantou-se, destravou a espingarda. E a ave “estourou”, sibilando em vôo rasante. O tiro saiu certo como armada de laço nas guampas do touro. O cachorro trouxe a caça que Orlando destripou e pôs no pendurilho, preso à cintura.

Voltou a pensar na misteriosa história daquela tapera do Rincão da Cruz. A cruz sugere morte, fala de crime. Vou perguntar ao Seu Crescêncio.

De tarde, na ampla sala da casa da fazenda, saboreando um gostoso amargo, os caçadores escutaram atentos a interessante história do Rincão da Cruz.

Não é do meu tempo — principiou o velho fazendeiro. — Meu pai é que contava. Naquela tapera morou um gaúcho que deixou fama por estes pagos. Índio velho, que domava em pêlo o bagual mais xucro da querência.



Dono de todas estas léguas de campo, povoado de gorda gadaria e de grande manada de mulas para tropear rumo de São Paulo, vivia no lombo do cavalo.

Uma vez, partiu com tropa de mulas, rumbeando para a terra dos Bandeirantes. Em casa, ficou a esposa em companhia de dois filhinhos e um preto velho de confiança.

Noite escura. O minuano roncando. Batem à porta da casa. A mulher acorda, assustada. Chama o velho escravo, que levanta prontamente.

Ela espreita lá fora. São dois vultos de poncho preto.

— Quem é? — pergunta.

— Dois viajeiros. Andamos perdidos. Desejamos apenas que nos indique o caminho.

Não era admiração. Naqueles tempos não havia estradas. As trilhas, cortando os campos abertos, confundiam-se com os trilhos do gado. Muita gente perdia-se de verdade, ainda mais de noite.

O bom escravo abre a porta e, ao colocar o pé no degrau da escadaria, recebe violenta facada no ventre, caindo a contorcer-se nas vascas da morte.

Os assassinos, a seguir, penetram na moradia. Acercam-se da infeliz mulherzinha, a qual, diante daquela cena de sangue, treme apavorada, numa angústia sem fim.

De faca em punho, berram os monstros:

— Queremos o dinheiro e as jóias. Imediatamente.

A pobrezinha, sem forças para falar, entra na alcova



onde dormem tranqüilamente as duas crianças. Seguem-na os bandidos. Encostam a faca ao peito, sangrando-a.

Cambaleante, dirige-se ela a uma pequena cômoda. Tenta abrir uma gaveta. Levanta os olhos para o alto como a implorar a proteção do céu.

A luz fraca do candieiro na salinha contígua mal ilumina a imagem do Sagrado Coração de Jesus, pendente da parede. Fora lembrança de seu marido aquela bendita imagem. Sente a alma iluminada por estranho clarão. Anima-se à esperança da graça divina.

Instintivamente, profere as palavras “não é nesta”. Abre a segunda gaveta. E, na vertigem do seu apavoramento, vislumbra lá dentro a silhueta do Anjo da Guarda.

Mete a mão, agarra o revólver, e, impelida por misteriosa força e estranha coragem, vira-se e, com rapidez fulminante, desfecha dois tiros à queima-roupa, prostrando os dois bandidos...

Deus armara aquele braço puro e inofensivo, incapaz de matar um bicho, não para cometer um crime, mas, no impulso do coração materno, salvar das garras do demônio os filhinhos inocentes.

Desvairada, agarra as crianças, envolve-as em lençóis, e sai correndo pelos campos como um fantasma, saltando rios e espinheiros...

No dia seguinte, foi encontrada desfalecida, junto à casa do vizinho, as crianças ao lado, quase asfixiadas.

Mais tarde, venderam a fazenda que foi do meu pai e hoje



é minha. A casa abandonada virou tapera, de que sobram hoje aqueles escombros. Foi erguida uma cruz, que deu o nome ao rincão.

O fato é histórico. E a polícia constatou que os dois bandidos eram os mesmos que em Santa Catarina haviam massacrado uma família inteira, com exceção de uma menina de nove anos, que se embrenhou nos matos onde foi encontrada pelos índos Coroados.

* * *

Crescêncio Paulino Ferreira (1893-1980), casado com Maria Cândida Ferreira (1899-1959), dono da Fazenda do Lajeado, no município gaúcho de Lagoa Vermelha, com uma área de 12 milhões de metros quadrados, hoje (1991) dos herdeiros, com exceção de cerca de dois milhões de metros quadrados que pertencem ao forte empresário Itacyr Mezzomo, teve os filhos: Felipe, Alayde, Edolide, Alaína, Ibraina, Nadir, Osório, Ana e Oscar.

Felipe Paulino Ferreira (1916-1989) era casado com Dolvina Branco de Abreu, teve os filhos: Adão e Altamiro. Adão casado com Jaci Soares (F. Tadeu, Francisco Felipe, João, Maria Luíza e Maria Cândida).

Alayde casou com João Heitor Ferreira do Amarante, criador; filha adotiva: Isabel de Lourdes, professora, casada com César de Assis Vegler (F. Rutinéia Cristina e Michele Ediala).

Edolide casada com Henrique Bossardi; filhos: Crescêncio, Maria Edolide e Ana Terezinha. Crescêncio casado com Beloni Bossardi; Ana Terezinha casada com o Dr. Marcelo da Conceição Lopes, Juiz de Direito, faleceu tragicamente em 27 de julho de 1980; filhos: Marcélia Cristina, Raineri Danilo,



Mireli Titoi e Montealverne Henrique. O Dr. Marcelo faleceu em Rio Verde, Mato Grosso do Sul.

Alaína casada com Valdomiro Muliterno, escrivão do Registro Civil de Clemente Argolo e criador, residente em Passo Fundo; filha adotiva: Isair Salete.

Ibraína casada com Romeu Muliterno, criador; filha adotiva: Maria Eloá, casada com Sílvio Renato Lobo (F. Ruth Renata).

Nadir casada com Sebastião Eurides Lima (1923-1971); filho: Paulo Rogério.

Osório (1926-1948) faleceu solteiro.

Ana (1934-1990) era casada com Adão Ferreira; filha adotiva: Ana Maria, casada com Ivo Carneiro.

Oscar casou com a professora Telma Campana; filhos: Crescêncio Ferreira Neto, Luciano e Márcia Maria.

As filhas de Crescêncio Ferreira estudaram no Colégio São José, a atual Escola Rainha da Paz, para cuja construção ele contribuiu, doando dois bois.



9 - IVO DALCIN E A COOPERATIVA

SANTA CLARA LTDA

A Cooperativa Santa Clara Ltda, com sede em Carlos Barbosa, RS, é uma organização modelar, considerada uma das melhores do sul do Brasil, no setor de laticínios.

A história desta empresa ainda está para ser escrita. Entretanto, Ivo Dalcin prestou ao autor um depoimento impressionante, relatando como a entidade pôde sobreviver e expandir-se de maneira prodigiosa.

Ivo Dalcin foi o apóstolo, o anjo tutelar desta cooperativa, tendo realizado um trabalho gigantesco, heróico, para que ela não sucumbisse. Por duas vezes, ele salvou da falência a Cooperativa Santa Clara Ltda. Aí vai, pois, o seu depoimento.

Minha paixão — Eu tive duas paixões na vida — declara Ivo Dalcin. — Duas paixões violentas e quase incontrolláveis: Minha esposa, D. Emma, fiel companheira de todas as horas; e a Cooperativa Santa Clara Ltda, “uma das mais autênticas expressões do corporativismo gaúcho”, pujante, sólida e cujo diretor administrativo e financeiro é atualmente (1991) o meu sobrinho Agenor Dalsin, filho do meu irmão Constantino Dalcin, um dos mais vigorosos sócios, forte produtor de leite, suínos, aves, ovos, hortifrutigranjeiros, frutas e que desapareceu prematuramente em 1988.

Duas paixões que, em certa época, se tornaram quase irreconciliáveis, atingindo a iminência de provocar uma tragédia, colocando-me à beira do abismo, a mim e minha família...

Minha paixão pela Cooperativa chegou ao extremo de fazer-me esquecer da outra paixão, da minha esposa, dos filhos,



de tudo. Houve tempos em que eu vivia exclusivamente em função da Cooperativa, inteiramente absorvido pela solução de seus problemas, pelo seu desenvolvimento e expansão.

Passava o dia e, muitas vezes, a noite fora de casa, a serviço da empresa. Só pensava na Cooperativa. Noites de insônia, pensando na Cooperativa. Dormia sonhando na Cooperativa. Viva viajando para a Cooperativa. Estive em Brasília uma dezena de vezes, tratando com as autoridades federais, inclusive com o Presidente da República. Várias vezes estive no Uruguai, em busca de vacas leiteiras. Muitas vezes, na Capital do Estado, sempre a negócios da Cooperativa... Da Cooperativa Santa Clara Ltda, que duas vezes salvei da falência, na época em que numerosas cooperativas sucumbiram.

Um dia, minha esposa, não suportando mais tanta ausência e tanto abandono do marido, explodiu: Ivo, se você continuar desta maneira, abandonando a casa, a mim e os filhos, eu vou me separar de você e passo a viver só com os filhos...

* * *

Acontece que eu, praticamente, me criei dentro da Cooperativa Santa Clara Ltda, cuja primeira sede ficava a 800 metros de nossa casa.

Meu pai, Bôrtolo Dalcin, foi um dos fundadores. Outros quatro fundadores eram meus tios: Domingos Deitos, Sílvio Breda, Pedro Baldasso e Francisco Maffassoli.

Os outros fundadores foram: Carlos Breda (bisavô do deputado federal Victor Faccioni), Cândido Baldasso, João Toffoli, Homero Comparsi, Luís Comparsi, Tiziano Chies, Pedro Frare, Pedro Zanetti, Francisco Canal, Andréa Chies, José Baccon, João Lazzaron, Antônio Chies, Basílio Mantovani,



Atílio Mantovani, Carlos Baldasso, Francisco Chies, Santo Chies, Fausto Breda, Miguel Chies, Marcos Carlotto, João Bianchini, João Zan, José Mantovani, Júlio Guerra e Celeste Baldasso.

A estes fundadores, constantes da ata da fundação, acrescente-se José Chies, o qual, durante as comemorações do 40º aniversário da entidade, em 1962, recebeu expressivas homenagens, ficando, então, seu nome incluído na relação dos fundadores da então “Cooperativa de Laticínio União Colonial”, hoje Cooperativa Santa Clara Ltda.

José Chies pode ser considerado pai desta Cooperativa. Com a idade de 16 anos, começou a fabricar queijo, como aprendiz do mestre Fausto Breda, que aprendeu a arte na Itália, na região de Parma. José Chies, figura invulgar de pessoa íntegra, dinâmico e honestíssimo, trabalhou durante cerca de 60 anos, sempre auxiliado por sua esposa, D. Elisa, uma autêntica heroína, que, além de prestar relevantes serviços na fábrica de queijo, criou 13 filhos.

Para mim, José Chies e D. Elisa são considerados meus segundos pais, pois me tratavam sempre como filho, havendo eu colhido deles importantes lições para a vida.

* * *

Meu Depoimento — Como filho de um fundador da Cooperativa e sobrinho de outros quatro fundadores, tendo principiado a trabalhar nela com oito anos de idade, em 1933; tendo sido durante vários anos membro do Conselho Fiscal e do Conselho Administrativo, presidente durante 15 anos; tendo trabalhado na empresa durante 56 anos, sendo 40 como sócio, fui aconselhado por amigos, inclusive pelo historiador da Cooperativa, sr. Ampélio Carlotto, a prestar minha colaboração





à história da mesma, fazendo um depoimento, por ocasião das festividades comemorativas dos 75 anos de existência da Cooperativa, solenemente celebradas no dia 10 de abril de 1987. Como tal, julgo-me credenciado a depor para a História.

Eu era ainda criança, sete anos, quando principiei a frequentar a fábrica de queijo de Santa Clara. O Sr. José Chies e D. Elisa me festejavam com tiras de queijo que saíam das formas, durante a fabricação.

Desde então passei a admirar e amar aquele ilustre casal. Admirava a força e destreza de D. Elisa, que descarregava dos burros as pesadas latas com 50 litros de leite cada uma. O Seu José pegava numa alça e a esposa na outra, como se estivesse brincando.

O Seu José Chies, de elevada estatura, fabricando o queijo, entrava, deitado, naquela imensa caldeira de cobre e manobrava com aquela massa branca e mole. Eu ficava tempo admirando o belo trabalho do Seu José.

Em frente da pequena fábrica, ao lado do arroio Santa Clara, estendia-se imenso chiqueirão, onde grunhiam dezenas de grandes e gordos suínos. Seguidamente, quando o Seu José e D. Elisa levavam o soro à porcada, eu ia lá para ver a festa ruidosa dos suínos, sorvendo aquele gostoso alimento líquido que os engordava em pouco tempo.

O transporte do leite da casa dos colonos para a fábrica era feito com burros, levando duas latas dependuradas da cangalha. O leiteiro fazia-se anunciar de longe buzinando um enorme chifre de boi. Então os produtores iam até à estrada e entregavam o leite, que era pesado na ocasião.

* * *

Em 1933, tendo eu apenas oito anos, eu disse ao pai que queria começar a trabalhar na Cooperativa, transportando queijo a Carlos Barbosa, com a nossa carroça, puxada por mulas.

Durante vários anos, fui transportando queijo de Santa Clara até a então vila de Carlos Barbosa, onde havia uma estação da viação férrea. O queijo seguia depois de trem até Porto Alegre.

Eu passava pela pequena localidade de Ponte Seca, onde foi ereta uma capela dedicada a São Roque. A festa deste santo era celebrada todos os anos com enorme afluência de povo, como ainda acontece atualmente. A localidade era presidida pela casa comercial de Fioravante Baldasso. Chama-se Ponte Seca por causa de uma ponte seca da estrada-de-ferro, hoje desativada.

Eu desempenhava meu papel com orgulho, causando admiração a muita gente, que via aquele garoto de oito anos governando a carroça com tanta destreza.

* * *

Em 1937, a Cooperativa completou 25 anos de fundação, tendo havido, então, uma bela confraternização de todos os sócios e suas famílias.

Neste tempo, meu pai, Bortolo Dalcin, participava das reuniões da administração, presididas pelo Diretor Comercial, o sr. José Chies, acompanhado do sr. João Toffoli, Pedro Baldasso, José Gedoz e outros sócios. Reuniam-se uma vez por mês, a fim de tratar assuntos da Cooperativa e pagamento dos associados.

José Chies costumava ir a Porto Alegre buscar o dinheiro dos compradores de queijo, que eram: Zucatti, Cerutti, Klein,



Valcanova e Grossi.

Reunia-se, então, o Conselho, para efetuar o pagamento aos sócios. Em cima da mesa, abria-se a mala com aquela montanha de dinheiro, que eu tanto admirava. O dinheiro de cada associado era colocado em envelope, sendo, em geral, entregue a cada destinatário pelo próprio leiteiro.

* * *

Filial de Caxias do Sul — Depois que a Cooperativa completou 25 anos de atividades, abriu armazém na cidade de Caxias do Sul, tendo, a princípio, a competente gerência do sr. Dionisio Denicol.

Todos os dias, uma Kombi transportava para lá os produtos da empresa, que eram disputados pela população caxiense.

Volvidos alguns anos de frutuosa atividade, a Filial de Caxias começou a ir mal, culminando por falir.

Foi um rude golpe para a Matriz, que passou, então, por sérias dificuldades, encontrando-se mesmo prestes de ir à falência.

O Diretor Comercial, sr. José Chies, foi quem mais lamentou o insucesso e tratou de tomar as devidas providências. Convocou uma reunião da sociedade. Relatou a situação e declarou, com veemência, que a Cooperativa não poderia cerrar suas portas. Era um patrimônio de Santa Clara, de Carlos Barbosa e da região.

Durante seu dramático pronunciamento, exaltou-se ao extremo. Levantou a voz e vibrou dois tremendos socos sobre a mesa. Em seguida, apelou para a boa vontade de todos os



associados. Que todos fizessem um sacrifício para socorrer a empresa. Que todos colaborassem para superar a crise.

Os sócios, emocionados por aquele gesto empolgante de José Chies, um valente chefe que todos respeitavam, arregaçaram as mangas e abriram seus cofres para socorrer a Cooperativa de Laticínios União Colonial.

Daí por diante, graças à generosa contribuição de todos os associados, graças a um rigoroso regime de economia e vigoroso crescimento da produção, a Cooperativa emergiu da crise e principiou a prosperar.

* * *

Motorista de caminhão — Em 1940, havendo o pai adquirido um caminhão, comecei a trabalhar de motorista, embora contasse apenas 16 anos. Fui o primeiro caminhoneiro de Carlos Barbosa. Obtive licença para dirigir, fornecida pela Delegacia de Polícia de Garibaldi.

Numa das primeiras viagens, tive a infelicidade de sofrer grave acidente, que destroçou o caminhão, sem, contudo, causar grave ferimento a mim, meu pai e nos dois caroneiros. Numa passagem de nível da via férrea, nosso caminhão foi colhido pelo trem.

Dias após, meu pai disse: Ivo, vou te dar um revólver para tua defesa. — Puxou do bolso um rosário e me disse, entregando-me: Aqui está. E todos os dias reze um Pai-Nosso a São Cristóvão... Nunca mais tive acidente algum.

Durante um mês, trabalhamos numa oficina mecânica de Garibaldi para consertar o veículo, com o qual, a partir desse ano de 1940, passei a transportar produtos da Cooperativa Santa Clara até à Estação Ferroviária de Carlos Barbosa.



Durante o Serviço Militar, em Santa Maria, eu fui escolhido para motorista do caminhão do Exército, que funcionava a gasogênio. Era uma luta!

Um dia, descendo para o lado da Estação Ferroviária naquela cidade, o motor falhou e fiquei sem freios. A custo, pude evitar de bater de encontro ao prédio da estação, entrando por uma rua transversal. Bati com as rodas no cordão da calçada, provocando impacto violento, que arremeçou ao solo os soldados que levava na carroceria.

Fui preso por causa do incidente. O comandante ralhou comigo:

— Ivo, e se você quebrava o caminhão?

— Sr. Comandante, pior teria sido se tivesse matado algum soldado.

— Não — respondeu. — Soldados a gente consegue outros por aí, mas o caminhão não se recupera...

* * *

A primeira viagem que fiz a São Paulo com o caminhão, na década de 1940, fui com meu primo Alcides Dalcin, que foi o primeiro caminhoneiro a fazer a viagem entre Bento Gonçalves e São Paulo. Levamos um mês, nesta viagem, com as estradas horríveis daquele tempo. Para atravessar a serra de Trombudos, em Santa Catarina, levamos oito dias. A gente saía de um atolador para cair noutro

Alcides era filho do meu tio Antônio Dalcin, que foi um dos primeiros sócios da Cooperativa Santa Clara, e, mais tarde, presidente da Cooperativa Vinícola Aurora, de Bento Gonçalves. Alcides morreu prematuramente, em consequência



da vida dura de caminhoneiro no tempo do gasogênio e das estradas impraticáveis.

Nos anos de 1943 a 1947, com o caminhão, transportei produtos da Cooperativa Santa Clara até Porto Alegre. Foram anos de sofrimento, enfrentando as estradas horríveis daquela época. Levava, em cada viagem, cerca de dez horas, por vezes até mais. Cruzava por Garibaldi, Bento Gonçalves, Farroupilha, São Sebastião do Caí e São Leopoldo.

Em 1949, entrei de Sócio da Cooperativa de Laticínios União Colonial. A seguir, a fim de poder entregar a produção, associei-me às Cooperativas de Carlos Barbosa (Cooperativa Agrícola Carlos Barbosa), à de Garibaldi, à Cooperativa de Erva Mate de Veranópolis e de Tungua de Caxias do Sul.

Em 1952 fui eleito membro do Conselho Fiscal da Cooperativa Santa Clara, e, em 1953, membro do Conselho de Administração da mesma.

* * *

Inseminação artificial — Na década de 1950, o Governo do Estado, através da Secretaria da Agricultura, principiou a promover uma campanha visando incrementar a inseminação artificial do gado bovino.

Juntamente com o sr. Reinaldo Chies, Diretor Comercial da Cooperativa, fui a Porto Alegre a fim de obter informações visando introduzir a inseminação artificial de vacas leiteiras aos associados.

Na Secretaria da Agricultura, pediram que se enviasse uma pessoa para aprender a profissão de inseminador. Destacamos o sr. Reinaldo Dalcin, que exerceu brilhantemente o ofício até sua morte prematura. Seu filho, Jamil Dalcin, passou a ocupar



o cargo herdado do pai.

Logo fizemos uma reunião, na qual participamos eu, Reinaldo Chies, Armelindo Baldasso e Gentil Baldasso. Tratamos da importação de vacas leiteiras do Uruguai, para serem inseminadas.

Viajamos os quatro a Santana do Livramento, onde, na cidade uruguaia de Rivera, nos aguardava o criador e vendedor, previamente contratado.

Compramos 140 vacas, que foram transportadas por via férrea em sete vagões, sendo, a seguir, inseminadas e vendidas aos associados, sendo que uma delas ficou para mim.

Foi uma bela experiência pioneira na região. Experiência que triunfou, fazendo com que a produção de leite da empresa aumentasse consideravelmente, tanto em qualidade como em quantidade.

* * *

Presidente — Em 1956, fui novamente eleito membro do Conselho Fiscal da Cooperativa Santa Clara. Em 1958 fui eleito membro do Conselho Administrativo da Cooperativa Agrícola Carlos Barbosa Ltda. Em 1962, fui outra vez eleito para o Conselho Administrativo da Cooperativa Santa Clara.

Neste ano de 1962, a Cooperativa festejava o seu 50º aniversário de fundação. Eu fui destacado para organizar a festa e o churrasco. Trabalhei duramente durante 30 dias.

Foi uma solenidade histórica, em que tomaram parte mais de mil pessoas, inclusive o sr. Governador do Estado, engº Ildo Meneghetti.

* * *



Neste ano, várias cooperativas da região foram à falência. Por causa da ameaça que pairava sobre a nossa, eu, Armelindo Baldasso e Ubaldo Baldasso, começamos a fazer reuniões em diversas localidades, como Torino, Santo Isidoro, Santa Clara Baixa, a fim de alertar acerca da crise reinante no setor do cooperativismo e dos meios de superá-la, visando fortalecer a situação da nossa.

Em 1963, fui convidado a assumir a presidência da Diretoria Plena da Cooperativa. Aleguei falta de preparo cultural e de experiência. Foi, então, eleito presidente o sr. Ubaldo Baldasso.

Em 1965, por insistência do tio Sinto, mais conhecido por Jacinto Dalcin, e pelo sr. Antônio Guerra, Diretor Comercial, aceitei. Assumi a presidência da Diretoria Plena, ficando Antônio Martin Guerra como Diretor Comercial e Martin Gedoz, Diretor Gerente. Destes dois companheiros, aprendi muitas e preciosas lições, que tanto me auxiliaram no posto de alta responsabilidade, que é a presidência de uma cooperativa.

O sr. Antônio Guerra e o sr. José Chies costumavam dizer-me: Ivo, se você quiser ser sempre bem visto, debes trabalhar honestamente. Dizer sempre toda a verdade aos associados...

Em 1970, o sr. Antônio Guerra se aposentou. Então, ficamos na direção da empresa somente eu e o sr. Martin Gedoz.

* * *

A fusão — Em 1974, a então Cooperativa de Laticínios União Colonial Ltda, pretendia construir nova indústria, bem moderna e maior. Para levar a bom termo esta importante iniciativa, que exigia grande soma de dinheiro, resolvemos tentar uma fusão com a Cooperativa Agrícola Carlos Barbosa



Ltda, ex-Cooperativa de Trigo Carlos Barbosa, fundada em 18 de maio de 1943.

Fui a Porto Alegre a fim de colher informações com os dirigentes do INCRA, da OCERGS (Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul) e da EMATER. Informe-me acerca da viabilidade da referida fusão.

Retornando, fui logo, muito faceiro, participar aos srs. Ubaldo e Armelindo Baldasso a boa notícia, de que a fusão era possível, se houvesse aprovação de 80% dos associados.

Em 1975 aconteceu a assembléia geral para tal finalidade. Infelizmente, a nossa pretensão fracassou. Fomos derrotados!...

Era sexta-feira. Passei o dia mal humorado, diante daquele fracasso, que eu não esperava. Absolutamente, não esperava.

Não me conformei. Segunda-feira, fui procurar o sr. Martin Gedoz no escritório da Cooperativa. Disse a ele:

— Vou a Porto Alegre ainda hoje. Vou saber se não existe possibilidade de realizar nova assembléia.

— Vai — respondeu o Sr. Gedoz.

Em Porto Alegre, sentamos numa mesa redonda, com os dirigentes do INCRA, da OCERGS e da EMATER. Discutimos o assunto. Responderam que nova assembléia poderia ser efetuada dentro de 30 dias. Mas me alertaram que poderíamos vir a ser derrotados novamente, porque os associados não iriam mudar de opinião.

No mesmo dia, me comprometi de conversar com todos os sócios, a fim de convencê-los a aprovar a fusão das duas cooperativas.



Voltei a Carlos Barbosa e marquei nova assembléia daí a 30 dias.

Nesses 30 dias, eu não tive descanso. Visitei todos os sócios, expondo-lhes, com veemência, os motivos da fusão, esclarecendo que, se esta não acontecesse, a Cooperativa de Laticínios de Santa Clara iria à falência.

Foi uma verdadeira maratona. Visitei todos os sócios, muitos deles mais de uma vez. Rodei mais de 120.000 kms, gastando duas camionetas de minha propriedade. Não raro, até o combustível corria por minha conta, pois não queria dar despesas à Cooperativa.

* * *

Durante a assembléia geral, com a presença de mais de mil associados, quase 100% do total, fiz uma detalhada exposição dos motivos da fusão. Repeti que a fusão era indispensável. Sem ela, a nossa Cooperativa iria à falência. Seria uma vez a Cooperativa de Laticínios União Colonial, a futura Cooperativa Santa Clara Ltda.

Apesar do movimento da máquina demolidora da turma dos sabotadores, dos profetas da desgraça, fazendo fogueira por baixo, 98% dos associados presentes votaram a favor da fusão.

No mesmo dia, foi realizada a eleição do presidente das duas cooperativas, sendo eu o escolhido.

Havia divergência acerca do nome a ser dado à nova



entidade. Os de Carlos Barbosa não queriam perder o nome de sua terra. O mesmo acontecia com os de Santa Clara. Para contentar gregos e troianos, escolhi o nome de “Cooperativa Agropecuária Carlos Barbosa Santa Clara Ltda”.

Era um nome muito extenso. Por isso, passados dois anos, cessado o clima de rivalidade, serenados os ânimos, fui a Porto Alegre, onde, no dia 9 de setembro de 1977, a entidade teve seu estatuto social modificado e a razão social alterada definitivamente para Cooperativa Santa Clara Ltda.

* * *

Hipoteca da casa — Com a fusão das duas cooperativas, deu de aumentar o serviço. Surgiam novos compromissos. Principiaram a aparecer títulos a pagar... Não havia dinheiro. Apelei para os sócios. Responderam que para a Cooperativa não tinham mais dinheiro a dar.

Ela começou a ir mal. Eu não queria que os associados ficassem sabendo da grave situação. Eu tinha tanta fé na Cooperativa e esperava (que alguém viesse me ajudar, dando-me uma mão).

Entrei a pensar, a pensar. E resolvi lutar até o fim. Abandonei minha casa, minha família, para dedicar-me inteiramente, exclusivamente, à Cooperativa.

Procurei os bancos. Banco do Brasil. Banco do Estado do Rio Grande do Sul. O Sulbrasileiro. Indaguei se havia possibilidade de obter um empréstimo, sem prejuízo dos associados.

Sim, o banco faria empréstimo, mas sob hipoteca de



nossas casas e terrenos, meus e de Martim Gedoz, que eram os dois presidentes.

Falei com este. Esperava que ele aceitasse a hipoteca, como de fato aceitou.

Mas era preciso enganar as esposas, que deveriam assinar o documento da hipoteca. Declaramos a elas que a sua assinatura seria necessária para o bom andamento da Cooperativa.

Tudo bem. O gerente do Banco do Brasil aconselhou-nos que fizéssemos um papagaio. Eu assinaria como principal responsável e o sr. Gedoz faria de avalista.

Salvamos a Cooperativa, que agora começou a progredir. E tratamos logo de aumentar o patrimônio.

* * *

Nova Indústria de Laticínios — Fui a Porto Alegre e convidei o Dr. Castilhos, que era o responsável pelo setor estadual de Laticínios. Ele veio a Carlos Barbosa com o objetivo de providenciar os preparativos para a construção do prédio destinado às instalações da nova indústria.

Em Santa Clara, escolhemos o local onde seria construído o prédio. O Dr. Castilhos indicou o terreno que servia de potreiro para as vacas de abate, ao lado do matadouro. Ele me preveniu de que seria necessário muito dinheiro.

Eu tinha um número de deputados federais e estaduais que eram meus amigos. Amigos que sempre me ajudaram. Os federais eram: Alexandre Machado, Nunes Leal, Júlio Costamilan, Darcy Pozza, Ludovico Fanton e Odacir Klein. Os estaduais: Elígio Meneghetti, Lóris Realli, Fernando Ferrari, Vitório Trez e Pedro Simon. Este, como se sabe, foi depois



senador, ministro da Agricultura e Governador do Estado.

Em Porto Alegre, tratei com Alexandre Machado uma viagem a Brasília, a fim de pedir ao presidente do Banco de Crédito das Cooperativas (BNCC) um empréstimo para a Cooperativa Santa Clara Ltda. O presidente era o Dr. Marcos Pessoa Duarte. A ele ofereci uma linda faca da Tramontina, com seu nome gravado.

O presidente nos informou que existia possibilidade de obtermos um empréstimo. Visto que a Cooperativa Santa Clara não era conhecida dentro do banco, pedi-nos que apresentássemos um orçamento das despesas previstas na construção da nova indústria.

Como eu era amigo do sr. Egon Loma, de Lajeado, e do engenheiro Mombach, de Garibaldi, pedi a eles que me fizessem o orçamento. Este foi orçado em 12 bilhões de cruzeiros.

De posse do orçamento, eu, o Pe. Antônio Galioto, o sr. Egon Loma e o engenheiro Mombach, fomos a Brasília. Sentamos numa mesa redonda com os diretores do Banco de Crédito das Cooperativas.

O sr. Egon e o engenheiro Mombach apresentaram o orçamento. E o Pe. Galioto expôs a situação da Cooperativa Santa Clara Ltda. Eu detalhei ao presidente do banco toda a história da fusão das duas cooperativas. Declarei que se o banco não fizesse o empréstimo, a construção da nova indústria não seria possível.

O presidente prometeu examinar toda a situação, o orçamento, e no dia seguinte daria resposta. Informou-se do nome de hotel onde estávamos hospedados, pois iria telefonar, dando a solução.



De fato, ele telefonou, dizendo que havia estudado detalhadamente o caso e que poderia dar-nos apenas oito milhões de cruzeiros. Prometeu que iria ver se, mais tarde, poderia ceder-nos outro valor.

* * *

Voltamos a Carlos Barbosa e comecei a pensar em dar início à obra. Fui a Porto Alegre e contratei um técnico na pessoa do meu amigo sr. Belenzoni.

Ele me apresentou um orçamento de quatro milhões de cruzeiros só para a aquisição do maquinário. Achamos que era muito dinheiro.

Junto com o sr. Belenzoni, fui a Curitiba ver as máquinas. Procuramos o diretor da fábrica, ao qual pleiteamos um desconto sobre os quatro milhões. Ele baixou o preço para 3.300.000 de cruzeiros e ainda me ofereceu uma bela gorjeta, como direi adiante.

Começamos a obra, trabalhando sem descanso. Na metade da construção, principiou a faltar dinheiro. Fiz um orçamento, chegando à conclusão de que seriam necessários mais oito milhões de cruzeiros.

Imediatamente retornei a Brasília. Expus a situação ao presidente do Banco de Crédito das Cooperativas, procurando convencê-lo da necessidade de outro empréstimo de oito milhões. Respondeu que o banco não tinha mais dinheiro. Declarei que eu só sairia de Brasília com o dinheiro.

Vendo a minha teimosa insistência, ele acabou me cedendo mais seis milhões, que eram destinados a outra cooperativa.

Recomeçamos a obra. O técnico Belenzoni já se havia



retirado. Fui buscar outro técnico na cidade de Lages, Santa Catarina. Era o sr. Ipar Paza, que já era meu amigo.

Concluída a construção, o moderno prédio que aí está, fui a Porto Alegre convidar o Governador Synval Guazzelli para presidir a festa da inauguração. Pedi a ele que fosse asfaltado o trecho de estrada desde a Ponte Seca até a obra. O Governador veio, efetivamente, para inaugurar a nova indústria de laticínios e o asfalto, no dia 25 de novembro de 1978. Além do governador estavam presentes o Secretário dos Transportes, Miguel Ugalde; o Secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio; o Secretário do Turismo, Mário Ramos; o deputado federal Victor Faccioni; o deputado estadual Lóris Real li; o Diretor regional do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Tertuliano Bofil. Houve missa campal, celebrada pelo bispo de Caxias do Sul, D. Paulo Moretto, e o pároco, Pe. Antônio Galieto. No banquete discursaram o sr. Cláudio Stein, diretor administrativo da Cooperativa, e o prefeito municipal, sr. Armando Gusso. Naquele dia, no recinto do prédio, foi inaugurada uma placa em homenagem ao sr. José Chies, e a mim como diretor-presidente.

* * *

Cooperativa central de leite — O movimento da empresa principiava, agora, nova fase de desenvolvimento. Fui obrigado a contratar mais gente.

Procurei meu irmão Constantino Dalcin. Pedi a ele que me cedesse seu filho Agenor, que, na qualidade de ex-seminarista, possuía estudo e cultura. Este alegou que não se encontrava preparado, que não entendia de cooperativas. Prometi que eu o orientaria no começo. Mal sabia o sobrinho Agenor que um dia seria ele um dos mais destacados diretores da Cooperativa Santa Clara Ltda., como Diretor Administrativo e Financeiro, cargo que ainda vem exercendo brilhantemente neste ano de



1991.

Como ele, na ocasião, não aceitou, procurei o sr. Marcos Zanatta, um industrial que acabava de cumprir o mandato de Prefeito Municipal de Carlos Barbosa. Ele é atualmente o Diretor Industrial e Comercial da Cooperativa Santa Clara.

Mas ele não aceitou o meu convite. Alegou falta de preparo e de conhecimentos para assumir a função tão importante que eu lhe propunha. Garanti-lhe que teria todo o meu apoio. Eu iria orientá-lo no início do exercício de suas atividades, como Diretor Comercial.

* * *

Com a nova indústria de laticínios em pleno funcionamento, tornou-se necessário procurar mais produção. Comecei, então, a lavrar a terra e plantar.

Depois fui em busca de novos fornecedores de leite. Principei a fazer reuniões com os colonos das localidades de Barão, Arroio Canoas, Comblens, Vila Rica, Arcoverde, Cinco Baixo, Cinco Alto, Santa Luísa, Linha Müller, Mundo Novo, Desvio Machado...

Passei, depois, para o município de Garibaldi, visitando as localidades de São Roque, Marcorama, Coronel Pilar e outras.

O resultado não se fez esperar. A produção de leite triplicou... Agora era preciso buscar novas frentes de mercado.

Começamos a vender leite pasteurizado em Garibaldi, Farroupilha, Bento Gonçalves, Scharlau e Novo Hamburgo.

* * *

Neste tempo, existia forte concorrência de outras



cooperativas, com novas indústrias. Visto como as cooperativas de leite eram poucas, procurei a direção das Cooperativas de Nova Petrópolis, Pelotas, Bagé, Languiru, Encantado, Caxias do Sul e Ijuí.

Marcamos uma reunião a fim de tratar de nossos interesses. Nesta reunião, declarei que se nós não nos uníssemos, os concorrentes acabariam conosco.

Após demorada discussão, todos os representantes das cooperativas concordaram na minha idéia, de formar uma Cooperativa Central de Leite, para a qual eu fui eleito membro do Conselho Diretor.

* * *

Frigorífico e Supermercado — A fim de aumentar o patrimônio do nossa Cooperativa, passei a preocupar-me com o aumento da criação de suínos e construir um enorme chiqueirão, que hoje está aí nas proximidades da igreja de Santa Clara. Um chiqueirão de alvenaria, de acordo com as mais rigorosas exigências da técnica e da higiene.

Comprei cinco hectares de terra da família Canal e mais 30 da viúva de Reinaldo Dalcin. Estes terrenos eram os destinados à formação de chiqueirões e do frigorífico. Este, autêntico orgulho da empresa, também está aí com enorme produção de derivados de carne suína e bovina.

Ao mesmo tempo, iniciei a construção do Supermercado, outra notável obra da Cooperativa Santa Clara Ltda., com sede



na cidade de Carlos Barbosa, anexo à Administração Central, moinho de trigo e milho e mercado agropecuário.

* * *

Cooperativa Veranense — A incorporação da Cooperativa Veranense de Cereais de Veranópolis à Cooperativa Santa Clara Ltda. possui uma história interessante e, praticamente, secreta, que ora vou revelar.

Tudo principiou quando resolvemos adquirir mais um registro de moinho de trigo. Já tínhamos o registro do moinho da Cooperativa de Trigo Carlos Barbosa. Um registro dava direito a 60 toneladas de trigo por mês. Pensamos, então, em duplicar nossa cota, adquirindo um segundo registro.

Inquirindo pra cá e pra lá, acabei descobrindo que a Cooperativa de Veranópolis possuía um registro de moinho cassado.

Fui a Brasília. Procurei o deputado Alexandre Machado. Com ele, fui à diretoria do INCRA a fim de saber acerca da possibilidade de conseguirmos o referido registro.

O presidente da SUNAB, o sr. Paixão, nos informou que de fato o registro existia, mas para se conseguir a sua transferência dependia de autorização do Presidente da República ou do Ministro da Agricultura.

Alexandre Machado, amigo do Presidente Geisel, marcou audiência particular com ele. O Presidente informou que dependia do Ministro da Agricultura, então o sr. Allysson Paulinelli.

No dia seguinte, marcamos audiência com o Ministro Paulinelli. Ele respondeu que seria difícil, mas que iria tentar.



Para facilitar a transferência, lembrei-me que poderíamos fazer uma fusão das duas cooperativas. A medida visava facilitar a obtenção do registro do moinho.

* * *

Fui a Veranópolis. Falei com o Diretor da Cooperativa, sr. Demétrio Bissani, uma bela pessoa, que me acolheu cordialmente, colocando-se à nossa inteira disposição, com a maior boa vontade.

Expus a ele a situação em que se encontravam as cooperativas. A situação não era boa. Impunha-se a união e a colaboração. Sugeri que a Cooperativa Santa Clara Ltda. receberia o leite de Veranópolis e região. Para tanto, seria instalado lá um posto de recebimento de leite. As duas cooperativas passariam a trabalhar em conjunto.

Marcou-se uma assembléia para daí a 30 dias. Nesta, todos foram de acordo, concretizando-se, desta forma, a fusão. A Cooperativa Veranense transformou-se em filial da de Santa Clara, de Carlos Barbosa.

Foi logo instalado o posto de recebimento de leite. Houve festa da inauguração. Fiz, então, uso da palavra. Falei com entusiasmo, no linguajar inculto de quem não teve escola.

Declarei, perante o sr. Prefeito Municipal e numeroso povo, que, com a implantação desta obra, considerava cumprida importante missão para mim. Disse mais que enquanto eu estivesse à frente da Cooperativa Santa Clara como presidente, ela não iria à falência.

* * *

Logo em seguida, fui a Paraí em procura de fornecedores



de leite.

Realizada a fusão das duas cooperativas, tratei de conseguir o registro do moinho de trigo. Fui novamente a Brasília. O sr. Paulinelli, Ministro da Agricultura, mandou-me que falasse com o sr. Paixão, da SUNAB, para saber qual seria o caminho a seguir.

Infelizmente, o caso parou aqui, porque me cassaram o mandato de presidente da Cooperativa Santa Clara Ltda., como veremos. Com isso, Carlos Barbosa, viu-se na contingência de não possuir dois registros de moinho de trigo, para cuja iniciativa tanto se havia batalhado.

* * *

Estava eu, ainda, tratando com o sr. Zildo de Marchi, meu amigo, sócio-fundador e diretor-presidente da Lacesa S.A. Indústria de Alimentos, no sentido de incorporar o posto desta empresa em Carlos Barbosa à Cooperativa Santa Clara. O posto, um belo e vasto prédio moderno, fica ao lado do edifício principal da nossa Cooperativa.

A iniciativa estava para se concretizar, quando fui cassado no meu mandato de presidente.

No tempo em que estive à frente da entidade, efetuei várias gestões juntamente com o pároco de Carlos Barbosa, o Pe. Antônio Galioto, invulgar figura de sacerdote apostólico, benemérito incentivador do cooperativismo e do desenvolvimento da colônia, em vários municípios, brilhante jornalista e escritor.



Com ele, instituímos a Festa do Leite, um acontecimento que vingou triunfalmente, sendo realizado no dia 25 de setembro, de três em três anos. No ano de 1989 teve lugar a 5ª edição deste importante evento — a Festa do Leite. Nela se apresentou o coral dos Irmãos Dalcin, meus primos, filhos do tio Sinto João Dalcin, coral que foi muito aplaudido com seus belos cantos italianos e que foram televisionados pela Rede Globo de Televisão.

Ainda junto com o Pe. Galioto, fundamos a Associação dos Empregados.

* * *

Durante os três últimos anos do meu mandato na presidência da Diretoria Plena da Cooperativa Santa Clara, fiz três viagens ao Uruguai, donde, além das vacas para inseminação, das quais já falei, trouxemos 100 novilhas para os associados da empresa.

Esforcei-me, junto ao Governo do Estado, no sentido de trazer uma Inspeção Veterinária para Carlos Barbosa e um escritório da EMATER. Conseguimos, ainda, levar a efeito uma campanha de combate à tuberculose do gado, através da Secretaria da Agricultura.

Na época em que o governo estava para fechar todos os pequenos matadouros de gado bovino, eu e o deputado Alexandre Machado fizemos várias reuniões em Porto Alegre, Passo Fundo e Carazinho, sempre procurando defender o



matadouro da Cooperativa Santa Clara. Tratamos, então, com o Dr. Jair Soares, secretário estadual da Saúde.

Eu declarei ao Dr. Jair Soares que a Cooperativa estava construindo um novo frigorífico. Com isso, conseguimos que o velho matadouro continuasse em funcionamento.

Nos últimos anos do meu mandato como presidente, segundo levantamento do INCRA e da OCERGS, a Cooperativa Santa Clara foi aquela que registrou maior desenvolvimento em todo o Estado.

* * *

O caso Franzoni — O caso FRANZONI foi, sem dúvida, a causa determinante da cassação do meu mandato de presidente da Cooperativa Santa Clara Ltda. Cassação gratuita, rigorosamente gratuita. Eu não tinha culpa. Tudo aconteceu à minha revelia, na minha ausência. Fui, então, acusado do enorme prejuízo que a entidade sofreu, com a indenização do sr. Mário Franzoni, que desempenhou o papel de representante da Cooperativa durante 30 anos, entregando queijo à Central das Cooperativas de Leite, em Porto Alegre.

Um dia, falei com o sr. Franzoni, meu amigo, acerca de sua pretendida indenização. Respondeu que desejava apenas fazer um acerto amigável com a Cooperativa Santa Clara, da qual se considerava funcionário, embora fosse apenas um representante comercial.

Quando ele compareceu no escritório para tratar do assunto, eu não estava presente. Não fui chamado para a reunião. Francamente, eu não sabia de nada. Se eu estivesse presente, teríamos feito um acerto amigável, definitivo, dando-me ele uma declaração que mais nada tinha a haver pelo seu



serviço prestado à empresa.

O sr. Franzoni, naquele encontro, propôs aos diretores um acerto amigável. Desejava receber uma indenização de seu trabalho como representante de vendas, na importância de 100 mil cruzeiros. Os diretores ofereceram 70 mil, deixando o vendedor insatisfeito e descontente.

Inconformado, o sr. Mário Franzoni prometeu entrar na Justiça com um processo contra a Cooperativa, exigindo uma indenização de dois milhões e quatrocentos mil cruzeiros. Uma fortuna naquela época. Um enorme prejuízo para a empresa.

A Cooperativa tinha, então, três advogados, sendo um o Dr. Renato Guerra, filho do sr. Antônio Guerra, e o Dr. Odacir Klein.

Quando se tratou de ir a Porto Alegre, para a audiência, à qual devia estar presente também o presidente da Cooperativa, com os advogados, eu me encontrava em Bento Gonçalves, tratando da renovação de minha carteira de habilitação. Foram lá à minha procura, mas não me encontraram.

Mais tarde, quando eu já não era presidente da Cooperativa, encerrou-se o caso Franzoni, devendo a entidade reembolsar aquela enorme importância.

As iras e gritas voltaram-se contra mim, ainda antes de minha cassação, que sobreveio em virtude do triste desfecho do caso Franzoni.

* * *



Minha cassação — Encerrado o meu mandato de três anos como presidente da Cooperativa, reuni Conselho e marcamos uma assembléia para dentro de 30 dias. Nesta fui novamente eleito para o mesmo cargo, por mais três anos.

Nesta ocasião, o Conselho declarou que a Cooperativa iria aumentar o meu salário, que correspondia a um terço do salário dos diretores, que também ganhavam pouco.

Oito dias antes da assembléia, numa segunda-feira, chegam à minha casa dois funcionários do INCRA, trazendo uma estarrecedora comunicação. Disseram que eu não poderia mais ser presidente da Cooperativa porque não era agricultor e não possuía terras. Alegaram, mais, que a resolução tinha origem numa denúncia que partira de dentro e de fora da Cooperativa.

Fiquei profundamente chocado. No dia seguinte, levantei cedo, muito aborrecido. Procurei um conselheiro e participei a ele a decisão do INCRA. Respondeu que ele, como todos os demais diretores, já estavam ao par de tudo.

Imediatamente, convoquei o Conselho e marquei uma reunião a ter lugar de manhã no salão da igreja de Santa Clara.

Nesta reunião, perante o novo e velho Conselho e o novo e velho Conselho Fiscal, perante os diretores, mais de 20 sócios e o Pe. Antônio Galioto, falei da visita dos representantes do INCRA. Declarei que eu havia ficado muito aborrecido pelo fato de a denúncia ter partido da própria Cooperativa.

Diante do impasse, o Conselho resolveu indicar para presidente o sr. Aloísio Thums. Para eu não ser despedido inteiramente da Cooperativa, prometeram dar-me um cargo dentro dela.



Lavrou-se, então, uma ata, na qual se declarava que se eu saísse da Cooperativa, por qualquer motivo, seria beneficiado, visto que o meu ordenado como presidente fora sempre baixo.

Eu tinha muita fé na Cooperativa e queria continuar trabalhando nela e por ela. Eu tinha certeza que alguém, nesta conjuntura, viria em meu auxílio, como me acontecera em outras circunstâncias semelhantes.

As 11 horas daquela manhã da reunião, chegaram de Porto Alegre dois diretores do INCRA. Sentamos numa mesa redonda e discutimos a minha situação. Eles disseram, então, que eu podia continuar como presidente, se resolvesse adquirir algumas terras.

O Pe. Galioto era também de opinião que eu continuasse no cargo. Declarou ele, naquele momento, perante todos, que eu devia continuar como presidente porque eu gostava mais da Cooperativa do que de minha esposa...

Lembrei-me, naquela hora, da parábola do Evangelho, da ovelha perdida, na qual Cristo declarava que para Deus havia mais alegria pela recuperação de uma ovelha desgarrada do que de 99 justos que não precisam de penitência. No caso, a ovelha seria a Cooperativa e os 99 justos, a minha família...

Obedecendo à sugestão dos diretores do INCRA, em curto espaço de tempo, adquiri 10 hectares de terra do sr. Ludovico Dolzan e registrei na Prefeitura Municipal e no próprio INCRA em Porto Alegre.

Naquela mesma tarde, houve uma assembléia, na qual fui confirmado no cargo de presidente, por um período de três anos.

* * *



Minha euforia durou pouco tempo. Decorridos alguns dias, reuniu-se o Conselho com os funcionários do INCRA, à minha revelia. Logo depois, os representantes do INCRA vieram me comunicar que o meu mandato havia expirado, porque, embora eu possuísse terras, não era produtor. Acrescentaram que eu continuaria com um cargo dentro da Cooperativa.

No dia seguinte, fui ao escritório da Central para saber qual seria o meu cargo. Qual não foi minha surpresa, quando me declararam que para mim não havia mais lugar na Cooperativa.

Fiquei por terra, literalmente arrasado! Sem saber o que fazer, reuni o Conselho pela última vez. Nesta reunião, supliquei que me dessem um serviço qualquer, para poder sustentar minha família. Seria por pouco tempo, pois dentro de dois anos deveria me aposentar como motorista.

Um dos conselheiros levantou-se e foi conversar com o sr. Ampélio Carlotto para que ele me arranjasse serviço. Deram-me, então, o cargo de gerente da criação de suínos, trabalhando por um salário insignificante. Era a única alternativa para mim, acuado num beco sem saída.

Levantei-me e perguntei aos membros do Conselho se alguém ainda se lembrava da reunião realizada no salão da igreja de Santa Clara, quando me haviam garantido, registrando em ata, que eu, saindo da Cooperativa, por qualquer motivo, não seria prejudicado. Até hoje estou esperando resposta...

* * *

Principiei, então, a trabalhar arduamente para sustentar minha família. Cuidava, com esmero e dedicação, da criação dos suínos e dos novilhos precoces. Em pouco tempo, consegui obter 150 quilos de carne com um terneiro de 18 meses.



Cheguei a ficar conformado com a minha situação, depois de haver batalhado tanto pela Cooperativa, levando a efeito uma epopéia de realizações que constituem um orgulho para todos os sócios, para Carlos Barbosa e a região, conforme ficou cabalmente demonstrado ao longo destas páginas.

Ao cabo de dois anos, encaminhei pedido de aposentadoria na qualidade de motorista de caminhão, com mais de 40 anos de serviço. Não faltou quem alegasse que eu não poderia me aposentar como motorista. E desliguei-me da Cooperativa Santa Clara Ltda., embora continue como associado.

* * *

Nada recebi de indenização de 55 anos de serviços. Nem sequer uma pequena gratificação. Não recebi sequer algo para cobrir as despesas de três viagens que fiz a Canguçu, onde a Cooperativa mantinha um lote de novilhas importadas do Uruguai, para receberem transfusão de sangue. Numa dessas viagens, o veterinário Dr. Diogo Guerra me acompanhou.

* * *

Decorridos cerca de quatro anos, fui um dia a Porto Alegre, em visita ao meu amigo Dr. Castilhos, do INCRA. Ele me perguntou, então, como estava o processo do sr. Franzoni. Declarou-me, depois, que os diretores e advogados da Cooperativa Santa Clara Ltda., lhe haviam dito em Carlos Barbosa que eu era o culpado daquele processo.

Foi um duro golpe para mim aquela revelação. Parecia que uma espada me tivesse atravessado o coração, partindo-o em dois pedaços...

Perguntei-lhe por que o INCRA havia cassado o meu mandato de presidente da Cooperativa. Respondeu que a



cassação não era obra do INCRA. Esclareceu que a função do INCRA não é a de cassar mandatos, mas de fiscalizar.

Voltei para casa triste, extremamente amargurado. Fui falar com meu irmão Constantino. Ele me declarou que eu era culpado do processo do sr. Franzoni, porque não me apresentei na assembléia.

Retruquei a ele que eu não estava sabendo da tal assembléia, pois não havia recebido convite algum. Se eu soubesse da reunião, teria comparecido, pois eu amava a Cooperativa, tendo sempre procurado o seu desenvolvimento. O caso Franzoni, se tivesse sido tratado por mim, teria, com certeza, obtido um desfecho bem diferente, bem favorável à empresa.

Um dia, procurei o meu grande amigo Pe. Galioto. Relatei a ele toda a minha história. Ele disse que não poderiam cassar meu mandato. Confessou, mais, que um dos diretores lhe havia dito que na Cooperativa eu estava “atrapalhando”...

Sempre tomei parte nas festas e promoções da Cooperativa, como sócio e companheiro. Participava das festas dos colonos. Das festas religiosas. Eu estava em todas. Agora sou esquecido e abandonado pelos companheiros e amigos. Nunca mais fui convidado a participar de assembléias e inaugurações...

Volta e meia, algum sócio ainda me diz que fui culpado do processo do caso do sr. Franzoni. Como foi dito, o sr. Mário Franzoni exigiu, a princípio, uma indenização de apenas 100 mil cruzeiros. Ofereceram-lhe 70. Pergunto: Se tivessem dado o que o sr. Franzoni exigiu, não estaria encerrada a questão? Então, por que recusaram na minha ausência, eu sou o culpado?

Confesso que até hoje estou sentido e aborrecido com a atitude de alguns membros da Cooperativa. Para aplacar



minha consciência, um dia fui ter com o sr. Bispo Diocesano, D. Benedito Zorzi. Ele me disse: “Reze por estas pessoas”.

Fiquei aliviado. Mas ainda não consegui arrancar do meu peito a cruel espada que me cravaram no coração!

* * *

Recusei uma fortuna — A população de Carlos Barbosa e muito pouca gente sabe que eu sou pobre. Já declarei que deixo de comparecer a festas por falta de condições financeiras. O valor da minha aposentadoria é insignificante, incapaz de cobrir a metade da despesa familiar.

Para sustentar minha família, trabalhei como empregado da firma do meu filho Ildo Dalcin, fabricante das bolas e chuteiras marca “Ideal”, uma empresa que leva para muitas cidades de vários Estados o nome de Carlos Barbosa.

Sou pobre. Mas pouca gente sabe que eu poderia ser rico. Poderia ser rico em função do meu cargo de presidente da Cooperativa Santa Clara Ltda. Por ser eu funcionário desta entidade, por trabalhar por ela, foi-me oferecida um dia uma fortuna.

Uma fortuna que recusei. Recusei sabem por quê? Por amor à própria Cooperativa. Sim senhores, por amor da Cooperativa Santa Clara, que foi uma paixão de minha vida.

Recusei uma fortuna por amor ao sentimento de honestidade, que sempre pautou os passos de minha atribulada existência.

Sempre procurei poupar despesas à Cooperativa. Efetuei uma dezena de viagens a Brasília, sem tirar um centavo dos cofres dela. Todas as despesas de viagens à Capital da República,



numa das quais levei minha esposa, correram por conta dos deputados, meus amigos.

Vi cooperativas falirem. Por duas vezes salvei da falência a Cooperativa Santa Clara Ltda. Mas os culpados da falência das cooperativas, em geral, são os próprios associados, que deveriam acompanhar mais de perto o andamento da empresa. Tomar conhecimento dos seus problemas...

A princípio, eu também achava que as reuniões e contatos com o Conselho não tinham lá muita importância. Mas, após haver presidido uma cooperativa durante 15 anos e ter feito parte durante vários anos do Conselho Fiscal e Administrativo, aprendi uma grande lição. Fiquei sabendo que não poucas cooperativas faliram por um só motivo: falta de honestidade!

Acompanhei de perto a falência de algumas cooperativas: Arroio Canoas, Arcoverde, Nova Bréscia... Na liquidação desta, eu me emocionei profundamente, ao ver as lágrimas das donas de casa, que perdiam tudo. As famílias dos associados haviam investido tudo na cooperativa e agora estavam sem nada...

Ah, a falta de honestidade! Foi por amor ao espírito de honestidade, que eu recusei uma pequena fortuna. Pequena fortuna que hoje poderia significar uma remuneração dos serviços que prestei à Cooperativa Santa Clara Ltda.

* * *

Foi assim. Quando estive em Curitiba com o técnico Belenzoni, para efetuar a compra do maquinário para a nova indústria de laticínios, o diretor da fábrica me disse:

— Sr. Ivo, vou lhe dar uma gorjeta, uma gratificação, uma comissão sobre a transação que estamos fazendo, no valor de 3.300.000 cruzeiros (três milhões e trezentos mil cruzeiros).



Vou lhe dar os 5% desta soma.

Cinco por cento de mais de três milhões de cruzeiros, naquele tempo, era de fato uma pequena fortuna. Mas o diretor da fábrica declarou:

— Esse dinheiro é para você, sr. Ivo, e não para a Cooperativa.

— Não — respondi imediatamente — Eu só aceito se for para a Cooperativa.

— Não, sr. Diretor, para mim não. Eu não aceito. Dê para a Cooperativa.

— Não, para a Cooperativa não. Neste caso, fica sem efeito a nossa oferta.

* * *

Claro, aquele dinheiro teria resolvido minha situação econômica. Hoje poderia viver mais sossegadamente. Poderia ir a festas...

Mas, eu, como presidente da Cooperativa, estava trabalhando para ela. Aquele dinheiro eu ganhava em função do meu cargo. Era, pois, justo que ficasse para a empresa e não para mim. Por isso e por sentimento de honestidade, recusei.

Se aceitasse a oferta, seria hoje menos pobre, mas não estaria em paz com minha consciência. Além disso, não faltaria alguém que sáísse a espalhar pelos quatro ventos: o Ivo Dalcin está rico, porque roubou da Cooperativa Santa Clara...

De fato, até hoje não ouvi ninguém declarar que eu aproveitei do cargo que ocupava para meu proveito pessoal ou de minha família. Nenhum sócio da Cooperativa Santa



Clara poderia provar que, na longa função de meu cargo de presidente, fui desonesto.

* * *

A Cooperativa Santa Clara no seu 75º aniversário — Por ocasião do 75º aniversário da fundação da Cooperativa Santa Clara Ltda., o “Correio Riograndense” de Caxias do Sul publicou um interessante histórico da mesma. Aí vão uns tópicos desta publicação.

Fundada em 10 de abril de 1912, sob a razão social de Latteria Santa Chiara, por um grupo de 31 agricultores, na pequena localidade de Santa Clara, a três km da então vila de Carlos Barbosa, pertencia na época ao distrito de Montravel, município de São João de Montenegro e paróquia de Garibaldi.

A fundação da pequena cooperativa de leite surgia como fruto da pregação do italiano Dr. Giuseppe Di Stéfano Paternó e do padre jesuíta Teodoro Amastad.

Formou-se uma sociedade com o nome de “Cooperativa de Laticínios União Colonial”, sendo a primeira diretoria formada por: Pedro Baldasso (presidente), Cândido Baldasso, João Toffoli, Homero Comparsi, Luís Comparsi e Tiziano Chies; suplentes: Pedro Frare e Domingos Deitos. Comissão Fiscal: Pedro Zanetti, Francisco Canal e Andréa Chies, suplentes: João Baccon e João Lazzaron.

A produção inicial foi de um enorme queijo de 15,9 quilos e 2,5 quilos de manteiga, resultado de 152 litros de leite, fabricação do hábil queijeiro Fausto Breda, que, mais tarde, faria curso na Itália, na região de Parma, onde aprendeu a arte de fabricar queijo de excelente qualidade, o famoso queijo “Santa Clara”.



Um jovem de 16 anos, José Chies, auxiliar da fábrica, aprendeu de Fausto Breda a arte de fazer queijo, havendo trabalhado nesta cooperativa durante cerca de 60 anos. José Chies, considerado um dos fundadores da Cooperativa Santa Clara Ltda., passou por várias funções, até chegar ao cargo de Diretor Comercial.

* * *

Em 15 de março de 1975, conforme sabemos, efetuou-se a fusão da Cooperativa Agrícola Carlos Barbosa com a de Santa Clara, acontecimento decisivo para o desenvolvimento da atual Cooperativa Santa Clara Ltda.

Em 1977 foram contratados Cláudio da Silva Stein (Diretor Administrativo), Marcos Zanatta (Diretor Comercial e Industrial), Ampélio Carlotto (assessor da diretoria executiva) e, como ficou dito, Ivo Dalcin (presidente) e Antônio Gedoz (vice-presidente).

Em 1979 foi contratado o Dr. José Carlos Vanin para assistente jurídico.

Em 22.10.1971 foi incorporada à Cooperativa Santa Clara Ltda a Cooperativa Veranense de Cereais, de Veranópolis, com posto de recebimento de leite, um supermercado, setor de insumos, atendimento veterinário, farmácia e moinho de milho. Em 3.3.1983, foi incorporada a Cooperativa Boa Vista Arcoverde, com supermercado e setor de insumos.

Foram instalados postos de atendimento nas localidades de Santa Clara e Sagrado Coração de Jesus em Carlos Barbosa e São Pedro em Salvador do Sul; em 1985, instalado posto de recebimento de leite, supermercado, insumos e atendimento veterinário, em Paraí.



* * *

Conta com mais de dois mil associados, distribuídos em 15 municípios, a saber: Carlos Barbosa, Garibaldi, Bento Gonçalves, Farroupilha, Salvador do Sul, Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araçá, Paraí, Casca, Bom Princípio, Cotiporã, Serafina Correa e Guaporé. Possui 240 funcionários. Atividades as mais diversificadas, produtos com a tradição e qualidade “Santa Clara”.

Ao longo de 75 anos, a Cooperativa veio progredindo sem parar. Progredindo e modernizando-se, a fim de acompanhar a evolução do mercado: Nova fábrica de laticínios, pasteurização do leite, envazamento de leite para consumo, inovação na produção de queijos, manteiga, cremes, suinocultura, fábrica de rações, frigorífico (suínos e bovinos), moinho de trigo, moinho de milho, supermercado, mercado agropecuário, farmácias...

No dia 10 de abril do corrente ano de 1987, durante os festejos jubilares, foi inaugurada moderna Cozinha Colonial, capaz de fornecer 4.000 refeições por dia a funcionários de empresas da região.

Produz cerca de 75 mil litros de leite por dia. 15 tipos de queijo, desde o prato ao parmesão. Manteiga, nata, lingüiças, salames, copas e mortadelas.

Para combater a poluição, foram instalados biodigestores que transformam todos os resíduos e detritos em biomassa (adubo orgânico) e gás metano.

Os associados gozam de assistência técnica e social. Dispõem, ainda, da CREDICLARA — Cooperativa de Crédito Rural Carlos Barbosa Ltda, fundada em 1985.



A direção da empresa está assim constituída: Diretoria Plena: Aido Zilio (presidente), Delfino Cichelero (vice-presidente), Aristides Colombo (secretário). Conselheiros de Administração: Gildo L. Dalcin, Lívio Manica, Oreste Maffasioli, Sérgio A. Farina e Darci Fraccanabbia. Conselho Fiscal: Danilo Pavan, Luiz Tadeu Chies e João Rossi (efetivos), Pedro Borsoi, Lourivaldo Chies e Francisco Mazzarollo (suplentes). Conselho Consultivo: Aloísio Thums, Celestino Zarpelon, Fridolino Sipp, Ivo Zanus, José Schneider, Nestor Baldasso, Setembrino Pagnoncelli, Eugênio Gallina, Baptista Da Fré, Flávio Basso, Hércules Debiasi, João Damás, Leonildo Anzolin, Osvino Chies e Severino Camillo.

Diretoria Executiva: Agenor Dalsin (Diretor Administrativo e Financeiro), Marcos Luiz Zanatta (Diretor Industrial e Comercial).

* * *



10 - OS DALCIN

1—O avô paterno: João Batista Dalcin

Os DALCIN (Dal Cin, Dalsin, Dalcin), antepassados do autor deste livro, tinham na Itália o apelido de I MORI (os morenos), com o qual se distinguiam entre as numerosas famílias com o sobrenome de DALCIN.

Quando meu irmão Pe. Firmino Dalcin esteve em Sarmede e Rugolo, província de Treviso, só pôde identificar os parentes pelo cognome de / Mori.

Na ocasião, mostraram ao Pe. Firmino a casa onde residiu e morreu Ândolo Dalcin, irmão do nosso avô paterno, o qual havia retornado do Brasil.

No Brasil há muitos DALCIN, praticamente em todos os Estados. Parentes do avô materno, João Dalcin, emigraram para a Argentina.

Estudaremos, com maiores detalhes, as famílias dos avôs paternos e maternos, ambos DALCIN, como também dos tios avôs maternos: Francisco, Domingos e Antônio.

JOÃO BATISTA DALCIN (2-10-1844 — 3-7-1932), mais conhecido familiarmente por Tita dei Mori, casou na Itália com Lúcia Canal, com que tem vários filhos que morreram criança, vítimas de crupe. Para fugir desta sina, resolveram migrar para o Brasil, junto com o irmão Ândolo (barba Andol; barba significa tio).

Eram filhos de Pedro Dalcin, um militar, capitão do porto, exímio caçador profissional, do qual o avô contava façanhas, como abater veados e lebres na corrida. Ândolo, alegando não



haver no Brasil lebres para caçar, retornou para a Itália, onde morreu pobre.

Lúcia Canal (Lucieta), esposa de João Batista Dalcin, era filha de criação de um conde. Mulher culta e rica, trouxe da Itália um enxoval bordado a ouro e farta quantidade de jóias, que doou à igreja de São Vendelino.

O conde forneceu a João Batista e sua esposa uma carta de apresentação a D. Pedro II, ao qual solicitava cedesse ao casal uma gleba de terra no Brasil. Durante a travessia do mar, os parentes e amigos, temendo perder a companhia ou, quem sabe, por inveja, fizeram com que a carta fosse destruída...

No oitavo dia de viagem, em pleno alto mar, irrompeu incêndio a bordo. Os passageiros, desesperados, imploravam a proteção dos céus, enquanto as mulheres ricas, que viajavam em primeira classe, desfaziam-se dos seus colares dependurando-os nos braços de uma imagem de Nossa Senhora, que acompanhava os imigrantes.

Sobreveio uma tempestade, que apagou o fogo. O navio, desgovernado foi dar às costas da África, em Dacar, onde alguns passageiros desembarcaram. O depósito de mantimentos fora destruído pelo sinistro, fazendo com que o navio retornasse ao porto de Gênova.

Esta odisséia, segundo consta, foi narrada por um dos passageiros, ao que parece, um sacerdsote, num livro. Deste livro foi publicado um extrado no jornal “Correio Riograndense”, de Caxias do Sul, que também reproduziu foto da imagem de Nossa Senhora, de braços abertos, a imagem que acompanhou os imigrantes, a qual, segundo consta, é venerada numa igreja de Arroio do Meio.



* * *

Volvidos quatro meses, meu avô João Batista, seu irmão Ândolo e outros parentes, empreenderam nova viagem rumo do Brasil. Desta vez também sobreveio um contratempo. A certa altura, em pleno alto mar, faltou comida a bordo. A tripulação do barco, sempre prevenida para tais incidentes, atirou um grande anzol ao mar, conseguindo pescar um peixe de uma tonelada de peso. Com isso, resolveu-se o problema, e o vapor, após 90 dias de viagem, aportava no Brasil, no Rio de Janeiro, chegando meu avô e parentes ao Rio Grande do Sul em dezembro de 1884.

A princípio, João Batista foi residir na localidade de Torino, no lote colonial depois ocupado pro Bórtolo Dalcin. Visto como a terra ali não se prestasse para a agricultura, em virtude da grande quantidade de pinheiros, foi morar em Santa Clara Baixa, onde em 1919 foi construída a Capela de Nossa Senhora da Glória, denominada dos Dalcin, precisamente no local onde hoje passa a Estrada de São Vendelino, região colonizada por imigrantes alemães.

Com a morte de Luisa Canal, que foi sepultada em São Vendelino, amigos de João Batista foram à Itália buscar outra mulher para sua esposa. Como a pessoa indicada não quisesse vir para o Brasil, apresentou-se Catarina De Nadai (22-1-1844 — 10-2-1934), nome que parece ser variante de De Nadal, pois consta existir parentesco dela com o Cônego e professor universitário de Porto Alegre — Tarcísio De Nadal.

Com Catarina, emigraram para o Brasil João Dalcin, meu avô materno, seus dois irmãos Domingos e Antônio e mais o cunhado Francisco Dalcin, casado com Luísa Dalcin, chegando aqui em março de 1897. Minha mãe, Maria Dalcin, vinha nesta comitiva, com a idade de seis anos.



João Batista Dalcin e Lúcia Canal Dalcin tiveram quatro filhos nascidos no Brasil: Leone (1885-1971), João Batista Dalcin Filho (1887-1958), Antônio Dalcin (1890-1975) e José Dalcin (1893-1952).

* * *

I - LEONE DALCIN (9-3-1885 — 12-5-1971) recebeu o nome por promessa dos pais ao Papa Leão XIII, pois recebavam perder também este filho, que nasceu quatro meses após a chegada da família no Brasil. Na localidade de Santa Clara Baixa, Leone manteve por muito tempo um engenho, juntamente com os filhos, Martim, Assumpto e Melino, até 1960, quando estes se estabeleceram com empresa própria.

Casado com Antônia Misturini (25-4-1890 — 31-3-1967), Leone teve 16 filhos: Victor, Melino, Albino (1914-1979), Elisa, Lúcia, Martim, Sílvio, Alberto, Silvestre (1923-1946), Orlando, Catarina, Assumpto, Carlos, Ângela, Terezinha e Maria.

1 — Victor (Vitório) cc Rosina Wartha, tem 7 filhos: 1) Claudino cc Sibila Swirtes; f.: Nelcir cc Anísia Sauthier (f.: Luís Gustavo); Leci Teresinha; Nelcir é contramestre da TRAMONTINA. 2) Balduíno cc Helena Melere (contramestre da TRAMONTINA); f.: Simone e Adriana, estudantes universitárias. 3) Maria cc Sílvio Dalle Laste, empresário em Carlos Barbosa, com malharia; f.: Roque e Paulo. 4) Ana, solteira, sócia da malharia. 5) Terezinha cc Ademar Audibert, eletricitista; f.: Andriago e Franciela. 6) Raimundo, gêmeo de Abílio que faleceu pequeno; cc Normélia Borsoi; sócios da malharia; f.: Rafael e Ana Paula. 7) Lúcia cc Mário Da fré, caminhoneiro e



sócio da malharia; f.: Roberto e Maria.

2 — Melino cc Célia Sauthier, empresário, indústria de Artefatos de Calçados, Santa Clara Baixa. Dez filhos: 1) Lea cc Geraldo Erthal, empresário, sócio do sogro; f.: Éverton, Luciane, Daniel e Ivan. 2) Tarcísio, Major da Aeronáutica, Rio de Janeiro, cc Eliane das Neves; f.: Simone e Priscila. 3) Cacilda Maria cc José Grosselli, empresário, VIPAL, Nova Prata; f.: Alexandre, Josué e Jonas. 4) Eusébio (1955-1979) faleceu vítima de acidente de caminhão da firma do pai. 5) Rita cc Lotário Schafer, empresário em Carlos Barbosa com Terraplenagem. 6) Agostinho, sócio da firma do pai, cc Inês Neis; f.: Fernando e Fabrício. 7) Marino, sócio da firma do pai, cc Marieta Gross; f.: Douglas e Daiana. 8) Calixto, sócio da firma do pai, cc Cleusa Kulmann. 9) Marcos, solteiro. 10) Márcia cc Carlos Danielli, torneiro mecânico da TRAMON TINA; f.: Aline.

3 — Elisa n. 23-4-1913, cc Virgílio Mantovani (1914 — 28-3-1972) em Sarandi-RS. 9 filhos: 1) Univaldo (1943-1988); cc Cecília Largi; 4 f.: Airton, Vanderlei, João e Rejane. 2) Naide, costureira, separada, Sarandi. 3) Delfino (1938-1986) cc Leopoldina Golen; 4 f.: Almeri cc Cândido Rossetti; f.: Rosa Paulina; Vera, Fábio e Milton, todos casados e com filhos. 4) Inês cc Luiz Foschiera, comerciante, em Sarandi, ela funcionária do Grupo Escolar da cidade; 5 filhos: Volnei, Álvaro, Ricardo e os gêmeos: Renato e Roberto. 5) Pe. Firmo, sacerdote carlista, ordenado em Sarandi em 8-10-1972; trabalhou no Canadá e agora na Califórnia, onde é pároco de Imperial. 6) Marli cc Valdecir Garcia, proprietário de uma empresa de ônibus de excursões, em Caxias do Sul; f.: Marta e André. 7) Terezinha, professora, cc Aldérico Kunzel, funcionário da Caixa Econômica Federal em Passo Fundo; f.: Paulo, advogado e funcionário da Caixa Econômica Federal da mesma cidade. 8) Jurema cc Eli Farias; f.: Marcelo e Elisa. 9) Armando, empresário com serraria,



em Sarandi, cc Vicentina da Silva; f.: Heder e Leonardo, mora com a mãe em Sarandi.

4 — Lúcia n. 14-12-1915 cc Pedro Erthal (21-2-1909 — 30-11-1986), era funcionário da Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões-RS. 8 filhos: 1) Claudino cc Celmira Hermes, operário em Parobé-RS; 6 filhos: Antonio cc Cássia Regina (f. Cristiane), Inês cc Edeimar dos Santos de Souza, operário em Parobé; Jairo cc Cleusa Tômola, costureira e ele contador em Parobé; (f. Aureline); Beatriz Alba, balconista, Parobé; Jair, solteiro, operário, Parobé; Jaime, solteiro, operário, Parobé; 2) Arlindo cc Lúcia John, padeiro em Porto Alegre; f.: Luiz Antônio e Claudete. 3) Terezinha, professora aposentada, cc Adelino Garaffa, falecido; f.: Vilmar, Reineri e Cerenita; 2º marido: Amadeo Stochiero. 4) Elvira cc Nilvo Datter, operário em Parobé; 8 f.: Claci, Claudete, Irineu, Darci,... 5) Francisco, militar em Porto Alegre, cc Nelci Santos; 3 f.: Roberto, Fernando e Eliane. 6) Lourdes cc Valdomiro Garaffa, Goiás; f.: Ornei e Vanderlei. 7) Luiz, torneiro mecânico, cc Dioclécia, costureira, f. Simone e Rodrigo, Palmeira das Missões. 8) Inácio, funcionário público e caminhoneiro, cc Dirce Stocchero, 1 f. Marcelo; Palmeira das Missões. Lúcia tem um neto, Guido Alaor Bones, f. de Valdomiro e Emília, cc Cerenita, o qual é poeta, autor de vários livros

5 — Martim Dalcin, empresário (M. Dalcin & Filhos Ltda), Santa Clara Baixa, Carlos Barbosa; casado com Azélia Cousseau, tem 9 filhos: 1) Cirilo, empresário em Canoas com fábrica da vassouras; cc Celina Thums; f.: Andréia, Joice e Everton. 2) Laurindo, agropecuarista em Carlos Barbosa, cc Mercedes Gedoz; f.: Fidélis, Marcelo, Cristina e a Marta. 3) Lídia cc Inácio Canal, comerciante e caminhoneiro em Carlos Barbosa; f.: Jurandir e Joacir. 4) Néelson, sócio do pai, cc Marlene Jahn; f.: Alexandre e Juliano. 5) Melécio, empresário.



Móveis Volman Ltda, cc Antônia Vaccaro; f.: Volnei e Vanessa. 6) Licério, sócio da firma do pai, cc Jacinta Dalmás; f.: Claudete e Diogo. 7) Leda cc Almir Rodrigues da Rosa, comerciante em Sapucaia do Sul-RS; f.: Airton e Alex. 8) Ademir, sócio da firma do pai, cc Ivone Birck, f.: Aline. 9) Clari Maria cc Jacir Haas, empresário Metalúrgica Irwin, Carlos Barbosa; f.: Cedenir.

6 — Albino Dalcin (16-12-1914 — 27-8-1979), era alfaiate, cc a professora Maria Laurena Fritzen (16-7-1922 — 2-8-1983), Santa Clara Baixa; f.: Maria Elene, professora, cc Jorge Vieira Lopes, empresário (Indústria de Móveis JORDA); (f. Cristiano); José Leão, alfaiate, São Vendelino, cc Marieta Hohlfeldt; Eloá cc Edemar Carlotto, mecânico da TRAMONTINA.

7 — Sílio Dalcin, alfaiate, Santa Clara Baixa, cc Angela Misturini; f.: Inês, professora, cc Lori Tramontini, pedreiro (f.: Leone, Jane e Joseane).

8 — Alberto Dalcin n. 6-3-1927, alfaiate e gerente do Centro Telefônico de São Vendelino; cc Isabel Norma Fritzen; 5 filhos: 1) Neusa Terezinha n. 6-4-54 cc Arceli Detorazzi, motorista, residente em Garibaldi; f.: Sintia Raquel n. 13-2-77 e Samuel José n.15-2-77. 2) Maria Salete n. 12-11-67, cc Evani da Silva, residentes em Farroupilha-RS; f.: Patrícia Milene n. 13.3.80 e Débora Camila n.25-3-86. 3) Amadeu José n. 24-6-63, solteiro, motorista da FASOLO, Bento Gonçalves. 4) Isabel Cristina n. 31-8-68, solteira, estudante universitária em Farroupilha. 5) Rosângela n. 18-11-69, estudante universitária, Novo Hamburgo.

9 — Orlando Dalcin, alfaiate e comerciante, residente em Carlos Barbosa, bairro Ponte Seca; cc Gentila Ana Denicol; 5 filhos: 1) Artur Leão, engenheiro mecânico cc Rejane de França; f.: Tais. 2) Roque, gerente da fábrica de produtos LACESA, cc Telma Frutuoso; f.: Orlando e Eduardo. 3) Jurema, solteira,



formada em Administração de Empresas, empresária com Malharia. 4) Ieda Teresinha, solteira, nutricionista, empresária com Malharia. 5) Davi Antônio, engenheiro mecânico e professor em Carlos Barbosa, oficina mecânica.

10 — Catarina Dalcin Mafasiolli cc João Mafasiolli, agricultor, residente em Torino; 4 filhos: 1) Rita Maria, cc José Nehaus, comerciante; f.: Serlene e Rodrigo. 2) Ademir cc Vera Nehaus; f.: Tiago. 3) Tânia Teresinha cc Ilar Lamp; f.: Otávio. 4) Rosana cc João Canal, agricultor, residente em Torino; f.: Débora e Jérsica.

11 — Assumpto Dalcin n.15-8-1921, empresário aposentado, residente em Carlos Barbosa, foi vereador duas vezes; cc Sílvia Willrich; sete filhos: 1) Elói, metalúrgico, reside no bairro Navegantes, Carlos Barbosa; f.: Alexandre, Ricardo, Rodrigo. 2) Rui, desenhista, residente em Canoas; cc Mara de Oliveira; f.: Simone e Eduardo. 3) Lúcia cc Inácio Baldasso, economista, contador da Prefeitura Municipal de Carlos Barbosa; f.: Gustavo. 4) Geni cc Carlos Dalmás, supervisor da TRAMONTINA, em Carlos Barbosa; f.: Sílvia. 5) Dulce cc Hilário Benelli, desenhista, residente em Canoas; f.: Daniel. 6) Marlene cc Jaime Deitos, funcionário da Metalúrgica “Group Irwin”, em Carlos Barbosa, bairro Navegantes; f.: Carla, Taisa e Micheli. 7) Vera cc Alexandre Redo, economista, funcionário da TRAMONTINA, Carlos Barbosa.

12 — Carlos Dalcin, n. 9-2-1931, aposentado da TRAMONTINA, cc Isanira Carlotto, empresária com fábrica de vassouras, reside em Carlos Barbosa. Cinco filhos: 1) Ademir, comerciante em Porto Alegre; cc Cármen Vidale; f.: Marisel e Cristiane. 2) Artêmio, comerciante em Porto Alegre, cc Jandira Dupont; f.: Caviel. 3) Sérgio, aposentado por invalidez, cc Nedi Campos; f.: Luana; reside em Carlos Barbosa. 4) Amadeu,



funcionário da Metalúrgica GRENDENE, em Carlos Barbosa; cc Suzana Gedoz. 5) Sandro, funcionário da Oficina Mecânica Padovani, em Carlos Barbosa; solteiro.

13 — Angela Dalcin (Angelina), solteira, costureira, reside em Santa Clara Baixa, Carlos Barbosa.

14 — Maria Dalcin Misturini, cc Armelindo Misturini, falecido; 11 filhos: 1) Isídio, falecido, era enfermeiro; cc Eroé Dias, residente em Porto Alegre; f.: Rodrigo. 2) Nair cc Dirceu Zanella, empresário com oficina mecânica em Caxias do Sul; f.: Leandro e Evandro. 3) Ortenila cc Léo Gusso, mecânico, residente em Garibaldi; f.: Leandro e Rosângela. 4) Miraci cc Eri Sandi, operário, residente em Caxias do Sul; f.: Patrício. 5) Ivo, mecânico, residente em Nova Veneza, SC, cc Maria de Fátima Marelli. 6) Vitorino, operário da fábrica de Móveis Moschetta em Carlos Barbosa; cc Nelsi Broch; f.: Daniel. 7) Inácio, construtor civil em Caxias do Sul, cc Lourdes Bascaín; f.: Gustavo e Giseli. 8) Santina cc Atilio Ábido, comerciante em Carlos Barbosa; f.: Asiel. 9) Ema cc Jessé Dal Posso, motorista da Prefeitura Municipal de Carlos Barbosa; f.: Sílvia 10) Jacinta cc Guilherme Reinhardt, comerciante e ela professora em Santa Vitória do Palmar-RS; f.: Henrique. 11) Valéria cc Sérgio Dalmás, construtor civil em Carlos Barbosa.

15 — Terezinha Dalcin Dotta, cc Albino Dotta, comerciante, tem 5 filhos: 1) José cc Normira Castilho, reside em Caxias do Sul; f.: Cláudio e Salete. 2) Gelsi cc Maria Thempas, comerciante em Caxias do Sul; f.: Fabiano, Suzana e Francielli. 3) Maria Helena cc Arisoli Pacheco, comerciante em Caxias do Sul; f.: Graciela. 4) Marinês cc Fernando Gonçalves, comerciante; f.: Ervem. 5) Cristina é noiva, residente com os pais à rua Tranquedo Feijo, 444, Caxias do Sul.

* * *



II - JOÃO BATISTA DALCIN FILHO (20-10-1887 - 11-1958), filho de João Batista e Lúcia Canal, nasceu em Santa Clara Baixa, onde residia. Não teve escola, mas como autodidata, à semelhança do irmão Antônio (meu pai), adquiriu admirável cultura, com a leitura diária de jornais e livros. Faleceu em Garibaldi-RS, vitimado por uma injeção contraindicada, aplicada por uma enfermeira do hospital.

Casado com Alina Josefina Canal Dalcin (27-5-1888 — 7-3-1977), teve 10 filhos: Olinda, Faustino, Lucieta, Atílio, Félix, Marcelino, Hortêncio, Sílvia, Horácio e Vitorina.

1 — Olinda Francisca Dalcin Kunrath (10-3-1912 — 20-11-1990), casada com João Erno Kunrath, agricultor, ministro da Eucaristia, residente em Vista Alegre, Sede Nova, RS, natural de S. Vendelino. Sete filhos: 1) Anita Conceição, professora aposentada, cc Zeno João Scharp, mecânico e relojoeiro em Boa Vista do Buricá-RS; f.: Everton e Newton, mecânicos. 2) Sérgio, comerciante em Humaitá-RS, cc Maria Niva Henz; seis filhos: Neusa, técnica agrícola e professora; Silene, contadora, trabalha no laboratório do hospital em Humaitá; Solange, professora; Cleusa, professora; César, estudante; e Raquel. Residência: Rua DaItro Filho, 277 — Humaitá. 3) Bruno, professor em São Luís, Capanema, PR; cc Bernadete Costomann; f.: Cleiton, Cleunice e Scharles. 4) Marieta cc Cláudio Werner, operário, residente em Arroio do Meio-RS; f.: Cinara e Luís. 5) Normélia cc Adelar Henz, agricultor, reside na casa do pai em Vista Alegre, Sede Nova; f.: Berenice, Luciene e Jaime. 6) Adelaide, solteira, funcionária do Seminário da Consolata, em Cascavel, PR, parque São Paulo. 7) Clemência cc Ildo Berá, residente em Coxilha Alta, Sede Nova. No dia do falecimento de Olinda, o autor deste livro chegava em casa de Sérgio, onde ela estava hospedada; no dia seguinte, solene funeral na capela de Vista Alegre, com missa de corpo presente, celebrada pelo pároco de



Humaitá e pelo Pe. Moisés Dalcin, sobrinho.

2 — Faustino Afonso Dalcin, sapateiro e agricultor aposentado, reside em Carlos Barbosa, bairro Ponte Seca; cc Verônica Zwirtes, em 1970 com 70 anos. Filhos: José, mecânico da TRAMONTINA em Carlos Barbosa; cc Neusa Canal três filhos: Márcio, Telmo e Gabriel. Fidélis cc Lourdes Junges; f.: Aline e Alan. Bernadete cc Sérgio Scheider; f.: Anderson e Bruna.

3 — Lucieta Dalcin Gonzatto, em 1988, cc Silvino Gonzatto (25-8-1919 — 5-12-1966), forte agricultor em Ibiraiaras- RS; 11 filhos: Conrado, agropecuarista e apicultor nos Barretos, Lagoa Vermelha; cc Lourdes Zanetti; f.: 1) Alcindo cc Jussara; Rosemeri, Jair e Marcelo. 2) Leonor cc Rosicler Deitos (Ibiraiaras); f.: Leoni, Elizabeth, Nelton e Liane. 3) Ivo cc Elza Farina; f.: Deise, Enio e Cláudio. 4) Emílio cc Jecilda Marchesini; f.: Fabiana e Andreza. 5) Mário cc Linda Boito; f.: Oberdan, Ismael, Regemar e Marilinda. 6) Idair cc Sirlei Gris; f.: Wilian e Elivan. 7) Vitor cc Enelita Piva; f.: David e Alexandre. 8) Milton cc Inês Baréa; f.: Daniela. 9) Iraide cc Adelino Zimmer; f.: Jacinta, Sérgio e Flávio. 10) Rosita, falecida, cc Jaime Sauthier; f.: Eder, Giovanni e Marlove. 11) Dirce, solteira. 12) Janete cc Galdecir Lodi; f.: Aline e Felipe, residente em Ibiraiaras-RS.

4 — Atílio Dalcin nasceu em Santa Clara Baixa, residiu em Tapejara e, a seguir, em Ibiraiaras, onde reside; granjeiro aposentado; cc Rosalina Joana Deitos. Nove Filhos: 1) Valdir, granjeiro em Ibiraiaras, cc Salete Polli; f.: Afrânio e Fabiano. 2) Pe. Ignacio, sacerdote diocesano, nascido em 31-5-1949, ordenado em 8-2-1972; iniciou seu ministério como vigário paroquial de Maximiliano de Almeida; a, seguir, durante cinco anos, vigário paroquial e pároco da Catedral de Vacaria; pároco de S. Judas Tadeu em Passo Fundo e assistente e professor dos seminaristas



de Filosofia e Teologia; de 1985 a 1987 esteve em Roma fazendo curso de História da Igreja; pároco de São José dos Ausentes, Bom Jesus; desde 1988 exerce o cargo de pároco de Sananduva; em 1990 fez curso de História da Igreja no México. Viajou por toda a Europa, Ásia, América do Norte e América Latina. 3) Nestor, granjeiro em Ibiraiaras, cc Elita Polli; f.: Gilmar. 4) Ilse, cc Ivaldo Capelari, funcionário da Cooperativa Agrícola Mista Ibiraiaras Ltda (COOPIBI); f.: Franciele, Aine, Dani e Angelo e as gêmeas: Caroline e Carla. 5) Inês, cc Juarez Marchesini, agropecuarista em Ibiraiaras; f.: Catilaine, Mariele, Frank Júnior. 6) Hilário, professor e gerente do Banco de Crédito da COOPIBI; cc Inês Marcante; f.: Ricardo e a Maria Elizabeth. 7) Ari, comerciante e granjeiro em Gurupi, Tocantins; cc Marilene Bortolon, professora, diretora de escola em Gurupi; f.: Jocelito e Juliano. 8) Sadi, granjeiro em Ibiraiaras, cc Leonir Rossoni; f.: Lisiê. 9) Isabel, professora estadual em Ibiraiaras, formada em Matemática na Universidade de Passo Fundo; solteira, reside com os pais.

5 — Félix Dalcin nasceu em Santa Clara Baixa, Carlos Barbosa, em 7-1919; comerciante e fabricante de vassouras, residente em Caxias do Sul, bairro Panazzolo, desde 1965, Vila Sindical, Rua Pedro Machado Silveira, 1061. Casado com Maria Valesca Ledur, nascida em S. Vendelino, a 26-8-1938. Seis filhos: 1) Lucas, empresário, fabricante de vassouras em Caxias do Sul; cc Isabel Tessari; f.: Juliano, n. 2-9-82. 2) Maria Delaci, curso universitário de Ciências e Assistência Social, secretária da firma “Correntes Mareei Dian”, n. 17-9-51; cc Vilson Luiz Feltef, metalúrgico (Robertshou); f.: Diego Luiz, n. 19-1-81; e Naila, n. 2-9-88; reside em Caxias do Sul, fone (054) 222.2843. 3) Maria Beatriz, cc Teodoro Battatini, gerente e sócio da fábrica de vassouras; f.: Maximiliano, Fabiana e Pablo. 4) Arquimedes José, metalúrgico (Panamante Indústria de Refrigeração); cc



Cármem Klein; f.: Caroline, n. 11-1-1985; Caxias do Sul, fone (054) 223-3519. 5) Jane Regina, n. 28-9-59; cc Horácio Knobb, empresário, fábrica de Móveis — Movi Art, Caxias do Sul, fone (054) 222-1071; f.: Miguel n. 8-10-87; e Marcelo n. 8-3-90. 6) Pedro Amarildo, n. 3-7-1962, estudante universitário, marceneiro de Colocarte Móveis e Decorações, Caxias do Sul; solteiro, mora com os pais. Fone (054) 226-1260.

6 — Marcelino Dalcin, comerciante aposentado, bairro Cristal, Porto Alegre; cc Irma Mafri; f.: Antônio, formado em Processamento de Dados, cc Sílvia Mayer, formada em Processamento de Dados; f.: Felipe e outro nascido em fins de 1990.

7 — Hortêncio Dalcin, agropecuarista aposentado, Santa Clara Baixa, Carlos Barbosa; cc Inês Sauthier; 9 filhos: 1) Pe. Moisés Antônio, sacerdote diocesano da Arquidiocese de Porto Alegre, exerceu o ministério como pároco em várias localidades da Capital, como Santa Ana e Santa Catarina, e, em 1991, em Barra do Ribeiro. 2) Ari Clemente, comerciante em Porto Alegre, cc Mari Pontini; f.: Fernando e Carlos Henrique. 3) Valmor Tadeu, funcionário do Banrisul em Carlos Barbosa, cc Liane Hohlfeldt; f.: Kátia e Tiago. 4) Cármem Maria, professora, cc Renato Salvagni, representante comercial em Garibaldi; f.: Tiara e Renato. 5) Clair Madalena, cc Sérgio Dalosbel, comerciante em Porto Alegre; f.: Eduardo. 6) Newton José, solteiro, construtor civil em Porto Alegre. 7) João Batista, contramestre da TRAMONTINA, Carlos Barbosa, solteiro. 8) Hélio Luiz, cc Cleri Keiffer. 9) Jadir Tobias, solteiro, mora com os pais.

8 — Sílvia Dalcin Sauthier, cc Irineu Sauthier; f.: Adelar, Marineusa e Maricelsa.

9 — Horácio Dalcin, n. 16-7-1931, solteiro, cabeleireiro



em Bom Princípio, RS.

10 — Vitorina Dalcin, n. 10-8-1933, solteira, costureira e bordadeira, em Carlos Barbosa, RS.

* * *

III - ANTONIO DALCIN (28-6-1890 - 3-10-1975), filho de João Batista Dalcin e de Lúcia Canal, nasceu em Santa Clara Baixa, Montenegro, hoje Carlos Barbosa. Casou em 1920 com Maria Dalcin, filha de João Dalcin e Angela Da Fré Dalcin, nascida em 1892 na Itália, chegando no Brasil em março de 1897. Faleceu em 15-5-1956 em Bento Gonçalves.

Antônio residiu em Torino, Carlos Barbosa, onde exercia a profissão de agropecuarista, sendo um dos primeiros sócios da Cooperativa Santa Clara, manteve fábrica de móveis. Transferindo-se para Bento Gonçalves, exerceu as profissões de hoteleiro, moleiro, viticultor, sendo um dos pioneiros de uvas de castas finas no RS, premiado com medalhas de ouro e prata em diversas exposições. Durante mais de um período foi diretor presidente da Cooperativa Vinícola AURORA.

Dez filhos: Isabel, Fidélis, Alcides, Vital, Pe. Firmino, Hugolina, Domício, Aura, Amândio e Mário.

1 — Isabel Paulina (25-1-1914 — 25-3-1983), casada com Ricieri Brun (20-7-1914 — 23-12-1984); residiram em Santa Teresa, Bento Gonçalves, sendo fortes agropecuaristas. Dez filhos: 1) Rubens, agropecuarista em Pranchita, Paraná; casado com Anchila Lava; filhos: Marisa, professora, cc Lauro Barile, f. Jucilane; Ienelde cc Décio Carol, com quem já tinha um filho em 1990; Dolar, estudante; Irineu e Cirineu, que residem e trabalham com os pais. 2) Valter, agropecuarista



e comerciante em Pranchita PR, cc Dali Benini; três filhos: Cleimar José, comerciante na cidade de Pranchita, cc Marlene Zionko; f.: Cleverson e Marcili; Fabiano e Fabiane, solteiros. 3) Fidêncio, mecânico em Garibaldi; cc Maria Matei; f.: Alexandre. 4) Valmor, comerciante em Bento Gonçalves, RS, cc Naides Damiani; f.: Arlete e Alisete, estudantes. 5) Varzilho, funcionário da Vinícola SALTON, Bento Gonçalves; cc Helena Setolin; f.: Morgane, Evandro, Fabiane, estudantes; e Adriane, falecida. 6) Luiz, forte comerciante em Bento Gonçalves, cc Vera Piva; f.: Patrícia e Andressa, estudantes. 7) Antônio, comerciante em Bento Gonçalves, cc Edilse ScraVonatti; f.: Cassiano, motorista e Fabiane, estudante. 8) Edite cc Adir Procedi, agricultor em Monte Belo, Bento Gonçalves; f.: Marcelo, empregado e Marcelle, estudante. 9) Davi (1957/1988) em Bento Gonçalves. 10) Valmi, falecida tragicamente aos nove anos de idade, quando, estando em casa sozinha, incendiou-se o seu vestido e perecendo queimada.

2 — Fidélis Dalcin Barbosa (Fidêncio) nasceu em Torino, Carlos Barbosa, a 14-12-1915. Estudou e trabalhou durante muitos anos com os Padres Capuchinhos. Exerceu o ministério, magistério e jornalismo em Veranópolis, Pelotas, Portugal (5 anos), Vacaria, Caxias do Sul, Canela e Lagoa Vermelha onde reside, cc Carmelina Camatti em 1971. Escritor, professor e jornalista, publicou quatro dezenas de obras, com cerca de 200 edições. Cidadão lagoense; várias vezes premiado em concursos literários.

3 — Arcide (Alcides) Luís Dalcin (21-4-1918 — 22-12-1983), primeiro caminhoneiro a fazer viagens entre Bento Gonçalves e São Paulo; fundador da empresa DALCIN S.A. Indústria, Comércio & Transportes. Casou com Rosa Maria Stefani, n. 12-10-1918. Seis filhos: 1) Ir. Marta, n. em Bento Gonçalves a 17-6-1946. Professou com votos perpétuos em 20-



1-73 em Curitiba, na Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Bacharelou-se em Letras na Universidade de Passo Fundo. Professora, secretária provincial, conselheira provincial, motorista, participou do Capítulo Geral em Roma, beijou a mão do Papa João Paulo II. 2) Antônio Marcos n. 1-3-1948, caminhoneiro e atual chefe do setor de Palhinhas de Móveis CARRARO; cc Neusa Carini; f.: Alexandre, caminhoneiro; Andréia e Mariana, estudantes. 3) Maria Stefani Dalcin, professora, especializada em museus, com cursos nos Estados Unidos e em outros países; como tal trabalhou nos museus do IPE e Júlio de Castilhos em Porto Alegre; organizou o museu de Roraima e outros; no governo do Presidente José Sarney, foi titular do Programa de Artesanato do Ministério do Trabalho. Pintora, várias vezes premiada em exposições de pintura. Neste setor, como pintora de roupas, trabalha atualmente no Rio de Janeiro e São Paulo. 4) Isabel Dalcin Bertoldo, n. 10-2-1951, tricoteira em Bento Gonçalves e agora no Rio de Janeiro, onde reside, casada com Luiz Bertoldo, agente comerciário; filha: Luisa, n. 27-1 1-1990. 5) David Dalcin, n. 17-12-1953, empresário: Model Indústria e Comércio de Quadros Ltda.; era casado com Jaira Soares, tendo a filha Caroline, n. 2-3-1983. 6) Sandra Lúcia, n. 9-4-1963, Bacharel em Enfermagem de Alto Padrão; exerce a profissão em Farroupilha e Bento Gonçalves, onde reside com a mãe.

4 — Vital Pedro Dalcin, nasceu em Torino, Carlos Barbosa, a 28-4-1920, funcionário público DAER e funcionário de Móveis CARRARO. Casou com Hilda Donadel. Oito filhos: 1) Marilene, n. 20-8-1946, professora, cc Ivalino João Caimi, funcionário federal, 2) Mari Neusa n.16-9-1947, recepcionista da Vinícola AURORA e hoje doceira, cc Gilberto Leite, empresário, dono de uma frota de caminhões: RODAZA. F.: Naor, n. 31-7-1975; Rafael, n. 4-6-1976, estudantes. Reside em



Bento Gonçalves, RS. 3) Mariluz, n. 4-3-1949, enfermeira do INAMPS, cc Benjamim Pozza, empresário, sócio da Mecânica Internacional; f.: Tiago, n. 13-12-1978 e Amanda, n. 30-8-1982. 4) Marli, n. 4-12-1950, economista, funcionária pública da IMBRAPA, reside com os pais, em Bento Gonçalves. 5) Juvenal Antônio, n. 11-6-1952, economista, sócio e diretor industrial de Móveis CARRARO, de Bento Gonçalves, a maior empresa do ramo da América Latina, fundador e proprietário da CLADEJU (assessorios para móveis); em setembro de 1983 e de 1988, participou da Feira Internacional de Móveis na Itália e em 1990 no Canadá; cc Marisa Botega, professora; f.: Juliano, n. 9-11-1985. 6) Sérgio Luiz, n. 16-9-1953, gerente e proprietário da Transportes de Participações Sociais Ltda. (do Grupo CARRARO); cc Elisabete Gasparetto; f.: Tais, n. 8-1-1983, e Fernanda, n. 24-2-1985. 7) Jaime, n. 15-2-1968, diretor de vendas da SUVALAN, com sede em São Paulo; cc Marilise Turi; f.: Guilherme. 8) Romeu, n. 21-1-1964, técnico agrícola, ex-funcionário da Secretaria da Agricultura da Prefeitura de Bento Gonçalves e atual funcionário da Metalúrgica Bertolini, Bento Gonçalves; solteiro, mora com os pais.

5 — Pe. Firmino Henrique Dalcin, n. em Torino, Carlos Barbosa, a 5-1922, sacerdote diocesano, ordenado em 30-11-1947. Professor universitário, exerceu o ministério e o magistério em Pelotas, sendo depois destacado por D. Antônio Zattera para organizar a diocese de Bagé, na qual passou a exercer suas atividades, nas cidades de Bagé, São Gabriel e Santana do Livramento. Aqui, como pároco, construiu a matriz de Nossa Senhora do Rosário e o vasto salão comunitário. Em 1991, pela segunda vez, pároco de São Gabriel, onde está construindo um salão paroquial de vastas proporções. Especializado em Parapsicologia, vem exercendo papel importante no setor. Pregador de retiros, sobretudo para Religiosas. Fez parte



da equipe do movimento “Mundo Melhor” do Pe. Ricardo Lombardi. Vários cursos em Roma e outras cidades. Sacerdote culto, apostólico e virtuoso, recusou duas vezes convite para integrar o Episcopado Brasileiro.

6 — Domício Celeste Dalcin (23-10-1924 — 22-12-1966), caminhoneiro, empresário, gerente da empresa DALCIN S.A., à qual impôs extraordinário impulso, transformando numa das maiores no setor de transportes do RS, com uma frota de cerca 100 caminhões. Retornando um dia do Uruguai, sofreu acidente rodoviário, ao que parece ocasionado por parada cardíaca, no município gaúcho de Santa Vitória do Palmar. Casado com Zeferina Romagna, tem três filhas: 1) Ana Alice, n. 24-1-1951, professora de inglês, com especialização nos Estados Unidos, e alfabetizadora; cc Luiz Zorzi, geólogo, mestrado na Universidade da Califórnia, tendo participado de congresso na União Soviética e Alemanha; curso de três meses de Tecnologia de Minas de Carvão na Inglaterra. Residência, bairro Petrópolis, Porto Alegre. Filhos: Luiz Orlando, n. 5-12-1979 e Maurício, n. 4-2-1988. 2) Vânia Elisabete, n. 28-2-1955, licenciada em Psicologia na PUC de Porto Alegre; exerce a profissão no Hospital Presidente Vargas, na capital do RS, cc Dr. Homero Eduardo Tocchetto, médico, formado na PUC e trabalha no mesmo hospital; f.: Rodrigo, n. 10-9-1985 e Marco Anatônio, n. 22-8-1988. 3) Eunice, n. 25-7-1960, licenciada em Odontologia pela PUC, tem curso realizado em Caracas; trabalha no SESI e em clínica particular, em Porto Alegre.

7 — Hugolina (13-8-1927 — 1-12-1984), cc Balduino Lanfredi, ex-funcionário do DAER, da Concentradora e da Vinícola AURORA, de Bento Gonçalves. A seguir, caminhoneiro; como tal, um dia, no Paraná, município de Medianeira, permaneceu com o caminhão atolado dois dias e duas noites, sem comer e sem beber, a não ser a água da chuva. Em



1964 Balduíno passou a sócio e gerente de Bebidas LICORSUL Ltda., empresa quase falida e que ele levantou. No 1º ano de sua gestão, em 1965, a firma lucrou 80 milhões de cruzeiros. Ele adquiriu 18 caminhões e 38.000 caixas de matéria plástica. Construiu novo prédio ocupando 3.600 metros quadrados. Aposentou-se e retirou-se da firma em 1985, ocasionando séria crise, culminando com a venda da LICORSUL. Cinco filhos: 1) Arlete Lourdes, professora estadual, cc Carlos de Azevedo, representante comercial; filhos: Guisele e Felipe, reside em Bento Gonçalves. 2) Sérgio Antônio, ex-funcionário da LICORSUL, ex-presidente comercial e atual diretor de vendas de Móveis CARRARO; casou em Garibaldi com Juliana Polastro. 3) Alfeu José, proprietário de oficina mecânica, ex-mecânico da LICORSUL; cc Vera Miola; f. Anderson. 4) Paulo Roberto, técnico em agricultura, solteiro, com problemas de saúde, mora com o pai. 5) Viviane, estudante universitária e auxiliar do escritório do cunhado Carlos Azevedo; solteira, mora com o pai, em Bento Gonçalves.

8 — Aura Dalcin Fontanive, nasceu a 11-12-1928, cursou magistério, tendo exercido a profissão durante vários anos. Casou com Nelson Fontanive, fabricante dos Vinhos FONTANIVE, dos quais é gerente. Seis filhos: 1) Paulo, engenheiro mecânico, funcionário de FURNAS, Rio de Janeiro; cc Elma Mendes Serra, natural de São Luís do Maranhão, médica; dois filhos: Leonardo e Bruno. 2) Cármen, licenciada em Letras, funcionária da Caixa Econômica Estadual em Bento Gonçalves; cc João Valduga, Bacharel em Ciências Econômicas, funcionário da EMBRAPA; dois filhos: Jones e Luísa, n. 12-11-1990. 3) Gládis, professora, cc Ivo Rossatto, engenheiro de operações, gerente da firma DPASCHOAL, Porto Alegre; f.: Giana Cristina e Cristiane, estudantes. 4) Beatriz Maria, professora, funcionária da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves; cc Gilberto Confortin,



arquiteto, funcionário da Prefeitura e trabalha por conta na sua profissão. 5) Gilberto Sebastião, médico veterinário, funcionário de Vinhos FONTANIVE; solteiro, mora com os pais. 6) Sandra Maria, estudante universitária de Processamento de Dados, em Porto Alegre; desenhista e pintora, com várias capas de livros.

9 — Amândio Dalcin (11-12-1931 — 30-4-1985), foi funcionário da Vinícola AURORA, caminhoneiro, sócio e gerente de DALCIN S.A.; junto com Laurindo Valduga, fundou a empresa Alcoólico Comércio, Transportes & Representações Ltda., com sede em Bento Gonçalves, firma que pertence agora à viúva Valda Dalcin e a Laurindo Valduga. Filhos: 1) Vera Beatriz Luchese, professora e escritora de literatura infantil; cc Olavo Luchese, diretor de vendas da Alcoólico; f.: Felipe e Mateus. 2) Magda Salete, licenciada em magistério; cc Nereu Carlos Milani Rossi, engenheiro eletrônico, coordenador do CENOR: Centro de Ensino Norte Nordeste, da Petrobrás, com residência em Salvador, Bahia. Filhos: Nereu Júnior e Aline Maria.

10 — Mário Dalcin (3-7-1935 — 11-2-1984), caminhoneiro, cc Benures Casagrande; filhos: 1) Cesar Augusto (11-8-1963 — 29-8-1985), caminhoneiro, vitimado por acidente de caminhão em Caxias do Sul; cc Rosângela Azevedo, filha do oficial militar Juarez Azevedo e Vera Lúcia Poletto; a viúva, que viajava com o marido na hora do acidente, estando grávida, perdeu a criança e ficou parálitica em cadeira de rodas; reside em Porto Alegre com o pai. 2) Marcelo, n. 14-3-1967, estudante universitário de Estatística na Universidade Federal de Porto Alegre.

* * *



IV - JOSÉ DALCIN (26-6-1893 - 23-12-1953), filho de João Batista e Lúcia Canal Dalcin, nasceu em Santa Clara Baixa, residiu alguns anos em Santa Luísa e, a seguir, em Montenegro, onde veio a falecer. Casado com Ana Maria Misturini (1894 — 11-12-1952). Seis filhos: Afonso, Nilo Francisco, Ceferino, Cecília, Santo, Vilma e Felícia.

1 — Afonso (10-11-1918 — 4-2-1973) era comerciante em Montenegro. Casado com Maria Selma n. 27-10-1914, costureira aposentada, reside em Montenegro. Cinco filhos: Nadir Maria, Loiva Verônica, Marlene Maria, Eloi Roque e Márcia Helena. 1) Nadir Maria Rodrigues, n.8-4-1942, cc Walmir Rodrigues, n. 4-2-1931, funcionário público aposentado em Montenegro; f.: Cristiano n. 17-7-1973, estudante; Daniela, n. 13-4-1982, estudante. 2) Loiva Verônica Dalcin Kettermann, n. 7-8-1945, professora, cc Augusto Kettermann, n. 13-4-1942, chefe de produção da Cervejaria Antártica em Montenegro; f.: Fabiana n. 8-3-1971, professora e Tatiana, n. 24-9-1973, estudante. 3) Marlene Maria Dalcin, n. 13-11-1948, separada, funcionária pública em Montenegro; f.: Letícia Maria Garcia, n. 20-12-1974, estudante. 4) Eloi Roque Dalcin, n. 13-1-1952, auditor externo em Montenegro; cc Evanize Becker Dalcin, n. 9-9-1950, supervisora de ensino em Montenegro; f.: Wagner, n. 23-12-1979, estudante; Vinícios, n. 15-1-1985, estudante. 5) Márcia Helena Dalcin, n. 16-1-1985, auxiliar de enfermagem, trabalha no Hospital Regina em Montenegro.

2 — Nico Francisco, n. 13-7-1927, funcionário público aposentado em Montenegro, cc Hedy Schenkel Dalcin, n. 3-7-1929, aposentada; 4 filhos: Sérgio Alberto, Cláudio José, Roseli Maria e Roselaina Ana. 1) Sérgio Alberto Dalcin, n. 18-8-1951, gerente de serviços comerciais da Eunocar Veículos Ltda. Revenda Fiat em Cachoeira do Sul; cc Hedy Schenkel Dalcin, n. 3-7-1929, aposentada; f.: Sérgio Alberto (19-12-1981 — 24-12-



1981); Ediana, n. 11-12-1982, estudante da Escola Imaculada Conceição, Cachoeira do Sul. 2) Cláudio José Dalcin, n. 10-11-1952, autônomo de representações telefônicas em Novo Hamburgo; cc Dorlei Sehmen, n. 19-1-1955, assessora de vendas da Coester, Novo Hamburgo; f.: Camila, n. 7-12-1981, estudante da Escola Normal São José, Novo Hamburgo. 3) Roseli Maria Dalcin Finkler, n. 27-8-1961, cc Luís Felipe Finkler, n. 23-8-1963, PM da Brigada Militar em Lajeado, RS; f.: Felipe Luís, n. 19-4-1988, estudante. 4) Roselaina Ana Andrade, n. 7-5-1964, Caixa do Banco Meridional em Montenegro; cc Marcelo Adriano Andrade, n. 27-8-66, PM da Brigada Militar em Montenegro.

3 — Cecília Dalcin Diehl, cc Pedro Diehl; cinco filhos: Olávio, leda, Edite, Dorli e Eloi. 1) leda, cc Horácio Misturini, aposentado da Móveis De Martini; f.: Sônia, Sirlei e Iraci. 2) Olávio (), era casado com Antônia Pedruzzi; f.: Valdecir, Stella Maris, Cármen Lúcia e Leonardo. 3) Edite, cc Neri Borsoi, caminhoneiro da Cooperatiava Santa Clara, Carlos Barbosa; f.: Rosângela, Lisângela e Vanessa. 4) Dorli, cc Jamil Dalcin, funcionário do Frigorífico Pontin em Carlos Barbosa; f.: Evandro, Eduardo e Patrício. 5) Eloi, cc Fátima Cauduro, Carlos Barbosa; f.: Bárbara.

4 — Ceferino Dalcin, n. 14-1-1926, agricultor e diarista num açougue, em Montenegro; cc Hedi Maria Cribiler, n. 27-7-1928, dona de casa; f.: 1) Ivone, n. 12-11-1950, cc Cilo Fülur, agricultor; f.: Júlio Roberto, n. 30-9-1982, estudante. 2) Olivio José, n. 27-12-1948, agricultor, cc Marli Elisabete Steffen, n. 1-2-1949, professora; f.: Almi, n. 31-3-1988.

5 — Santo Dalcin, n. 2-11-1924, viúvo, aposentado em Montenegro.

6 — Vilma Oliveira da Silva, n. 10-2-1929, aposentada,



Montenegro; cc Elíbio Oliveira da Silva (), n. 10-9-1924; filhos: 1) Rubens Luís (com 8 meses). 2) Marcelo Luís (com 7 meses). 3) Helena Silva da Mota, n. 4-8-1949, revendedora de produtos de beleza em Montenegro; f.: Raquel Terezinha, n. 5-4-1975, estudante; Karina Cristine, n. 15-9-1979, estudante; Sabrina Rafaela, n. 13-4--1987 . 4) Nadir Terezinha, n. 31-5-1960, cc João Carlos de Oliveira, n. 3-5-1952, auxiliar de escritório da FRANGOSUL S/A.; f.: Carlos Alexandre, n. 19-11-1983, estudante; André Luís, n. 15-4-1986. 5) Rui Roque da Silva, n. 18-11-1958, separado, motorista autônomo; f.: Matia Satique, n. 7-1-1982, estudante; Diego Satique, n. 20-8-1986. 6) Sirlene Silva Sá, n. 25-2-1948, cc José Alceu de Oliveira, n. 17-8-1948, autônomo cortador de mato; f.: Rodrigo Daniel, n. 4-11-1978, estudante; Renata Daniela, n. 12-2-1983, estudante. 7) Nestor José da Silva, n. 28-8-1951, comerciante autônomo; cc Lourdes Catarina, n. 27-6-1954, auxiliar de cozinha na Escola Estadual Álvaro de Moraes; f.: Sheila, n. 11-5-1976, estudante; Igor da Silva, n. 15-7-1980, estudante.

7 — Felícia Dalcin Willers, n. Em 1923, cc Lauro Willers, n. em 1920, aposentado; filhos: Lourdes Catarina da Silva, n. em 1951, atendente de creche; cc Nestor da Silva, n. em 1951, motorista; f.: Sheila Melina, n. em 1976, estudante; Igor José, n. em 1980, estudante. 2) Lenir Terezinha da Rosa, n. em 1950, cc Liberaldo Souza da Rosa, n. em 1948, contra-mestre de secção; f.: Leandro, n. em 1974, estudante; Leonardo, n. em 1977, estudante. 3) Nair Maria Cardoso, n. em 1952, cc Jorge Sidinei Cardoso, n. em 1950, mecânico; f.: Márcio Sidinei, estudante; Sandro Sidinei, 13 anos, estudante; Hélio Willers () com 42 anos; cc Délcia Millers, serviços gerais; f.: Andréa Terezinha, n. em 1973, estudante.



* * *

2 — O avô materno: João Dalcin

JOÃO DALCIN (Giovanni — Nani dei Mori), avô materno do autor, nasceu na Itália no dia 25-5-1857 e faleceu em Torino no dia 12-7-1942; casado com Angela Dafré (1859 — 22-5-1946). Chegou no Brasil em março de 1897, juntamente com os filhos: Ana (1886-1949), Bôrtolo (1888-1950), Teresa (1891-1977) e Maria (1892-1956). Nasceram no Brasil: Jorge (1900-1952), Sinto João (1902-1969) e Isidoro Tranqüilo (1906-1985).

Juntamente com ele, emigraram para o Brasil dois irmãos: Domingos e Antônio; e mais o cunhado Francisco Dalcin, casado com sua filha Luísa Dalcin. No mesmo navio chegava ao Brasil Catarina De Nadai (ou de Nadal?) que seria a segunda esposa de João Batista Dalcin, conforme ficou dito.

Pessoa simpática, de estatura alta, completamente calvo, João Dalcin fixou residência em Santa Clara Baixa, Capela de Nossa Senhora da Glória dos Dalcin. Depois que todos os filhos estavam casados, o casal João e Angela passou a residir em Torino, junto da casa do filho Bôrtolo, onde faleceu.

Os Dalcin, filhos, netos e bisnetos de João, Domingos e Antônio sempre se destacaram pelo seu dom de cantar. Eram cantores de fama os que vieram da Itália, salientando-se Vicente Dalcin, filho de Domingos, detentor de admirável voz de tenor. Atualmente, em 1991, os filhos de Sinto Dalcin formam um coral que vem se apresentando em festas, programas de TV, tendo gravado várias canções italianas.



* * *

I - ANA DALCIN DEITOS (1886 - 7-2-1949), casou com Domingos Deitos (1880 — 26-3-1938), um dos fundadores da Cooperativa Santa Clara Ltda. e dono de um moinho colonial movido por água do arroio Santa Clara, na localidade deste nome. Dez filhos: Pedro, Plácido, Honório, Ermelina, Adelina, Assunta, Leonora, Amábile, Valdemiro o Eliseu.

1 — Pedro (1906 — 14-4-1930), cc Catarina Zanetti (1-2-1941); filhos: Firmino e Francisco (gêmeos), Demétrio, Sabino, Dormelindo, Olívia, Graciosa e Nair; todos casados, numerosos filhos, residentes em Francisc Beltrão, no Paraná; muitos netos.

2 - Plácido (10-9-1907 - 1-10-1968), cc Olinda Zanetti (31-3-1973); residiam em Santa Maria, onde ele era funcionário da Oficina da Estação Ferroviária.

3 — Honório (1908 — 2-11-1990) em Pato Branco, PR, cc Teodora Baldasso; f.: Antônio (1944-1980); Ana (13 filhos), Hortência (4 filhos) e Zelinda.

4 — Ermelina, cc Ernesto Guerra (1909-1990); filhos: Dejanira (11 filhos); Alcides (3 filhos); Maria (8 filhos); Celestina (3 filhos); Ivo (3 filhos); Teresa (3 filhos). Ernesto era funcionário, carpinteiro, da fábrica de Móveis De Martini, em Carlos Barbosa.

5 — Adelina Deitos Comparsi, n. 15-9-1913), cc Artur Comparsi (1929 — 2-2-1984) agropecuarista em São Luís Gonzaga; f.: Hélio, agropecuarista em São Luís Gonzaga: cc Maria Vargas; f.: Sirlei, Joselei, Vando e Ana Maria. Avelino, comerciante em Porto Alegre (armazém); cc Irma Denicol;



f.: Alexandre e Rosângela. Bernardina, cc Lidomiro Ribas, residentes em S. Luís Gonzaga; f.: Jorge, Décimo, João, Edgar, Sônia e Ivanete. Catarina, ex-bancária em Canoas; solteira, aposentou-se em 5-10-1928. Tercília, viúva, reside em Campo Bom, RS; 11 filhos: Hugo, Tomé, José, Joel, Nilson, Danilo, Vera, Gislaíne, Carlos, comerciante em Porto Alegre; cc Cármen Schneider; f.: André e Joaílton, Adriana e Ziliane. Dra. Ana Comparsi Marques, Juíza de Direito em São Marcos, Torres e (em 1991) em Lageado; cc Dr. Nilo Marques, Promotor de Justiça em Porto Alegre; f.: Letícia. Luiz.

6 — Assunta Deitos Cousseau (15-8-1955) era casada com Osório Cousseau (); residiam em Três de Maio, RS; f.: Lourdes, Sireno, Tiago, Ermelindo, Verônica, Zelinda, Hélio, Rosalino (professor) e Claudete; vivem no RS, na Bahia e Paraná.

7 — Leonora Deitos Dalcin, cc Domingos Dalcin (filho de João e neto de Domingos), funcionário da TRAMONTINA; filhos: Gelsumina (1938-1987), solteira; Realda, cc Antônio do Olival; f.: Elizabeth Laurinda, cc Luiz Moschetta, marceneiro, f.: Dirceu e Dionísio. Plácido, cc Marilise Guerra, metalúrgico; f.: Daniel e Jonas. Vicente, ex-seminarista, ex-funcionário da Estação Rodoviária de Caxias do Sul, trabalhou em granjas e agora é comerciante com artesanato e trabalha em jornal em Caxias do Sul, sendo, ainda, estudioso da Parapsicologia.

8 — Amábile Deitos Comparsi, cc José Comparsi, agropecuarista em São Luís Gonzaga; f.: Glória, Cleusa, Leonor, Terei e Sabino.

9 — Valdemiro (1923-1983) cc Iracema Bernardi (1926-1989); f.: Ione, Ivone, Ivete, e Ivânio; residia em Garibaldi.

10 — Eliseu (1925-1968), era casado com Olga, em



Veranópolis; filha: Dra. Olga Deitos, médica, residente em Porto Alegre.

* * *

II - BORTOLO DALCIN (8-3-1888 - 18-9-1959), filho de João e Ângela Dafré Dalcin, nasceu na Itália, Sármede, Treviso; chegou no Brasil com os pais em março de 1897; um dos fundadores da Cooperativa Santa Clara Ltda, agropecuarista, fabricante de erva-mate, operou com carreta de terno, caminhão e ônibus, fazendo linha entre Carlos Barbosa e Porto Alegre.

No dia 24-2-1943, sofreu acidente com seu caminhão Chevrolet, no bairro de São Paulo, Carlos Barbosa, sendo colhido pelo trem, tripulado por João Baldasso. Ele e o filho Ivo, que dirigia o veículo, assim como dois caroneiros nada sofreram. Bôrtolo, 120 quilos, foi jogado a uma distância de 30 metros, caindo sentado. No dia seguinte, deu-se conta da falta do relógio de bolso, de estimação, que foi encontrado, ainda funcionando, no lugar onde ele havia caído. O caminhão ficou completamente destroçado. Ao vê-lo, ninguém diria que seus ocupantes houvessem escapado com vida. Bôrtolo declarava que nada lhes aconteceu por graça especial de Nossa Senhora, de quem era grande devoto...

Nos últimos anos de vida, ele sofria de reumatismo agudo, fruto da vida dura que levava como carreteiro, andando sem capa nos dias de chuva. Faleceu em Torino, onde residia, bem ao lado da casa onde nasceu o autor deste livro. Está sepultado no cemitério da Capela de Torino, ao lado do túmulo de seus pais, João e Angela Dalcin.

Casado com Fiorinda Maffasioli (21-3-1892 — 6-8-1985), teve oito filhos: Lucinta, Olinda, Teófilo, Constantino, Cláudio, Ivo, Lídia e Bernardina, todos vivos em 1991, com



exceção de Constantino.

1 — Lucinta Dalcin Pagot, n. 8-1-1912, cc Felice Pagot (1908-1985); ele era funcionário da Prefeitura de Bento Gonçalves; três filhos: Delfino, Teresa e Edite. 1) Delfino, cantor e músico de gabarito, sócio-gerente da MAQUILAGÁS (Brastemp), Bento Gonçalves; cc Vilma Marini, f.: Rosângela, cc Ivanor Tumelero (f.: Natália e Gabriel); Cristiane, cc César Gobbi (f.: Sílvio); e Sílvio. 2) Tereza Brunelli, n. 13-8-1933; cc Noeli Brunelli, natural de Nova Araçá, taxista em Canela e atualmente aposentado em Curumim, Capão da Canoa; 4 filhos: Noeli Carlos, Jaime José, Jatir Antônio e Jairo Luiz. Noeli Carlos, n. 8-9-50 em Bento Gonçalves, diretor de Heno Transportes Ltda (Mayer) em Canela; f.: Cristiane, n. 31-8-77, estudante e auxiliar de escritório; Viviane, n. 15-12-82, estudante. Jaime José, eletricitista em Canela; cc Terezinha Brunelli; f.: Tiago, Diogo, Juliano e Jonas. Jatir Antônio, n. 2-3-58, sapateiro em Canela, cc Angela Brunelli; f.: Vítor Hugo. Jairo Luiz, n. 27-3-59, gerente operacional de Heno Transportes Ltda, Canela; f.: Everson, n. 27-5-84; Alessandra, n. 5-10-85. 3) Edite Amadio, n. 21-9-44, cc Lino Amadio, sócio gerente da MAQUILAGÁS (Brastemp) em Bento Gonçalves; f.: Daniel, Ricardo e Maximiliano.

2 — Olinda Dalcin Zubéldia, n. 23-7-1923, cc Vitorino João Zubéldia (espanhol), 23-3-1916 — 6-10-1986) ele era agricultor em Anta Gorda, Videira, SC. 10 filhos: Telvina, Laura, Elisa, Irma, Natalina, Nair, Antônio, Maria, Justina Inês e José. 1) Telvina, n. 20-7-1937, cc Antônio Civiero, n. 3-8-23, agricultor em Caçador, SC. 2) Laura, n. 3-7-39, cc Olávio Segnani, n. 3-11-35, residem em Videira, SC; 3 f.: Gicelma, n. 14-10-67, funcionária da Malharia HERING, Acurra, SC; Verônica, n. 2-9-71, reside em Videira, SC; e Renato, n. 19-10-80. 3) Elisa, n. 20-12-41, cc Antônio Favarin, n. 28-2-42, agricultor, reside em Caçador, SC. 4) Irma, n. 20-8-43, cc Germano Belegante, n. 25-



11-44, agricultor; 4 f.: Camilo, n. 30-12-67; Marcelino, n. 3-3-69; Alberto, n. 25-5-70; Edir, n. 4-4-73; residem em Palotina, Paraná. 5) Natalina, n. 8-8-44, cc Valdir Bavaresco, n. 22-7-44, agricultor, reside em Ponta Serrada, SC; 5 f.: Marinês, n. 1-7-66; Danilo, n. 13-8-67, técnico agrícola em Concórdia, SC; Luiz, n. 11-3-69; Ivete, n. 4-4-75 e Marcos Antônio, n. 12-7-83. 6) Nair, n. 15-2-46, religiosa da Congregação de Santa Marcelina e reside em Muriaé, Minas Gerais. 7) Antônio, n. 27-5-48, solteiro, agricultor, mora com a mãe. 8) Maria, n. 2-7-51, cc Carmelindo Cimadon, n. 16-7-45, agricultor em Vargeão, SC; 4 f.: Ivan, n. 21-8-75; Deonice, n. 25-8-76; Tosé, n. 7-4-82 e Rita, n. 19-5-85. 9) Justina Inês, n. 15-6-55, solteira, reside com a mãe. 10) José, n. 2-6-58, cc Ana Balbinot, n. 25-1-61, agricultor, reside com a mãe. A ele o autor agradece estes dados fornecidos.

3 — Teóphilo, nascido e residente em Torino, forte agropecuarista; cc Leticia Regla, professora; 5 filhos: Avelino, Davina, Jurema, Clarência e Inocência. 1) Avelino cc Rosina Neusa Tonietto, professora; f.: Fernanda e Karina, estudantes; Avelino é forte agropecuarista e reside na antiga casa do avô Bôrtolo Dalcin. 2) Davina, professora, diretora da Escola Estadual D. Vital em Torino, Carlos Barbosa; cc Idair Zaro; f.: Marcelo e Débora. 3) Jurema, professora, cc Osmar Mantovani, empresário da Transportadora Luft, reside em Caxias do Sul; f.: Fabrício e Damiane. 5) Inocência, formada em Administração de Empresas, reside com os pais.

4 — Constantino (15-1-1918 — 26-2-1988), forte agropecuarista, grande produtor de leite, aves, suínos, foi membro da diretoria da Cooperativa Santa Clara, líder da comunidade de Torino, dirigia o culto na capela; seus funerais



foram solenes, durante os quais o coral cantou a Ladainha de Nossa Senhora em latim, que ele cantava todos os domingos após o rosário. O Pároco de Carlos Barbosa, Pe. Ernesto Roman, declarou que Constantino era um santo.

Casado com Luíza Cichelero, teve 10 filhos: Zenaide, Nilvo, Néelson, Agenor, Elói, Helena, Enio, Leonilda Maria, Celita e Teresinha. 1) Zenaide cc Antônio Denicol, agropecuarista, Torino; f.: André, Abílio, Adriana, Agostinho e Angélica; Abílio, cc Denise Baldasso; f.: Délio. 2) Nilvo, agropecuarista em Torino, cc Salete Gasperin, professora; f.: Rodrigo e Tiago. 3) Néelson, comerciante em Caxias do Sul; cc Nilse Canal; f.: Giana e Marcos. 4) Agenor, economista, com vários cursos de especialização em cooperativismo, nasceu em 1-7-49; diretor administrativo e financeiro da Cooperativa Santa Clara Ltda; em 17-12-1990, presidiu a inauguração do Supermercado da Cooperativa Santa Clara em Veranópolis; presidente da Festa do Leite em 1991; cc Cármen Lúcia Deitos; f.: Ananda e Camila. 5) Elói, caminhoneiro da Cooperativa Santa Clara; cc Neiva Canal; f.: Heleno e Camila. 6) Enio, agropecuarista, em Carlos Barbosa; cc Inês Freisleben. 8) Leonilda Maria, n. 11-5-58, comerciante, dona da Livraria Papelada em Carlos Barbosa. 9) Celita, costureira, viúva de Darci Baldasso; f.: Felipe. 10) Teresinha, comerciante com Floricultura em Garibaldi.

5 — Cláudio Dalcin, mecânico do DAER em Porto Alegre, a seguir, do Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves, e, por fim, caminhoneiro por conta com sede em Caxias do Sul; atualmente, aposentado, reside em Carlos Barbosa. Nasceu em Torino a 10-8-1919; cc Leopoldina Maffasioli, n. 25-6-1920. Dois filhos: Elaine e Hélio. Elaine, cc Nociodemos De Marchi, comerciante em Carlos Barbosa (Joalheria De Marchi Ltda); três filhos: Joceli, n. 9-7-70; Jones, n. 15-5-81 e Rudinei. Hélio (9-7-49 — 12-4-78), faleceu tragicamente num acidente de



trator.

6 — Ivo Dalcin, nasceu em Torino a 31-1-1925; fez o Tiro de Guerra em Carlos Barbosa e, a seguir, em 1945, foi convocado para a Guerra, passando a servir em Santa Maria, sendo motorista de caminhão. Foi o 19 caminhoneiro de Carlos Barbosa. Durante 15 anos foi presidente da Cooperativa Santa Clara (ver o capítulo “Ivo Dalcin e a Cooperativa Santa Clara”, neste livro). Teve padaria em Carlos Barbosa e trabalhou na firma do filho lido Dalcin.

Casou com Emma Barsé, n. 1-1-1925; tem 7 filhos: Ildo, Diva, Ieda, Ivan, Idair, Ilse e Nilo. 1) Ildo, n. 3-2-1949; empresário, fabricante de bolas e chuteiras marca “Ideal”; comerciante, com 4 lojas “Camisa 10 Esportes”, em Carlos Barbosa, Garibaldi, Salvador do Sul e Estrela. Casado com Maria Helena Benini, tem os filhos: Alexandro e Jônatas, enquanto a filha Franciele faleceu tragicamente com dois anos. 2) Diva, n. 30-1-50, casada com Flávio Oliveira, empresário com padaria em Caxias do Sul; f.: Daiane. 3) Ieda, n. 20-2-51, costureira com atelier em Carlos Barbosa; cc Arlindo Fabbrin, inseminador; f.: Giancarlo e Gerard, estudantes. 4) Ivan, n. 30-10-59, mecânico com oficina própria, solteiro, mora com os pais em Carlos Barbosa. 5) Idair, n. 4-3-65, mecânico, sócio de Ivan, solteiro. 6) Ilse, n. 25-9-62, ex-funcionária da Cooperativa Santa Clara Ltda; funcionária do Banco Bamerindus em Caxias do Sul. 7) Nilo, n. 10-6-55, construtor civil em Caxias do Sul; cc Marlene Duarte; f.: Natanael.

7 — Lídia, n. 29-1-1930, cc Reinaldo Dalmás, n. 13-5-1926, reside em Porto Alegre. Dois filhos: Valmir e Volnei. 1) Valmir, engenheiro mecânico da Petrobrás, reside em Salvador, Bahia; cc Miriam Dieder, 2. f.: Caroline, n. 7-2-1978 e Patrícia,



n. 5-8-1980. 2) Volnei, n. 10-3-1960, engenheiro mecânico, trabalha em Porto Alegre; cc Maria Júlia Girardi, n. 17-10-1958.

8 — Bernardina, cc João Baldasso, agropecuarista, Torino; 11 filhos: Odete, Valmor, Valdir, Renato, Davi, Lourdes, Vânia, Vitor, Oscar, Eva e Roberto. 1) Valmor, comerciante, cc Odila Zarro; f.: Andréia e Marina. 2) Odete, solteira, costureira, reside em Porto Alegre. 3) Valdir, comerciante em Porto Alegre, cc Sônia Bittencourt; f.: Fabrício, Daniela e Camila. 4) Renato, agricultor, cc Gersi Dalmás; f.: Josiane e Jocie. 5) Davi, cc Sandra Dalcin. 6) Lourdes, cc Ismael Trevisol, empresário em Canoas; f.: Raquel, Régis e Ana Paula. 7) Vânia, cc João Baldasso, agricultor, f.: Roberto e Tiago. 8) Vítor, solteiro, caminhoneiro. 9) Eva, solteira, despachante em Carlos Barbosa. 11) Roberto, caminhoneiro, cc Cenilda Talini; f.: Cinara.

* * *

III - TERESA DALCIN BREDÁ, filha de João e Angela Dafré Breda, nasceu em Santa Clara Baixa a 24-1-1891 e faleceu em Chapecó-SC em 2-5-1977; casou com SÍLVIO BREDÁ, nascido em 7-9-1888 e falecido em Chapecó em 11 8-80. Sílvio e seu pai Carlos foram fundadores da Cooperativa Santa Clara Ltda. Sílvio era pedreiro e no exercício desta profissão, perdeu uma vista. Residiu em Santa Clara, Cotiporã e em Chapecó. Seis filhos: Ester, Ermelindo, Victor Carlos, Gelsimina, Amélio e Amida Terezinha.

1 — Ester Breda Grazia, nasceu em Santa Clara a 1-10-1913. Ainda solteira foi residir em Bento Gonçalves em casa



do autor deste livro. Casou com Alcides Grazia, funcionário aposentado da firma DAL MOLIN, em Bento Gonçalves. Quatro filhos: Ivan, Paulo, Carlos Antônio e Ivânia. 1) Ivan, n. 16-8-39, industrial, fabricou torres para a EMBRATEL, inventou torre de vigia florestal, que vem instalando em vários Estados; casou com Gládis Terezinha Pizzatto, n. 12-9-40, professora; filhos: Luiz Gustavo, n. 5-9-69, e Juliana, n. 19-5-75; reside em Curitiba, Genuíno Lopes, 338/80.320, fone: 041.2446015. 2) Paulo Néelson, n. 2-11-40, médico veterinário do Ministério da Agricultura; casado com Luci Boehl, socióloga, n. 14-5-42; filhos: Eduardo, arquiteto, n. 20-7-67; e Adriana, n. 30-6-69, estudante de Direito; res. João Abbott, 209 — fone 31-56-98, Porto Alegre. 3) Carlos Antônio, n. 22-11-45, geólogo, solteiro, Av. Itaquí, 71/403, Porto Alegre. Exerce a profissão em vários Estados. 4) Ivânia, n. 31-7-47, professora de Educação Física, cc Benhur Rosado Sperotto, n. 25-6-48, professor de Educação Física e técnico esportivo, auxiliar do Técnico Beбето de Freitas, acompanhou a Seleção Brasileira de Vôlei aos Estados Unidos e Japão; filhos: Alexandre, n. 29-8-76; Renan, n. 22-9-78; Caroline, n. 17-3-80; e Daiane, n. 23-4-83. Res. Carlos Chagas, 70 D/201 — Fone 22-22-53, Chapecó-SC.

2 — Ermelindo Carlos Breda, (5-6-1916 — 29-7-1973), cc Zilda Maria Canova (27-6-1930); três filhos: Silvio Carlos Breda (28-1-51), cc Mara Lúcia Castelli (8-3-58) (f.: Graziela (5-11-77); Sílvia Mara (13-7-79); Rafael Roberto (23-12-83) e Sílvio Carlos Júnior (9-4-90); reside em Florianópolis, SC. Silvano Luiz (6-9-54) engenheiro agrônomo; divorciado de Elizabet Lorenzon (f. André, 7-11-78); cc Maria da Graça, f. Silvano Luiz Breda Júnior (2-6-86). Miguel Angelo (26-12-57), solteiro, bancário, Florianópolis.

3 — Victor Carlos Breda (25-5-1919 — 4-5-1968), foi farmacêutico em Cotiporã, RS, e, a seguir, diretor comercial em



Chapecó, SC; cc Jurema Lajús Breda, n. 31-5-1925, funcionária pública aposentada, reside em Porto Alegre, A v. Independência, 359/1103, fone: 24-8660. Filho: Dr. Renato Lajús Breda, médico psiquiatra, nascido em Chapecó, SC a 8-9-1954; estudou em sua cidade natal e, a seguir, com 17 anos, em Passo Fundo, em cuja universidade se formou em Medicina. Casou em Passo Fundo com Beatriz Helena Thumé Breda, professora, nascida a 22-11-1953; em Porto Alegre fez Residência em Saúde Comunitária (Medicina de Família) na Escola de São José de Murialdo; especializou-se em Saúde Pública e Alimentação Hospitalar; durante quatro anos foi médico-chefe da Unidade Sanitária e quatro anos como Delegado Regional, 2ª Delegacia. Trabalha como clínico no INAMPS. Durante três anos, cursou Psiquiatria no Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas, havendo apresentado como trabalho de conclusão do Curso: "Pa- ternidade: Sentimentos ambivalentes do pai em relação ao nascimento do primogênito", dezembro de 1988. Filhos: Vitor Carlos Thumé Breda, n. 5-4-1984; Laura Thumé Breda, n. 28-3-1986. Residência: Av. Independência, 359/1103 — 90.210 — Porto Alegre — Fone: 24-1703.

4 — Gelsimina Domingas Breda Chiaradia, n. 18-12-1921, viúva de Érico José Chiaradia, motorista (16-5-1924—18-11-1984). Cinco filhos: Vitor José, Roberto, Eliane, Sílvia Maria e Mônica Maria. 1) Vitor José Chiaradia, n. 30 9 1947, vendedor autônomo, residente na rua Gastão Englert, 680/318, bairro Vila Ipiranga, Porto Alegre, fone: 41-6737; casado com Vera Maria Schardong Chiaradia, n. 27-2-1947; filhos: Rodrigo, n. 6-8-1976 e Vanessa, n. 4-6-1980, estudantes. 2) Roberto Chiaradia, n. 15-6-1951, agricultor, rua Alcindo Pinto de Arruda, 350 — Nova Londrina, PR; casado com Aurenny Moura Chiaradia, professora, n. 22-11-1950; filhos: Rony, n. 22-3-1984; Erico, n. 4-9-1985, estudantes. 3) Eliane Maria Moreira Pinto,



n. 18-11-1954, cc Osmar Moreira Pinto Júnior, corretor de seguros, n. 12-6-1952; residência: Rua Gastão Englert, 780/215, bairro Ipiranga, Porto Alegre; filhos: Fábio, n. 16-6-1980 e Patrícia, n. 6-6-1985. 4) Sílvia Maria Chiaradia Fanti, n. 7-7-1956; casada com João Roberto Fanti, empresário, n. 22-3-1954 e falecido em 22-1-1990; residência: rua Cristóvão Colombo, 3592/202, bairro Higienópolis, Porto Alegre, fone: 43-4127; filhos: Roberto, n. 6-9-1980; Henrique, n. 2-3-1983; Felipe, n. 25-11-1989. 5) Mônica Mario Chiaradia, solteira, estudante, n. 28-8-1963, reside com a mãe.

5 — Amélio João Breda (24-3-1924 — 4-2-1975). Residiu em Carlos Barbosa, Cotiporã e Chapecó, SC onde veio a falecer, após longos anos de sofrimento, paralítico, em virtude de acidente de trabalho que lhe fraturou a coluna; ocupava-se com consertos de relógios. Casado com Erna Lúcia Rathiel, n. 13-12-25. Filhos: Iara Regina, n. 30-11-53, professora formada em Pedagogia, cc Nivaldo Dutra, corretor de imóveis, n. 2-5-54 (f.: Karine n. 1-3-85; e Camila, n. 23-4-87). Ricardo Roque, n. 16-8-55, contador, cc Ângela Maria Pierozan, n. 28-4-59, licenciada em Estudos Sociais; (F.: Thiago Matheus, n. 19-6-86).

6 — Amida Breda Magnabosco, (5-2-1928; durante longos anos solteira a cuidar dos pais; casou com Humberto Magnabosco, aposentado, n. 5-12-1918; res. Av. Nereu Ramos, 436/201 — Chapecó-SC.

* * *

IV - JORGE DALCIN (19-8-1900 - 19-8-1952), filho de João e Ângela Dafré Dalcin, nasceu em Santa Clara Baixa (S.



Vendelino). Casou com Isela Canal que faleceu no 1º parto junto com a criança, em 1919. A seguir, casou com Ermenegilda Canal, irmã da Isela e faleceu em Três de Maio em 3-1-1978. Jorge trabalhou com fábrica de queijo, transferiu-se para São Pedro de Salvador do Sul. Aqui, na festa de S. Pedro, foi vendido um bilhete da Loteria Federal, que foi premiado. Jorge, por não ter dinheiro, deixou de fazer parte do bolão. Aborrecido, mudou-se para Três de Maio, RS, onde veio a falecer, deixando os filhos em boa situação econômica. Teve 10 filhos: Benjamim, Firmo, Zenaide, Maria, Aléxio, Silvano, Néelson, Lúcia, Zélia e Marino.

1 — Benjamim, n. 31-3-1925, agropecuarista em Jardinópolis, Medianeira, Estado do Paraná; cc Helena Pavin, 11 filhos: 1) Maria, cc Ivo Rodrigues, guarda da SLC em Horizontina; f.: Elton. 2) Silvino, suinocultor em Jardinópolis, PR, cc Suelei de Campos, tem dois filhos. 3) Miguel, agropecuarista em Vila Bender, Crisciumal, RS; cc Maria Odete Duder; f.: Maiquel e Cassiano. 4) Azir, granjeiro em Jardinópolis, PR, cc Nelsi Kaier, tem um casal de filhos. 5) Teresa, cc Josemil Tormes, agropecuarista em Flor da Serra, Salgado Filho, PR; f.: Jair e mais duas meninas. 6) Lourdes, cc Décio Canetele, motorista de ônibus; f.: dois casais, Luís, Susana, Luciana... 7) Irene, cc Anselmo Marmit, tratorista de granja em Vila Bender, Crisciumal, RS, f.: Rafael. 8) Jorge, cc Marli Benatti, grande agricultor em Vila Bender, Crisciumal, tem 2 filhas. 9) Albina, cc Ademar Filipin, poderoso suinocultor com mais de 100 criadeiras, em Portão do Ocuí, Missal, PR; tem um casal de filhos. 10) Marinês, cc Francisco, granjeiro em Jardinópolis, PR; f.: Tranciele. 11) Roque, casado, mora com o pai em Jardinópolis, PR.



2 — Firmo, n. 26-5-1926, forte granjeiro em Pitanga, Maurício Cardoso, RS; cc Geltrudes Lorenzet; 8 filhos: 1) Inês, casada, tem um casal de filhos. 2) Albertina, casada, tem um filho, reside em Porto Alegre, estabelecido com lavanderia. -3) Nilo, granjeiro em Pitanga, Maurício Cardoso, cc Ilce Scherer. 4) Ari, granjeiro em Pranchada, Horizontina, casado, tem duas filhas. 5) Justina, cc Hugo, grande granjeiro em Pitanga, Maurício Cardoso; duas filhas. 6) Francisco, solteiro, mora com o pai em Pitanga. 7) Ervile, solteiro, mora com o pai. 8) Margarida, solteira, estudante universitária em Ijuí, mora com os pais.

3 — Zenaide, cc Isino Cassol, dono de um moinho em Pitanga, Maurício Cardoso. Nove filhos: 1) Oliva, casada, tem vários filhos, mora em Maurício Cardoso. 2) Marlene, casada com um granjeiro, tem um casal de gêmeos. 3) Celito, torneiro mecânico, casado, com vários filhos. 4) Luíza, casada, loja, não tem filhos. 5) Evanilde, cc Pastor evangélico, em Ibirubá, RS. 6) Albino, cc Rosane Akermann, torneiro mecânico, Maurício Cardoso, f.: Tiago. 7) Solange Dembogurski, tem posto de gasolina em Maurício Cardoso; f.: Tiago. 8) Arita, casada, tem loja em Maurício Cardoso, depois de ter sido funcionária do Banco Bradesco. 9) Jaime casou em 1990, funcionário do Posto Texaco em Maurício Cardoso.

4 — Maria, cc Mateus Cassol, granjeiro em Pranchada, Maurício Cardoso; 7 filhos: 1) Inês, cc Sebaldo Buschi, comerciante em Horizontina, 6 filhos. 2) Ari, cc Jurema Manto, granjeiro no Paraguai, dois filhos. 3) Elói, tem escritório de contabilidade em Horizontina, cc Elci Gonçalves, tem um filho adotivo. 4) Jorgina, professora em Capanema, PR, casada, tem dois filhos. 5) Carlos, tem escritório de contabilidade em Horizontina, cc uma professora. 6) Oscar, solteiro, funcionário da Cooperativa de Três de Maio. 7) Marino, casado, tem uma



filha, em Pranchada, Maurício Cardoso.

5 — Aléxio, técnico em eletricidade, rádio e TV, ministro da Eucaristia em Horizontina, RS; nasceu em 11-8-1930; cc Vilma Hidalgo, tem três filhos: Alcindo, Flávio e Clair. 1) Alcindo, ex-seminarista de Viamão, professor em Soledade, cc uma professora. 2) Flávio, casado, reside em Consolata, Três de Maio, tem dois filhos; Flávio fundou o conjunto musical “Sangue Latino”, com sete membros; conjunto famoso na região e no Estado; gravou vários LPs. 3) Clair, casada, professora em Sidrolândia, Mato Grosso do Sul.

6 — Silvano João, n. 9-1-1932, grande agropecuarista, ministro da Eucaristia e coordenador da Pastoral Rural, reside em Planalto, Crismal RS; cc Ilse Homering, n. 18-10-1956; 11 filhos: 1) Gelsi, cc Amantino Donini, granjeiro em São Miguel do Iguçu, PR; ela nasceu em 18-10-1956; tem uma filha, Inês, casada e tem os filhos: Enéas, Juliana e Alberto Luís. 2) Eládio, n. 26-12-1957, agropecuarista em Vila Bender, Crissiumal; cc Eite Rusch; f.: Douglas, Geisson, Deonice e Dinara. 3) Cláudio Antônio, n. 27-5-1959, granjeiro em Vila Bender, Crissiumal; cc Lili Drevlo; f.: Cristiano. 4) Elídio, n. 11-11-1960, testador de poços artesianos da CORSAN, reside em Cruzeiro, Três Passos; cc Elizete Bonfleur; f.: Lenita. 5) Clésio n. 1-5-1961, sondador de poços artesianos da CORSAN, cc Noeli Vargas Vitcel; f.: Daniel. 6) Gilmar, n. 20-9-1964, chefe de granja em Vila Bender, Crissiumal; cc Iara Royer; f.: Felipe. 7) Gelson, n. 13-1-1966, agricultor, cc Márcia Veber; f.: Mariela. 8) Claudete n. 20-8-67, Lajeado do Bugre, Crissiumal; cc João Mauri Fagundes, granjeiro. 9) Cleonice n. 29-9-70, solteira, tem escritório de contabilidade. 10) Janice n. 10-9-71, cc Ornei Benatti, granjeiro em Vila Três Ilhas, Crissiumal. 11) Luciano n. 19-7-74, solteiro, mora com os pais. Silvano forneceu ao autor todos os dados da família de Jorge Dalcin.



7 — Néelson (1934-1983) era ministro da Eucaristia em Rocinha, Três de Maio; cc Rosália Tibola; 6 filhos: 1) Jerônimo cc Inês Zucatto, um filho. 2) Gilberto, granjeiro em Coronel Bicaco, cc a professora Deonice Lorenze; 1 filha. 3) Amarildo, solteiro, operador de trator de lagarta, cantor e guitarrista em Rocinha, Três de Maio. 4) Elizete cc José Zucatto, granjeiro em Rocinha, Três de Maio; 1 filha. 5) Eunice, professora em Sidrolândia MS, cc Miguel Angelo Cortesi. 6) Elisa, professora em Sidrolândia, cc Hicmann, posto de gasolina.

8 — Lúcia n. 26-11-39, cc Francisco Telca, granjeiro em Rocinha, Três de Maio; 5 filhos: Mário, Irineu, Bernadete, Marinês, Luisa e Gilmar.

9 — Zélia cc Danilo Bonzanello, funcionário da Cooperativa de Tucunduva-RS; 4 filhos: Elisa, casada, tem um filho, em Horizontina; outro filho é sargento do Exército; outra filha e outro filho.

10 - Marino, granjeiro em Três de Maio, cc Rosa Padoin; 4 filhos: Rose Mary, casada em 1990; Marcos, solteiro; Márcio, ...

* * *

V - SINTO JOÃO DALCIN, (19-12-1902 - 28-4-1969), filho de João e Angela Dafré Dalcin, nasceu em Santa Clara Baixa, perto de São Vendelino, agropecuarista e grande produtor de leite em Torino, Carlos Barbosa. Casou com Rachel Baldasso (7-10-1906 — 15-12-1972). 13 filhos: Amâncio, Erville, Naídes, Cancianila, Odila, Angela, Pedro, Adolar, Gema, Noemia, Natalina, Antenor e Evanilde.

1 — Amâncio, caminhoneiro, residente em Carlos Barbosa; cc Izaura Zanetti; 4 filhos: 1) Margarete, professora de



Educação Artística; cc Bruno Foppa; f.: Pedro Luiz. 2) Marco Antônio, formado em Processamento de Dados, cc Elsa Hermes, funcionária do Banrisul; f.: Guilherme, trabalha na computação na TRAMONTINA. 3) Salete, formada em enfermagem, trabalha com botique. 4) Vitor Hugo, comerciante, cc Noeli Pastorio. 5) Elaine, filha adotiva.

2 — Ervile, cc Natalina Pagot, funcionário da TRAMONTINA; 6 filhos: 1) Luciano, cc Clarei Rogério da Rosa, comerciante. 2) Bruno cc Regina Hayshy, ex-funcionária da VARIG, reside: Chiba — Ken Kisarazu-Shi Yamato — 2-6-8-Sankō Manstou — 401 — T 292 — JAPÃO. 3) Luciano, solteiro, da Diretoria da GRENDENE em Farroupilha. 4) Fernando, solteiro, formado em Administração de Empresas, trabalha na CEEE. 5) Jemira Raquel, formada em Administração de Empresas, trabalha no escritório da GRENDENE. 6) Caroline, estudante, trabalha no escritório de um arquiteto em Carlos Barbosa.

3 — Naídes, solteira, cozinheira, reside na casa paterna em Torino.

4 — Cancianila, cc Angelo Baldasso, agricultor; 5 filhos: Ivete, curso superior, cc Valter Ciccheler, agricultor; 3 f.: Jocelei, Giovanni e Pauline. 2) Gilberto, funcionário da Cooperativa Santa Clara, cc Romi Inês Piccoli; f.: Cristiano e Janine, estudantes. 3) Gilmar, empresário de computadores em Bento Gonçalves, cc Marinice Gusso, floricultora; f.: Aline e Michele. 4) Ivanete, estudante de 2º grau. 5) Volmir, estudante de 2º grau.

5 — Odila cc Arduíno Dalmás, aposentado de Móveis Accorsi. 7 filhos: 1) Lourival, diretor financeiro da TRAMONTINA em Farroupilha; cc Marilene Deitos; f.: Mirela; 2) Vânia, formada em Ciências Econômicas, funcionária do



Banrisul; cc Idanir Padovani, mecânico; f.: Camila e Jonas. 3) Marilisa, formada em Contabilidade, com escritório próprio; cc Alexandre Guerra, contador da Cooperativa Santa Clara; 4) Carlos Alberto, gerente de compras da TRAMONTINA, Farroupilha; cc Geni Dalcin, filha de Assunto; f.: Sílvia. 5) Doralice, formada em Biologia, funcionária do Banco Meridional em Carlos Barbosa; cc Juarez Carlotto, mecânico. 6) Raquel, solteira, formada em Administração de Empresas, trabalha em escritório da TRAMONTINA em Farroupilha. 7) Neiva, estudante universitária, trabalha em escritório da TRAMONTINA em Carlos Barbosa.

6 — Ângela, cc Rubens Benedetti, agricultor; 8 filhos: 1) Jaime; 2) Loidir, cc Nádia Rigon; f.: Caroline; 3) Rui, solteiro; 4) Mauro, cc Inete Zaro, agricultor, duas filhas gêmeas: Jaciane e Josilene. 5) Eneida, solteira, mora com os pais; 6) Márcio, solteiro; 7) Eunice, professora, solteira; 8) Márcia, solteira, balconista.

7 — Pedro 10-3-1990 com 54 anos; cc Laura Zaro, 7 filhos: 1) Moacir, comerciante, cc Teresinha; f.: Diego. 2) Jurandir, cc Adir Talini; 3) Sandra, cc Valduíno Schenco; f.: Rogério; 4) Jorge, solteiro, caminhoneiro; 5) Julieta, cc Juraci Zaro; f.: Patrícia; 6) Simone, estudante, funcionária da Cooperativa Santa Clara; 7) Franciele.

8 — Adolar, empresário com oficina mecânica no bairro São Paulo, Carlos Barbosa, em sociedade com o filho Daniel e o cunhado Luiz Cini; cc Teresa Baldasso; 3 filhos: Daniel, mecânico; Nívia, estudante de 2º grau; e Veridiana, que trabalha no escritório do pai.

9 — Gema, solteira, mora na casa paterna.

10 — Noemia, costureira, cc Luiz Cini, funcionário



da Cooperativa Santa Clara e sócio da oficina mecânica do cunhado Adolar Dalcin; 3 filhos: Jaqueline, professora, cc Oscar Baldasso, comerciante; Valquíria, professora, cc André Luiz Verner, contramestre da GRENDENE; e Homero, solteiro; reside em Santa Clara, Carlos Barbosa.

11 — Natalina, solteira, mora na casa paterna, em Torino.

12 — Antenor, agricultor, cc Inês Zaro; f.: Angélica, Bibiano e Andressa, estudantes.

13 — Evanilde cc Ismael Bortolotto; f.: Cassiano, Marciano e Maribel.

Os IRMÃOS DALCIN formam um coral, que vem se apresentando em TV, tendo gravado um LP de músicas italianas. Cassiano, Marciano e Maribel formaram-se em música no Instituto Musical de Caxias do Sul. Fazem parte do Coral Carlos Barbosa: Adolar, Valquíria., Marilisa, Carlos Alberto, Maria Raquel, Doralice, Marilene e Lourival.

* * *

VI - ISIDORO TRANQUÍLO DALCIN, (2-1-1906 - 11-5-1985), filho de João e Angela Dafré Dalcin, nasceu em Santa Clara Baixa, morou na Linha Doze e em Carlos Barbosa; forte agropecuarista; cc Joana Boscari (1905 — 1959) e, em segundas núpcias, com Rosa Bridi, nascida em 8-5-1915, filha de Tarciso e Adelina Bridi.

Com a 1ª esposa teve 7 filhos: José, Adélia, Egídio Antônio, Teresinha, Joaquim, Cláudio e Nazarena.



1 — José, forte agropecuarista em Torino, cc Laura Camilo; 7 filhos: 1) Ivan, cc Marlene Dalmás; f.: Guilherme e Genáina; 2) Ivanês, cc Félix Bonato, comerciante; f.: Dirceu e Isidoro; 3) Beatriz, cc Valdomiro Lima, comerciante; f.: Willian; 4) Joanete, cc Régis Pontin, comerciante; f.: Sueli; 5) Antônio, caminhoneiro; 6) Vital; 7) Elizabeth.

2 — Adélia, cc Luiz Cichelero, agricultor em Carlos Barbosa; f.: Ansélio, José, Lourdes, Enio...

3 — Egídio Antônio, caminhoneiro, cc Assunta Baldasso; f.: 3: Gládis, formada em Psicologia; Marta, monitora de Creche; Clôvis, estudante de 2º grau. Reside no Bairro Ponte Seca, Carlos Babosa.

4 — Teresinha, cc Sílio Haas, caminhoneiro da Cooperativa Santa Clara; f.: Elis Regina e Elizabeth.

5 — Joaquim, caminhoneiro e agricultor, cc Cármen Baldasso.

6 — Cláudio, caminhoneiro autônomo, cc Lourdes Perera n. 25-5-1949; f.: Cláudia f com 10 meses; Paula n. 25-1-1987; Samuel n. 27-5-1982. Reside em Carlos Barbosa.

7 — Nazarena, cc Valdir Cichelero, comerciante em Carlos Barbosa; f.: Cleusa e Moisés.

8

* * *



3 — Tios avós maternos

Juntamente com João Dalcin, chegaram no Brasil, em março de 1897, dois irmãos: Domingos e Antônio Dalcin, e ainda seu cunhado Francisco Dalcin, casado com sua irmã Luísa Dalcin. São três tios avós maternos do autor.

I - FRANCISCO DALCIN (barba Queco)(16-9-1867 - 14-6-1942), nasceu em Sarmede, província de Treviso Itália, casado com LUÍSA DALCIN (25-5-1870 — 28-4-1961). Residiu em Santa Luísa atual município de Carlos Barbosa; transferiu-se para o atual município do Barão, onde veio a falecer assim como sua esposa.

Tiveram sete filhos: Domingos (1901-1976); Carlos (1903-1978), Eliza (1906-1978); Clemente Pedro nascido em 1909 e residente em Salvador do Sul; João (1910-1983); Assuntsa, nascida em 1911 e residente em Erechim; e Antônio Sílvio (1914-1944).

II - DOMINGOS DALCIN (1901-1976), filho de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, Carlos Barbosa, transferiu-se para Salvador do Sul-RS, e daí para Boa Vista de Sarandi, em 1945, transportado pelo caminhão Ford 44 de Bôrtolo Dalcin, dirigido por Alcides Dalcin, irmão do autor deste livro. Faleceu em Boa Vista em 24-11-76.

Casado com Maria Anita Denicol, teve onze filhos: Inocência, Laura, Aida, Nilo, Mário, Diva, que faleceu com 9 meses, Abílio, Aldemiro, Jacir, Neli, Aidé Terezinha. 1)



Inocência, falecida em 1985, cc Angelo Donatti, agricultor, falecido há cerca de 20 anos, em São Pedro, Salvador do Sul; 11 filhos, sendo que o José reside em Boa Vista, Sarandi. 2) Laura, cc Miguel Calhari, agricultor em Vila Seca, Carazinho; filhos: Dario, Rosa, Celina, Jandir, Odilo e outros. 3) Aida, cc Ivo Balbinot (1948-1969), era agricultor em Boa Vista; f.: Geni, cc Sadi Thums, Boa Vista; Helena, cabeleireira, cc Irineu Gassiel, Cooperativa de Boa Vista (f.: Rosane e Laércio). 4) Nilo, empresário com olaria em Novo Sarandi-PR; cc Neli Links; 7 filhos: Iria, Clélia, Néelson... 5) Mário, Carazinho, funcionário da Empresa de Transportes HELIOS; 10 filhos. 6) Diva, falecida com 9 meses. 7) Abílio, Ivone Schütz (1933-1985), Boa Vista; f.: Euclides, Evânia, Elemar, Etiane, Liamar e Leandro, todos casados, tendo vários filhos. 8) Aldemiro, agricultor em Boa Vista, cc Maria Werlan; f.: Lari, Miriam, Marisa, Deni, Gilmar, Margarete, João, Mara e Mari. 9) Jacir, construtor civil em Vila Seca, Carazinho, cc Leonida Rosa; f.: Dionisio, Stela, Juraci, Márcia e Nilton. 10) Neli, cc Antônio Zorzo, agricultor em Novo Sarandi-PR. 11) Aidé Terezinha, professora, cc Hildo Regher, granjeiro em Tucumã, Pará; f.: Marili, Juliane e um rapaz.

* * *

III - CARLOS DALCIN (1903-1978), filho de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, Carlos Barbosa, transferiu-se para o atual município gaúcho de Barão e daí, em 1943, para Boa Vista de Sarandi. Casado com Otilia Rufatto, teve 11 filhos: Irma, Orlando, Iria, Irene, Otacílio, Néelson, Osvaldo, Otávio, Isaura, Arlindo e Luiz. 1) Irma, cc Amândio Klein, agricultor em Boa Vista; f.: Helena, cc Osvaldo Signor, agricultor; 3 filhos: Fernanda, Fábio... 2) Orlando, agricultor, residente em Barreiro, Palmeira das Missões; cc Lúcia Klein;



8 filhos: Marlene, Pedro, Mário, Terezinha, Lourdes, Paulo e José, todos casados, tendo vários filhos. 3) Iria, falecida, cc Aquilino Dezengrini, agricultor. Boa Vista; 8 filhos: Valério, Lourdes, Ariete, Luiz, Airton, Aléssio, Marisa, solteira e Vanderlei. 4) Irene, cc Ernesto Bernardi, carpinteiro, Barra Funda, Sarandi; f.: Vanda, Nelci, Lourdes e José, todos casados com exceção da Vanda. 5) Otacílio, empresário, fabricante de erva-mate DALCIN, residente em Palmeida das Missões; 7 filhos: Ademir, Júlio, Euclésia, Alcindo, Ivone, Paulo e Vera. 6) Nélon, agricultor em Palmeida das Missões, cc Eva Werlan; f.: Edile, Neusa, Áurea e Claci. 7) Osvaldo, agropecuarista residente em Francisco Beltrão-PR, cc Idflia Strack; f.: Ari, Salete e Paulo. 8) Otávio, agricultor em Boa Vista, cc Sabina Daund; f.: Ermenegildo e Elton. 9) Isaura, cc Nivaldo Würte, ambos funcionários da Cooperativa de Boa Vista; f.: Michele e Caroline. 10) Arlindo, sócio da Cooperativa, aposentado, cc Nelsi Vogt; f.: Cristiane e Jones, residentes em Boa Vista. 11) Luiz, comerciante em Sarandi, cc Dalila Sprandel; f.: Viviane e Vinícius, estudantes.

* * *

IV — ELISA DALCIN ZWIRTES, filha de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, Carlos Barbosa, em 21-7-1906; viúva de Valentim Zwirtes, 4-10-1978, em Carlos Barbosa. Nove filhos: Floribaldo, Adelina, Idalina, Isolina, Alfredo, Sebaldo, Vilibaldo, Silfredo e Nelci- nha. 1) Floribaldo (1926 — 15-7-89), cc Angelina Bodan; 7 filhos: Nilvo, Diva, Sérgio, Nilva, Dilvo, Hélio e Célio; Diva, cc Ademir Seibel, dois filhos. 2) Adelina, n. 29-9-1928, cc Severino Martinazzo, aposentado da TRAMONTINA e fundador com 7 filhos da



METALÚRGICA MARTI NAZZO, Garibaldi. Dez filhos; 1) Adorino, sócio da Metalúrgica, cc Odila Dupont; f.: Márcio, Marcele e Aline. 2) Valdomiro, sócio da Metalúrgica, cc Neli Fanti; f.: Andressa e Tiago. 3) Luiz Carlos, sócio da Metalúrgica, cc Elice Lazzari; f.: Felipe e Tais. 4) Lourdes, cc Osmar Pertile, contramestre da TRAMONTINA; f.: Rodrigo e Camila. 5) Iracema, cc Ivanir Lazzari, soldador; f.: Diego e Janaina. 6) Romeu, sócio da Metalúrgica, cc Neusa Hanauer; f.: Júnior e Júlia. 7) Néelson, sócio da Metalúrgica, torneiro mecânico, cc Neiva Canal. 8) Marino, sócio, cc Rosane Flores; f.: Keli. 9) Ênio, sócio, engenheiro mecânico. 10) Neiva, estudante. No dia 17-12-90 o autor deste livro, acompanhado de Ivo Dalcin, visitou a família para pesquisa, e, sendo de noite, fazia-se a novena do Natal com 23 pessoas. 3) Idalina, n. 3-5-30, cc Raimundo Bassotto, agricultor; f.: Jacinto, Lourdes, Anita e Neuceir. 4) Isolina, cc Silfredo Kurmann, agricultor em Santo Antônio de Forromeco, S. Vendelino; f.: Neusa, Adir e Neucir. 5) Alfredo, agricultor em Santa Luísa, cc Hilária Kurmann; f.: Adriana, Fabiana e Adilson. 6) Sebaldo, comerciante aposentado, Sombrio-SC; cc Inês Nicchetti; f.: Jorge, Elói, Jaqueline e Valquíria. 7) Vilibaldo, taxista em Caxias do Sul; cc Deolina Rosanelli; f.: Ires, Gilmar, Gilnei e Gilson. 8) Silfredo, empresário com gráfica em Carlos Barbosa; cc Cecília Tumé; f.: Daniela. 9) Nelcinha, cc Raul Silveira, operário; f.: Magali e (Preta).

* *_ *

V — CLEMENTE PEDRO DALCIN, filho de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu no atual município de Carlos Barbosa, no dia 28-4-1909. Era casado com Otília Dalcin (7-2-1912 — 15-5-1972). Doze filhos: Egídio Francisco, Ermindo Pedro, Ivo Nildo, Idélia Verônica, Isolde Terezinha, Cacilda Maria, Odila



Ana, Remo Jayme, Valter Antônio, Lúcia, Ilse Maria e Doraci Margarida.

1) Egídio Francisco (23-3-1931 — 5-6-65), era casado com Maria Magdalena, n. 6.1.30. Seis filhos: 1) Clôvis José, n. 14-4-54, cc Marilena, n. 31-8-56; f.: Fábio Ricardo, n. 21-7-67. 2) Nair Teresinha, n. 24-4-55; cc Flávio Jair Zanchin, n. 26-5-50; f.: Flávia Cristina, n. 24-9-82, e Cláudia, n. 27-10-87. 3) Sérgio Roque, n. 9-9-56; cc Helena Pontin, n. 30-3-61. 4) Airton Luiz, n. 22-9-57; cc Clari Terezinha Simoni, n. 29-12-58; f.: Felipe, n. 13-1-90. 5) Milton Antônio, n. 18-7-59; cc Helena Pelin, n. 20-8-60. 6) Altemir Pedro, n. 6-2-64; cc Teresinha Maria Lussani, n. 1-7-60; f.: Bárbara, n. 30-1-89.

2) Ermindo Pedro, n. 29-7-33, pedreiro, casado em 20-10-56 com Nilse Geny Martim Banco, n. 22-6-33; f.: 1) Clair Terezinha, professora, n. 9-9-57, cc Luiz Carlos Menezes, metalúrgico, n. 25-1-55; f.: Diego Delano, n. 6-11-86. 2) Cármen Lúcia, n. 11-5-59, cc José Brum, agricultor, n. 9-7-53; f.: Joice, n. 28-6-83, e Leandro, n. 15-6-85. 3) Cleonice Isabel, monitora de creche, 14-4-61, cc Valdir Cláudio Artus, bancário, n. 7-9-53; f.: Michele, n. 30-1-83, e Jeison, n. 25-6-86. 4) Maria Helena, professora, n. 7-9-64, cc João Luiz Cazanatto, metalúrgico, n. 3-11-59; f.: Patrícia, n. 25-4-88. 5) Sandra Maria, n. 19-8-67, metalúrgica.

3) Ivo Nildo José, n. 4-11-34, cc Celita Maria Donatti, n. 24-5-40. Filhas: 1) Neiva Glória, n. 24-1-60, cc Ademir DalTAGense, n. 25-4-61; f.: Adriano, n. 30-3-87, e Fernanda, n. 11-10-90. 2) Neusa Maria, n. 11-6-61, cc José Motta, n. 19-2-61; f.: Gustavo, n. 16-4-87. 3) Maria Luíza, n. 27-6-63, cc Rudimar Oltramari, n. 27-8-58; f.: Cristian, n. 10-8-83; Edson, n. 7-7-87; Gisele, n. 23-11-90. 4) Inês, n. 13-11-64, cc Valter Frá, n. 10.6.61; f.: Anderson.



4) Idília Verônica, n. 28-4-37, cc Afonso Zeno Schafer, pedreiro, n. 20-2-35; filhos: 1) Ivani Maria, n. 18-4-58, cc Jorge Kafer, agricultor; f.: Ida Elisabete, n. 10-8-82; e Clemente José, n. 31-1-84. 2) Gilmar José, pedreiro, n. 16-7-59, cc Ledi Maria Jahn, n. 7.12.65; f.: Fernando José, n. 30-3-85. 3) Genir João, pedreiro, n. 11-12-61, cc Geni Sipp, n. 7-2-85; f.: Graziela Terezinha, n. 12-2-84, e Genir Júnior, n. 18-10-90. 4) Lourdes, n. 10-9-64, cc Enio Donelli, caminhoneiro, n. 14-6-56; f.: Elias, n. 19-4-82). 5) Clarice, professora, n. 19-10-66, cc Roque da Costa, químico, n. 12-10-65. 6) Gilberto Afonso, auxiliar de escritório, n. 5-12-68. 7) Gilson Roberto, pedreiro, n. 3-8-71.

5) Isolde Terezinha, 14-10-38, cc Waldemar Rodrigues da Rosa, n. 24.11.31. Filhos: 1) Marília, operária, n. 3-11-66; Márcia, operária, n. 1-8-69; Milândia, operária, n. 11-8-72.

6) Cacilda Maria, n. 10-4-40, cc Luiz Guerra, funcionário público, n. 16-1-34, residente em Bento Gonçalves. Filhos: 1) Paulo Roberto, empresário no ramo de transportes, n. 19-9-59; cc Valdete Zortéia, n. 17-1-62; f.: Paula Daiane, n. 19-10-82; Cristian Daian, n. 9-2-85; Bruno Natal, n. 6-2-89. 2) Sirlei Helena, digitadora, n. 18-8-62, cc Gregório Levandoski, atleta maratonista, n. 12-9-57; f.: Joice, n. 18-3-83; Fernando, n. 25-11-87. 3) Sérgio Luiz, construtor civil, n. 14-10-63; cc Rosemeri Chelen, n. 29-5-66; f.: Manoela, n. 3-6-89.

7) Odila Ana, n. 5-9-41, cc Romélio Müller, garçom, n. 27-3-33; f.: Maria Salete, estudante, n. 10-5-70; Carini, n. 11-7-81.

8) Remo Jayme, pedreiro, residente em Carlos Barbosa, n. 21-3-43, ex-aluno do Colégio Santa Rosa, onde cursou o 2º grau incompleto; cc Maria Helena Misturini, filha de Bernardino João e de Olinda Carpeneda, n. 28-2-50. Filhos: 1) Andréia, n. 28-8-70, concluiu o 2º grau, no Colégio Aparecida em Bento



Gonçalves; estudante universitária de Economia; trabalha na “Rinaldi S. A. — Indústria de Pneumáticos”; 2) Alexandre, n. 25-9-75, estudante do 2º grau do Colégio Aparecida em Bento Gonçalves, trabalha na Metalúrgica BORCAS. Residência da família: Rua Pará, 50, bairro Humaitá, Bento Gonçalves-RS.

9) Valter Antônio, economista, n. 11-4-47; cc Vitória Felisberta de Freitas, professora, n. 20-8-53. Filhos: Valter Dalcin Filho, n. 29-7-79; Vagner José; n. 14-4-87.

10) Lúcia, n. 12-3-49, cc Cláudio Domingos Canal, marceneiro, n. 22-8-48. Filhas: Deize Terezinha, n. 4-6-71; Denise, n. 4-6-71; Fabiana Isabel, n. 27-20-74; Roberta Cristiane, n. 2-3-81.

11) Ilse Maria, n. 4-8-50, cc Laércio Müller, sub-prefeito de Bento Gonçalves, n. 15-12-30; filhos: Edson, n. 16-9-70, estudante, operário, Underlei, n. 10-4-72, estudante, operário; César Antônio, n. 2-1-72, estudante, operário; Leandro, n. 3-1-81, estudante; Carla Otília, n. 12-12-84.

12) Doraci Margarida, n. 20-6-45, cc Armelindo Haas, agricultor, n. 2-2-49. Filhos: Flávia, n. 13-13-76; Luciano, n. 12-4-79.

* * *

VI - JOÃO DALCIN (28 10-1910 - 28-12-1983), filho de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, atual município de Carlos Barbosa, transferiu-se para o atual município de Salvador do Sul e daí, em agosto de 1943, para Boa Vista de Sarandi, numa viagem que durou oito dias, transportado num



caminhão Chevrolet de Bôrtolo Dalcin, tendo por motorista o filho deste, Ivo Dalcin. Junto viajaram sete filhos e o irmão Carlos Dalcin, com oito filhos.

Boa Vista, naquele ano, pertencia ao município de Carazinho e começara a ser colonizado havia 20 anos. João construiu em Boa Vista a primeira escola, a atual Escola Santos Anjos. Fundou um hospital, que era atendido pelo Dr. Milton Alves de Souza. Funcionou durante quatro anos, ficando a enfermaria aos cuidados da esposa, Luíza Dalcin. Construiu também uma rede telefônica, ligando Boa Vista a Sarandi.

Líder da comunidade, presidente da diretoria da igreja, que ajudou a construir e que teve como primeiro pároco o Pe. Bento Binfel. Em 1963, João conseguiu do Prefeito Municipal de Sarandi a criação do distrito de Boa Vista, instalado em 7 de setembro de 1960, tendo sido, então, nomeado sub-prefeito, empossado pelo próprio Prefeito, Ivo Sprandel. Durante 14 anos, João manteve indústria de laticínios, com os filhos. Sob sua liderança, foi instalada na vila uma rede de água, enquanto a luz foi de iniciativa do Pe. David Schwantes, pároco e, hoje, licenciado, reside em Santo Ângelo.

Seu falecimento em Boa Vista contou com a presença carinhosa dos dez filhos, 49 netos, e 39 bisnetos. Era amigo particular do autor deste livro em cuja casa paterna, em Torino, João, quando fazia o Tiro de Guerra em Carlos Barbosa, se hospedava.

Casado com Severina Rufatto, que faleceu com apenas 28 anos de idade, no dia 10-4-1935, João teve com a 1ª esposa, os filhos: Norma, Ivo, Amélia, Leonida e Júlio. Casou, a seguir, com Luíza Cornélio, filha de Cristiano e de Elisabeta. Com D. Luiza, que reside em Sarandi, ao lado da moradia do filho Ivo Dalcin, João teve os filhos: Yeda, Delci, Marlene, Antônio e



Milton Abílio.

1 — Norma Dalcin Klein, filha de João e Severina Rufatto Dalcin, nasceu em Salvador do Sul-RS, a 12-6 1937. Casou em Boa Vista de Sarandi com Ataliba Klein, nascido em Boa Vista a 14-9-1936; um dos fundadores da Cooperativa local, comerciante e forte agropecuarista, residente na mesma localidade. Nove filhos: Iracema, Erno, Ivarne, Helena, Paulo, Pedro, Elmo, Salete e David. 1) Iracema, cc Leonir Kramer, agropecuarista em São José do Cedro-SC; filhos: Miro, César, Cleusa, Marcos, Tatiane e Michele. 2) Erno, grande suinocultor em Boa Vista, cc Illane Fin; 2 filhas: Cláudia e Isabel. 3) Ivarne, cc Pedro Finger, empresário, estabelecido em Boa Vista com fábrica de móveis; três f.: Edson, Gelsi e Joseane. 4) Helena, cc Eldo Rossatto, agropecuarista na Linha Augusta, Sarandi; 2 f.: Marcelo e Maurício. 5) Paulo, forte suinocultor, em Boa Vista; cc Iverne Kunflat; f.: Ana Paula e Rafael. 6) Pedro, forte suinocultor em Boa Vista, mais de mil cabeças, com assistência da PERDIGÃO; cc Clarice Hecker; f.: Gustavo, Felipe e Estêvão. 7) Elmo, estabelecido com hotel e restaurante em Campoerê-SC; cc Marlete Socol, f.: Jacson, Maiquel e Robson, este nascido em 18-10-89. 8) Salete, professora em Boa Vista, cc Cláudio Schutz, membro da diretoria da Cooperativa local; f.: Aline, Liane e Daniel. 9) David, empresário, da “Sementes Beatriz” em Campoerê-SC, cc Lúcia Griss, gerente da firma; f.: Tiago.

2 — Ivo Dalcin, filho de João e Severina Dalcin, nasceu em Salvador do Sul-RS, em 8-2-1929, comerciante e um dos fundadores da Cooperativa de Boa Vista, atualmente residindo na cidade de Sarandi, onde exerce a profissão de construtor civil; cc Teresinha Klein, tem 8 filhos: José, Romeu, Ires, Ari, Ilva, Marli e Adriano. 1) José, açougueiro em Sarandi, cc Dilce



De Marco; f.: Leandro e Luciane. 3) Romeu, sócio de José no matadouro e açougue em Sarandi; f.: Simone e Sinara. 3) Ires, cc Renato Gaspar Links, representante comercial, residente em Carazinho; f.: Evandro e Renata. 4) Ari, pedreiro em Sarandi, cc Zeni Zaffari; f.: Marciano, Fernando e Mariane. 5) Ilva, cc Bruno Folin, agropecuarista em Sarandi; f.: Juliano, Jonas e Monique. 6) Marli, cc Cloir Papk, contador em Carazinho; f.: Adolf e Wullian. 7) Atílio, chefe de setor da FIAMMA em Três Rios, RJ, cc Ana Terra; f.: João Paulo e Atílio. 8) Adriano, n. 13-2-1977, em Boa Vista, estudante, 8ª série, em Sarandi. Residência da família de Ivo: Rua Cosme Favretto, 1047, fone (064) 361-1299, Sarandi.

3 — Amélia Dalcin Neuhaus, filha de João e Severina Dalcin, nasceu em Salvador do Sul-RS a 5-7-1934; cc Hildo Neuhaus, agropecuarista n.i Linha Augusta, Sarandi-RS. 9 filhos: Valdir, Pedro, Valmor, Ilse, Lauro, Maria Helena, Nadir, Salete e Marcos. 1) Valdir, n. 2-4-51, cc Erilde Zaffari; f.: Claudir e Carina. 2) Pedro, n. 30-7-38, agropecuarista na Linha Augusta, Sarandi, cc Nilva Gnoatto; f.: Roberto, Henrique e Sílvia. 3) Valmor, trabalha no Rio com o empresário Dr. Luiz Carlos Pereira Ribeiro; cc Maristela De Marco; f.: Silvana e Luiz Carlos. 4) Ilse, n. 25-8-54, cc Ernesto Matei, residente em Palmeira das Missões; f.: Dinara, Deise e Diana. 5) Lauro, n. 23-2-57, trabalhou no Sítio Boa Vista do empresário Júlio Dalcin no Rio de 1980 a 1987; atualmente é funcionário do Frigorífico Santo Ângelo S.A. na cidade do mesmo nome; cc a profesora Inês Zaffari; f.: Renata, n. no Rio a 9-2-83. 6) Maria Helena, n. 1-1-58, cc Jaime Folini; f.: Fábio, Giovanni e Júlio César. 7) Nadir, n. 7-7-61, cc Luiz Carlos Zandoná, sócio das Águas Sarandi, do seu pai Mário Zandoná; estudante universitário de Economia; f.: gêmeas: Kari e Keli. 8) Salete, n. 11-4-65, licenciada em Administração de Empresas, funcionária do Banco Bamerindus



de Santo Ângelo. 9) Marcos, n. 11-3-70, estudante universitário.

4 — Leonida Dalcin Simon, filha de João e Severina Ruffato Dalcin, nasceu em Salvador do Sul a 4-10-1932; cc Benno Simon, forte comerciante em Pinhalzinho-SC. Sete filhos: 1) Atilio, cc Amélia Ulrich; f.: Alexandra e André. 2) Ivone, n. 11-3-57, solteira, diretora da APAE em Pinhalzinho, formada em Pedagogia, Letras e Psicologia. 3) Marlene, cc Felipe Hanauer; f.: Fernando e Débora. 4) Claudete, professora, cc Jorge Battistel, cabeleireiro em Nova Erechim-SC; f.: Samara. 5) Lorena, cc Jair Merigo, comerciante e empresário de transporte em Curitiba. 6) Lourdes Helena, professora, cc Agostinho Daga, radialista; f.: Gustavo. 7) Maristela, professora, cc Imar Ecco, bancário em Pinhalzinho-SC. Fone: (049) 7661180.

5 — Júlio Dalcin, forte empresário do Rio de Janeiro, filho de João Dalcin e de Severina Rufatto Dalcin, neto de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu no atual município gaúcho de Salvador do Sul, a 28-6-1935. Em agosto de 1943, mudou-se com os pais para Boa Vista de Sarandi. Em 1947 e 1948, estudou como aluno interno no colégio dos Padres do Verbo Divino em Carazinho. Segundo desejo do pai e compromisso da mãe, que sonhavam com um filho padre, ingressou no Seminário do Verbo Divino em Ponta Grossa, estado do Paraná, concluindo lá o curso ginasial em 1949 a 1952.

Por falta de vocação, solicitou e obteve autorização para deixar o Seminário. Em 1952, mediante concurso, foi nomeado professor, passando, em 1953, a lecionar na escola municipal da Linha Caúna, perto de Boa Vista. Em 1954 prestou Serviço Militar em Santo Ângelo. Retornando, reassumiu o magistério na mesma escola. Em 11-5-1957 contraiu matrimônio com Darcy Gassem, filha de José, nascida na Vila Chico, Vera Cruz-RS, no dia 7-6-1934. Esposa dedicada e mãe exemplar de quatro



filhos, D. Darcy foi e continua sendo, poderosa auxiliar de seu marido. O jovem casal passou a residir na Linha Caúna.

Em 1959, em sociedade com o irmão Ivo Dalcin, os cunhados Ari Gassem, Guido Gassem e Ataliba Klein, Júlio estabeleceu-se com forte casa comercial, que funcionava no prédio do hospital de Boa Vista. Em 1963, sob a orientação do irmão Miguel, Marista, grande incentivador do cooperativismo, fundou-se uma cooperativa agrícola, tendo à frente o Júlio, seu irmão Ivo, os cunhados Ari e Ataliba e o Pe. Bento Binfel, pároco de Boa Vista. Júlio exerceu o cargo de gerente desta cooperativa, durante dez meses.

A convite do Prefeito Municipal Ivo Sprandel, para quem o Júlio muito colaborou na eletrificação rural, em 1966, na cidade de Sarandi, passou a fazer parte como sócio e membro da diretoria do Atacado Serialista da Gaúcha Madeira S.A., trabalhando ao lado de Marcelino Anziliero. A seguir começou a trabalhar no Frigorífico de Sarandi, da mesma empresa Gaúcha Madeireira. Foi, então, destacado para gerenciar a filial deste frigorífico em São Paulo, no bairro da Luz, para onde se transferiu, deixando a família em Sarandi.

Em 1972, aceitando proposta melhor, passou a trabalhar no Frigorífico do Grupo Francês La Vilett, sendo, pouco depois, destacado para abrir filial no Rio de Janeiro. Depois de 11 meses, a convite, retornou a Sarandi como sócio e gerente da firma “Alimentos Sarandi”, que enfrentava séria crise. Aqui trabalhou duramente durante três anos para recuperar o mercado.

Em 1976, indo ao Rio e, conversando um dia com Antônio Simões Longo e José Paiva, entrou em pauta a fábrica de “Lingüiças Império”, que estava à venda. Como os dois não tivessem prática no ramo de carnes, Júlio foi convidado para associar-se no negócio, assumindo a direção do setor de



industrialização, na compra e venda de carnes.

Surgiu, assim, a empresa IMPÉRIO LISAMAR, no subúrbio do Cordovil. A firma sofreu logo completa transformação, com aquisição de novas máquinas, instalação de câmaras frias, caminhões frigoríficos, de sorte que, em pouco tempo, a fábrica chegou a produzir diariamente quatro mil toneladas com várias dezenas de mercadorias. A IMPÉRIO tornava-se pequena, sem possibilidade de se expandir por falta de espaço. Surgiu, então, a proposta de compra do Frigorífico FIAMMA, na cidade de Três Rios, Estado do Rio de Janeiro. Era uma excelente indústria nova, bonita, da família Viterbo Sola, da Itália. Em 1979 a IMPÉRIO adquiria este frigorífico cuja diretoria ficou a cargo de Antônio Dalcin, irmão de Júlio, do Cezar Luiz Dalcin, Júlio Meireles e Luiz Carlos Gutierrez de Albuquerque.

Principiando a faltar matéria-prima, tratou-se de adquirir, da família Colussi, o Frigorífico Santo Ângelo S.A., da mesma cidade no Rio Grande do Sul, no ano de 1987, sendo destacado para sua direção o referido irmão do Júlio, Sr. Antônio Dalcin. Em 27-12-1989, violento incêndio destruiu parte deste frigorífico. Em abril de 1990, Antônio Dalcin pediu demissão do cargo, sendo, então, substituído pelo Júlio, que passou a residir periodicamente em Santo Ângelo, como diretor presidente, tendo como auxiliar o seu cunhado Ari Gassem, que também é gerente de compras e de matéria-prima; chefe de escritório, Áldo Borré; Jorge Hoffer, gerente comercial; Irani Richter, chefe do Departamento de Pessoal. O Frigorífico Santo Ângelo S.A. possui uma área urbana de nove hectares e 58 hectares de eucaliptos a 8 km da cidade. Abate cerca de mil suínos por dia, 200 bovinos e mil ovinos. Dispõe de 11 câmaras frias. 210 funcionários.



* * *

Júlio Dalcin, transferiu-se para o Rio de Janeiro e residindo no bairro Tijuca, iniciou suas atividades na IMPÉRIO LISAMAR no dia primeiro de janeiro de 1976, como diretor industrial, ao lado de Antônio Simões Longo, diretor presidente; Manoel Vieira Peixoto, diretor financeiro; José Paiva, diretor comercial.

Logo no primeiro ano, uma máquina de três toneladas caiu sobre um pé do Júlio. Dois dias depois, voltou a trabalhar. Piorando, parou um dia e retornou ao serviço, com muita vontade. De 1976 até 1984, trabalhou sem tirar férias, imprimindo gigantesco impulso à empresa, que, em pouco tempo, se transformou em poderoso Grupo industrial e comercial no ramo de carnes.

Detentor de vasto cabedal de cultura em economia e finanças, assim como de política, literatura, artes, religião, esportes, homem de alta estatura, simpático, forte personalidade, de admirável tino administrativo, incansável no trabalho, esperto nos negócios, dotado de invulgar dinamismo, Júlio é responsável, ao lado de seus sócios, pelo extraordinário desenvolvimento e expansão do Grupo, com quatro empresas: IMPÉRIO LISAMAR, no Rio de Janeiro; FIAMMA, indústria e comércio, com sede em Três Rios-RJ; PROPÉRIO, filial de São Paulo, no bairro de Santa Efigênia; e FRIGORÍFICO SANTO ÂNGELO S.A. no cidade gaúcha do mesmo nome. Em São Paulo, a filial tem como gerente geral e gerente nacional de vendas o sr. Agostinho Mischels.



Uma frota de cerca de 100 caminhões frigoríficos transporta para todo o território nacional os apreciados produtos IMPÉRIO, numa gama de mais de 50 itens, como hamburger, salsicha, lingüiça, presunto, defumados... Dois mil operários, todos de uniformes brancos, botas de borracha branca, capacete, trabalham sem parar as 24 horas do dia em vários turnos. Todos em silêncio, no meio do ruído das máquinas, num ritmo acelerado, obedecendo a rigoroso esquema da mais requintada técnica moderna.

Em dezembro de 1985, encontrando-se em seu sítio, em Cachoeira do Macacu, Júlio sentiu-se mal à uma hora da madrugada. Fortes dores e falta de respiração. D. Darcy e o filho Cezar Luiz, numa corrida fulminante, em apenas 45 minutos, levaram-no ao Rio. Violenta crise renal. No dia 28 de janeiro de 1986, o empresário foi operado, sendo-lhe extraído um rim.

Em junho de 1986, na Alemanha, Júlio tomou parte na Feira Internacional de Carnes, ocasião em que adquiriu três máquinas sofisticadas para industrialização de produtos. Nesta viagem, visitou Portugal e outros países da Europa.

Em 1987, juntamente com sua irmã Yeda, recebeu honroso diploma conferido aos descendentes italianos que se destacaram no Brasil, ele como empresário, e a Ir. Yeda, por sua obra educacional.

Em agosto de 1989, Júlio esteve na China e Macau, em visita aos fregueses, entrando em contato com grandes importadores, bancários, chefes dos maiores grupos do mundo, residentes em Hong-Kong.

Em 5-2-1988, a Império Lisamar foi assaltada por um grupo formado por uma mulher, 15 homens e um garoto de dez anos. Os assaltantes entraram na fábrica de madrugada e



saíram com um caminhão e duas kombis, levando salsichas e presuntos, além de 2.764.163 cruzeiros, que retiraram do cofre. A empresa sofreu outros assaltos, que agora cessaram em virtude do novo e severo esquema de segurança.

* * *

RANCHO BOA VISTA — Em 1979, Júlio adquiriu um sítio de 33 hectares na Gleba do Colégio da Reforma Agrária do Incra, município carioca de Cachoeira do Macacu, região produtora de laranja. As obras do Rancho estiveram a cargo do sobrinho de Júlio, Lauro Dalcin Neuhaus, que trabalhou aqui de 1980 a 1987.

Neste sítio, Júlio mantém uma criação de cavalos da raça CAMPOLINA, sob os brilhantes cuidados do filho Juliano, médico veterinário. O sítio dispõe de cinco empregados, tendo como caseiro Gladistone Soares da Silva, mineiro, casado com Maria Medeiros da Silva, tendo os filhos: Eliane, Luciana e Natanael. Outros empregados fixos são: Humberto Manhães e Ernesto Nunes de Souza Azevedo. No sítio há também criação de gado bovino, agricultura, horticultura e pomar de laranjas.

Em 1985, foi construída a casa do sítio, um vasto prédio de alvenaria, com cinco quartos, três suítes, sauna, piscina... Perto do sítio, no Caldeirão, juntamente com Glauter Salvador Faria e outros, Júlio colaborou na construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora de Fátima, cuja imagem foi doada por ele. Nesta capela, no dia 17-1-1988, celebrou missa o Pe. Firmino Dalcin, primo do Júlio, estando presentes todos os filhos do Júlio com suas famílias, a Ir. Yeda Dalcin e o autor deste livro com sua esposa.



* * *

Filhos de Júlio e D. Darcy Dalcin: Alva Maria, Cezar Luiz, Ângela Marisa e Juliano. ALVA MARIA nasceu em Sarandi-RS, 1-3-1958. Licenciada em Administração de Empresas pela Universidade Gama Filho, RJ, em 1982. Casou com Luiz Cláudio Pereira Ribeiro, nascido no Rio a 5-2-1958, filho de José Perelló Ribeiro Filho e Elza Gago Pereira Ribeiro; advogado e empresário do ramo hoteleiro, residente no Cabo Frio, RJ. Filhos: Daniel, nascido no Rio a 7-9-1985 e João Cláudio, nascido no RJ a 17-11-87.

CEZAR LUIZ DALCIN nasceu em Boa Vista, Sarandi, a 19-4-1960. Formou-se em administração de Empresas pela Universidade Gama Filho. Em 11-4-1986 casou com Aline Peçanha Xisto, filha de Nestor Xisto e Clara Xisto. Transferiu-se para a cidade de Três Rios, RJ, onde exerce a função de gerente de produção da FIAMMA. Tem uma filha, Júlia, nascida a 21-3-1990. Cezar Luiz sofreu acidente de trânsito em agosto, durante a Copa do Mundo. Em outubro do mesmo ano, quebrou uma perna jogando futebol. Em março fraturou uma mão, ao cair do cavalo. Em 3-1-1987, novo acidente com carro Santana, que bateu violentamente contra um jipe do Exército, fraturando a perna esquerda.

ÂNGELA MARISA nasceu em Boa Vista, Sarandi, 14-8-1961. Licenciou-se em Administração de Empresas na Universidade Gama Filho, RJ, em 1983. Casou com Maurício Ney Vianna dos Santos, engenheiro mecânico, administrador da Petrobrás, no Rio de Janeiro. Filhos: Rodrigo, nascido em 23-3-1985 e Rafael, n. em 21-12-19BH, ambos no Rio de Janeiro.



JULIANO nasceu em Sarandi-RS, no dia 26-8-1967. Cursou a Escola Técnica Federal e formou-se médico veterinário. Como tal, presta assistência aos cavalos do sítio do pai, pelos quais vota profunda dedicação, com rara habilidade e competência.

* * *

6 — Ir. Yeda Maria Dalcin, filha de João e Luiza Cornélio Dalcin, nasceu em Salvador do Sul-RS, a 14-8-1940. Com 4 anos transferiu-se com os pais para Boa Vista de Sarandi. Em 1952 entrou no Colégio da Glória, Carazinho-RS, dirigido pelas Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Bonlanden, fundada pelo Pe. Faustino Maurício Mennel (1824-1889), no sul da Alemanha, no dia 8-12-1854.

Desde pequena, ambicionava ser religiosa, para dar catequese, lecionar, enfeitar o altar... Um dia, duas Religiosas de Carazinho, a convite do pai, foram a Boa Vista, quando ficou combinado que Yeda abraçaria a Congregação.

Em 1953, em São Paulo, no bairro Pinheiros, na casa provincial, como juvenista, cursou o ginásio. Em 1958, em Itapecerica da Serra, S. Paulo, fez o noviciado, professando em 1959 e recebendo o nome religioso de Ir. Alverna, que recorda o Monte Alverne da vida de S. Francisco de Assis. Ela não gostava do nome. Declarou ao pai: Deram-me o nome de um monte. Eu não queria nome de monte, eu queria o nome de Fátima. Mais tarde, a Congregação autorizou a adoção do nome de batismo.



Em 1959, passou a trabalhar no Jardim da Infância, catequese e escola, no Alto Paraná. A seguir, em Lucerna-SC, lecionava no curso primário e, à noite, cursava a Escola Normal, formando-se em magistério em 1968. Fez concurso para o magistério pelo Estado de Santa Catarina, sendo destacada para lecionar em Videira. Durante três anos frequentou o Conservatório de Música em Joaçaba-SC.

Para emitir os votos perpétuos, teve de aguardar cinco anos, por falta de idade, professando com 21 anos, em 2-2-1963 em Itapecerica da Serra-SP.

Em 1968, transferida para Nova Iguaçu-RJ, foi nomeada Diretora do 1º Grau no Instituto de Educação Santo Antônio — IESA, fundado em 1935, pelo Pe. João Müsch. Em 1967, foi construído novo prédio, um vasto edifício de quatro pisos, ocupando uma quadra inteira, na rua Dr. Barros Júnior. Contou com a colaboração dos benfeitores da Alemanha. O colégio mantém vários cursos, coral muitas vezes premiado em concursos, banda de música, canchas de esportes, piscina, poço artesiano, casas para os motoristas. Duas capelas, uma para a comunidade religiosa e outra, grande, aberta ao público, para os alunos, professores e fiéis. Grandes corredores, salas espaçosas, pátios, jardim interno, garagem e estacionamento para dezenas de veículos. Conta com mais de 150 professores e cerca de 4.000 alunos e mais de 50 funcionários. Em 1985, festejou solenemente o jubileu de prata da fundação, com comemorações em todo o ano.

* * *



A Ir. Yeda, ao receber a notícia de sua nomeação para diretora deste gigantesco educandário, apavorou-se. Não se achava preparada. Relutou. Chorou. Por fim, encorajada pelas outras Religiosas, tendo à frente a diretora geral, a benemérita Ir. Maria Alcântara, obedeceu. No primeiro dia, ao ver-se diante daquela multidão de crianças, não sabendo o que dizer, principiou a cantar com sua voz encantadora, sendo aplaudida e acompanhada por aquele imenso coral, o que lhe deu coragem. Tudo correu bem, até hoje, em 1991, há mais de 20 anos.

Enquanto lecionava neste colégio, estudou e licenciou-se em Pedagogia no Centro Educacional de Nova Iguaçu. Durante quatro anos cursou Teologia na Faculdade Católica de Petrópolis – RJ.

A seguir, passou a ocupar o cargo de Diretora Geral do IESA, substituindo a Ir. Maria Alcântara. Desde 1984 ocupa também o cargo de Superiora da casa.

Em 1979, tomou parte do Capítulo Geral na Alemanha e, pela segunda vez, em julho de 1986, ocasião em que visitou Roma e Assis.

A ela cabe também a responsabilidade sobre uma escola para crianças pobres no Bairro da Prata. O IESA criou, ainda, o projeto alternativo na Favela da Viga, em conjunto com a Diocese de Nova Iguaçu, tendo à frente como vigoroso apoiador o apostólico Bispo D. Adriano Hipólito, com ajuda financeira de benfeitores da Alemanha, Áustria e Nova Iguaçu, assistência dos Padres da Paróquia Santa Rita.

Para coordenar este gigantesco projeto, a Ir. Yeda destacou a Ir. Filomena Lopes, mineira, nascida em 1946. Durante cinco anos, ela dirigiu e promoveu a construção de 162 casas de alvenaria, uma creche, um centro comunitário, igreja



São Francisco de Assis, formando uma pequena cidade. Após atender as famílias carentes desta favela da Viga, iniciou-se a construção de outro conjunto de casas no outro lado do Valão da Viga, lugar sujeito a inundações durante as enchentes.

A Ir. Filomena dedicou-se heroicamente em favor de tantos favelados, não medindo sacrifícios, culminando por dar a própria vida, sendo assassinada por marginais que ela socorrera dando-lhes casa confortável. Um dia, em junho de 1990, quando a Ir. Filomena, ao volante do veículo em que transportava material de construção, foi atingida por disparos na cabeça. O crime abalou as Religiosas do IESA, toda a sociedade de Nova Iguaçu e o Brasil inteiro, provocando uma onda de indignação e milhares de mensagens de solidariedade...

* * *

Neste trágico acontecimento, a Ir. Yeda, junto com a Ir. Alcântara, excedeu-se em rasgos de dedicação, a ponto de sofrer um desvio da coluna, acompanhado de esgotamento, obrigando-a a recolher-se na Casa Provincial para tratamento, ela e a Ir. Alcântara. Para registrar a tragédia e narrar o triste acontecimento, a Ir. Yeda, como superiora da Religiosa-Mártir, redigiu um comovente folheto, fornecendo impressionantes detalhes da obra realizada.

Religiosa de peregrinas virtudes, superiora carinhosa e maternal, professora exímia na arte pedagógica do Divino Mestre, figura invulgar de presença simpática, rosto bonito, estatura mediana, cantora de voz maravilhosa, bondade e generosidade extremas, cultura invejável, com vastos conhecimentos bíblicos, teológicos, científicos, religiosos e profanos, dominando diversos idiomas, como o alemão, o



inglês, o francês, o italiano, o espanhol, a Ir. Yeda é a própria personificação da simpatia, uma autêntica fascinação.

A sua casa, o IESA, além de educandário, sob as ordens de tão carinhosa mãe, transformou-se numa antecâmara do céu para as Religiosas velhinhas e alquebradas, algumas em cadeira de rodas, vestindo pesados e soturnos hábitos primitivos. Elas encontram aqui, na reta final de sua vida, o prêmio merecido de uma longa existência de heroísmo de trabalhadoras contundentes em escolas, hospitais, creches e orfanatos.

O IESA é, ainda, hospedagem carinhosa para Bispos, sacerdotes, religiosas e leigos, que têm aqui, em confortáveis apartamentos, o carinho inexistente nos mais sofisticados hotéis de cinco estrelas. No vasto refeitório, há sempre uma comprida mesa, com pratos saborosos e muita fruta, para os visitantes, que recebem, ainda, muitas vezes, doações de roupas finíssimas vindas de famílias benfeitoras da Alemanha, e, por vezes, doações em marcos e dólares, para obras paroquiais e assistência social.

A Ir. Yeda, apesar de suas absorventes ocupações, ainda arranja tempo para responder a volumosa correspondência que chega continuamente. De próprio punho, com letra elegantíssima, ela vai agradecendo, dando notícias, para que os amigos e benfeitores guardem eterna saudade de uma santa amizade que não morre...

Casa de Férias — Em 1985 as Irmãs do IESA, sempre sob as ordens da Ir. Yeda Maria Dalcin, adquiriram uma casa confortável na praia de Iguaba, a 180 km do Rio. Linda casa de alvenaria, com área coberta na frente e atrás, pátio gramado e arborizado. Nos fundos, até 1990 havia uma casa com dois apartamentos, churrasqueira, sala mobiliada, tanque de lavar roupa, chuveiro externo, garagem, ampla cozinha... Agora, em



seu lugar, foi construída uma casa de dois pisos, onde reside uma casal que dá assistência.

Em janeiro de 1988, o autor deste livro, esposa e o Pe. Firmino Dalcin, veranearam nesta casa, em companhia da Ir. Yeda, que assumiu todas as despesas da temporada. Como aconteceu com a empresa do irmão, ela, em 1988, foi assaltada na rua, perdendo a bolsa com dinheiro, relógio, óculos, tudo.

* * *

7 — Delci Elizabeth Dalcin Linck, filha de João e neta de Francisco, nasceu em Boa Vista de Sarandi, RS em 12-10-1943. Em 18-7-1959 casou com Anito Paulo Linck, nascido em Almirante Tamandaré em 9-7-1937. Depois de residirem dois anos em Almirante Tamandaré, mudaram-se para Princesa, São José do Cedro, SC, trabalhando com serraria. Depois de 9 anos, transferiram-se para a cidade de S. José do Cedro estabelecendo-se com casa comercial. Desde janeiro de 1987, residem em Barra do Bugre, Mato Grosso, com fábrica de móveis e fazenda.

Filhos: 1) Adriana Maria, nascida em 17-4-1961, professora licenciada em Letras, casou com Elvio Goulart Nunes, natural de São Joaquim, SC, funcionário do Banco do Brasil; dois filhos: Elisson, n. 1-12-83 e Juliana, n. 1-3-1984. 2) Eliana Lúcia, nasceu em 12-4-1962, professora licenciada em Ciências Biológicas, casou em 2-1-1988 com Antenor Luiz Ferrari, nascido em 9-12-1959, comerciante em S. José do Cedro, SC. 3) Elder Paulo, n. 26-2-1963, comerciante em Barra do Bugre, MT; casado com Vanda Maria Rochemback; um



filho: Vinícius Paulo, n. 30-9-1987. 4) Elmar José, n. 27-3-1964, comerciante em Barra do Bugre, MT; casou em 29-1-81 com Sandra Britz, uma filha: Paula Cristina. 5) Dejalmo Clôvis, n. 31-8-1965, comerciante em Barra do Bugre, MT; casou em 12-10-1985, com Maria Terezinha dos Santos, n. 10-6-1965; duas filhas: Gabriela e Roberta. 6) Eduardo Antônio, n. 14-8-1966, comerciante em Barra do Bugre, MT.

* * *

8 — Marlene Dalcin Kerber, filha de João e Luíza Dalcin, nasceu em Boa Vista, Sarandi, a 1-10-1945. Concluídos os estudos do curso primário, começou a trabalhar com 15 anos na loja dos irmãos Júlio e Ivo e dos cunhados Ari e Guido Gassem e Ataliba Klein, em Boa Vista. A seguir, na cooperativa local. Em 19-11-1966 casou com Pedro Ivo Kerber, filho de Balduino e Olímpia Madalena Kerber, nascido em Poço das Antas, RS a 6-11-1942. Caminhoneiro desde 1961, Pedro Ivo percorreu o Brasil, enfrentando os graves problemas das estradas sem asfalto da época. Um dia seu caminhão, carregado de galinhas e ovos, capotou, espalhando a carga. Outra vez, vendo-se com o copinho da gasolina rachado apelou para uma taquara. Outra vez, sem bateria, levantou a dianteira do veículo e fez girar uma roda...

Casados, residiram em Boa Vista de 1966 a 1971. Transferiram-se para Chapada, estabelecendo-se com frigorífico; 100 vacas de leite e 1.500 suínos. Dois anos depois, transferiram-se para a cidade de Sarandi com açougue, filial do frigorífico de Chapada, até 1985. Em 1961 Pedro Ivo prestou Serviço Militar em Itaquí, onde foi motorista do comandante do quartel. Em



15-6-1975, recolhendo um boi brabo, caiu do cavalo, ficando dependurado no estribo e fraturando a perna esquerda, que lhe foi amputada em 5-7-1975 no Hospital Cristo Redentor em Porto Alegre.

Em 1985 na praia de Itapema, SC abriram supermercado e padaria, vendendo por dia 300 cucas, e distribuindo carnes do frigorífico. Em julho de 1988 transferiram-se para Santo Ângelo com a empresa Marlene Dalcin Kerber e Frigorífico IWDE — Comércio, Indústria, Importação e Exportação, Ltda. — FICI, em sociedade com Antônio Dalcin e os filhos Luiz Carlos e Stela Maris e o genro Adroaldo De Marco. Além do frigorífico, a 20 km da cidade, a firma possui: Supermercado, açougue, confeitaria, fábrica de sabão marca FICI. Quatro caminhões frigoríficos percorrem o Brasil.

Filhos: Stela Maris, nascida em 22-3-1968, cursou o 2º grau; casou com Adroaldo De Marco, nascido em 29-10-1964; filha: Tais. O segundo filho, Luiz Carlos Kerber, nasceu em Sarandi a 2-7-1969, concluiu o 2º grau; solteiro, namora a jovem Rosângela de Arruda. Residência da família: Travessa Lemos, 62 — fone: 055-312-6068, Santo Ângelo, RS.

* * *

9 — Antônio Dalcin, filho de João e Luíza Dalcin, nasceu em Boa Vista, Sarandi, a 18-2-1948. Concluiu o 1º grau no Colégio Nossa Senhora Medianeira em Erechim e o 2º grau em Sarandi. Em 6-12-1969 contraiu matrimônio com a professora Inês Brenner, nascida em 9-2-1951. Depois de exercer atividades comerciais em Sarandi, transferiu-se para a cidade carioca de



Três Rios, como gerente geral do Frigorífico FIAMMA. Em 1987 assumia a direção do Frigorífico Santo Ângelo S.A., do Grupo IMPÉRIO.

Em abril de 1990, deixando de trabalhar para o Grupo Império, associou-se ao cunhado Pedro Ivo Kerber, operando com frigorífico, supermercado, confeitaria e açougue. Dois filhos: Marcelo, nascido a 5-6-1974, e Michele, nascida a 2-3-1979, estudantes aplicadíssimos, com notas brilhantes. Residência: Rua dos Andradas, 1.111, apto. 403 tono (055) 312-4173 - Santo Ângelo, RS.

* * *

10 — Milton Abílio Dalcin, filho de João e Luíza Dalcin, nasceu em Boa Vista de Sarandi, a 19-3-1955; estudou três anos no ginásio local e por três anos trabalhou na Cooperativa de Boa Vista. Em 12-1-1974 casou com Loreni Dalcin, nascida em 20-3-1950. Em 1974 mudou-se para Constantina, RS, onde trabalhou com açougue. Onze anos depois, transferiu-se para Nova Xavantiva, onde exerce a profissão de agropecuarista. Três filhos: Endrigo, nascido a 26-8-1974, Alex, nascido a 14-5-1980, Monique, nascida a 23-11-1985.

* * *

VII — ASSUNTA DALCIN, filha de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, a 15-8-1911; transferiu-se com os pais para o atual município gaúcho de Barão; em 1943,



em Boa Vista de Sarandi, até 1953, quando passou a residir definitivamente na cidade de Erechim, onde exerceu o cargo de cozinheira do Hotel Vitória, do Colégio Medianeira por dez anos, junto com os Irmãos Maristas, que muito a estimavam e a aposentaram. A seguir trabalhou na Estação Rodoviária, passando para a Escola Industrial do Estado, perto do Seminário. Atualmente, trabalha na Estação Rodoviária. Filho:

1 — Asir José Dalcin, representante comercial, nasceu em Barão a 14-11-1941. Residiu dez anos em Boa Vista de Sarandi. Desde 1953, na cidade de Erechim, tendo contraído matrimônio com Iolanda Pereira, comerciante; filhos: Cristiane, n. 11-12-1966, cc Clôvis Dilda, arquiteto, f.: Bruno, n. 20-10-1987; Charles, n. 22-4-1968, é representante comercial; Liciane, n. 10-4-1975, estudante. Residência: Rua Pedro Álvares Cabral, 28/22, fone (054) 321-1564, Erechim, RS.

* * *

VIII - ANTONIO SÍLVIO DALCIN (23-2-1914 - 24-8-1944), filho de Francisco e Luísa Dalcin, nasceu em Santa Luísa, Carlos Barbosa, e transferiu-se para o atual município gaúcho de Barão, onde estava estabelecido com moinho colonial. Faleceu tragicamente, colhido por uma correia do moinho.

Era casado com Icélia Pacini, n. 31-7-1917, que reside em Porto Alegre, rua Tomás Edson, 282. O casal teve três filhos: Francisco Villy, Valmor Carlos e Antônio Altair.

1 — Francisco Villy Dalcin, n. 12-2-1940, advogado e comerciante (Livraria — Rua Barros Cassal, 373 — Fone: 24-02-94 — Porto Alegre); cc Maria Fortunata Azambuja Dalcin,



advogada; f.: Vanessa, n. 7-1-1970; Fausto, n. 21-2-1974; Lucas, n. 8-9-1989, estudantes; residência: Rua Antão de Farias, 38, Porto Alegre.

2 — Valmor Carlos Dalcin, n. 23-4-1941, comerciante, Livraria Dalcin Cia. Ltda., Rua Gen. Andrade Neves, 18 — fone: 24-88-1942 — Porto Alegre. Casado com Rose Maria Neumaister Dalcin, contabilista; f.: Larissa, n. 27-9-1973 e Juliana, n. 29-3-1978, estudantes; residência: A v. Veiga, 1120, Porto Alegre.

3 — Antônio Altair Dalcin, n. 15-3-1945, gerente empresarial; casado com Gilda Bokerkis Dalcin funcionária pública; f.: Márcio, n. 8-5-1967 e Patrícia, n. 18-6-1970, estudantes; residência: Rua Cel. Timóteo, 121, Porto Alegre.

* * *

DOMINGOS DALCIN (1862 - 15-9-1945), meu tio avô materno. Veio da Itália em 1897 com 35 anos, chegando no Brasil ao mês de março e fixando residência em Santa Clara Baixa, para, com seus irmãos e parentes, dar início à comunidade da Capela de Nossa Senhora da Glória, conhecida por Zona dos Dalcin.

A localidade situa-se perto de São Vendelino, região colonizada por imigrantes alemães. Este fato explica o denso processo de cruzamento de descendentes alemães com membros de grande família DALCIN.

Como pode-se observar através do histórico desta família, numerosas famílias Dalcin consorciaram-se, também, com



membros de origem suíça. Isto acontece porque uma região de Santa Clara e de Santa Luísa foi povoada por imigrantes da Suíça, de Língua francesa. São nomes suíços: Deitos, Audibert, Sauthier, Cousseau, Denicol, Gedoz, Dupont e outros.

* * *

Domingos Dalcin casou com Catarina Dalla Libera, de cuja união nasceram quatro filhos: Pedro, Vicente, João e Fortunata.

I - PEDRO DALCIN (1886 - 12-2-1964), veio da Itália com 11 anos, fixando-se, igualmente, em Santa Clara Baixa. Viveu seus últimos anos em completa cegueira. Um dia, sofreu uma queda, que lhe causou uma ferida numa perna. Por falta de tratamento médico, o ferimento degenerou em gangrena, ocasionando-lhe a morte, quando o resto do seu organismo gozava de perfeita saúde.

Casou com Fortunata Misturini (10-1-1891 — 6-5-1979), com quem teve 14 filhos: 1) Ana(), cc Luís Audibert (). 2) Otilia (), cc Clemente Dalcin (). 3) Florentina, cc José Sauthier. 4) Clementina, cc José Santini (). 5) Silvino, residente em Caxias do Sul, casado em primeiras núpcias, com Olga Denicol (). 6) Amélia, cc Miguel Thums (). 7) Rosalina, cc Luiz Canal, residente em Torino. 8) Onório, cc Angelina Canal. 9) Generosa, cc Albinho Thums. 10) Oliva (), cc Pedro Thums. 11) Duílio, cc Denicol (). 12) Oreste, cc Celita Magri. 13) Laura, cc Edmundo Thums. 14) Rosa.

II — VICENTE DALCIN (1892 — 18-3-1967), casou, em primeiras núpcias, com Virgínia Giordani, que faleceu em



1919, vítima da “Espanhola”; a seguir, casou com Luisa Borsói.

Da 1ª esposa teve os filhos: 1) Emílio, cc Armelinda Dalmás. 2) João, ex-seminarista capuchinho, que faleceu tuberculoso e com problemas mentais. 3) Josefina, cc Antônio Canal. 4) Adelaide. 5) Leonilda. 6) Reinaldo (), cc Idalina Dupont, entre seus filhos destaca-se Jamil Dalcin, inseminador da Cooperativa Santa Clara Ltda. — Com a 2ª esposa, Vicente teve os filhos: 7) Arduíno. 8) Teresa. 9) Catarina. 10) Celeste e 11) Glória.

III— JOÃO DALCIN, casou com Teresa Canal; 9 filhos: 1) Domingos, cc Leonora Deitos, filha de Domingos e Ana Dalcin Deitos; 4 filhos (V. Ana Dalcin Deitos). 2) Maria, cc Sílvio Bavaresco, 7 filhos. 3) Amábile, cc Francisco Pavan, 9 filhos. 4) Marcolina, cc Amerilo Fiorotto, 7 filhos. 5) Ricieri, cc Ortenila Maria Baldasso, reside em Carlos Barbosa, rua Senador Salgado Filho, fone: 054-262-14-92; 3 filhos: Geraldo, cc Luiza Moschetta (4 filhos); Irineu, cc Vânia Mariu Azambuja (2 filhos); Teresinha, cc Danilo Antônio Rodrigues de Freitas. (3 filhos). 6) Honorina, cc Valdemiro Bolson, 6 filhos: Florentina, cc Antônio Masiero, 5 filhos. 7) Nilvo, () em 1-4-1953. 8) Zelinda, cc Valdomiro Vargo.

IV - FORTUNATA DALCIN MISTURINI, casada com João Misturini; falecida em 6-5-1979; 12 filhos: 1) Olinda, cc João Bavaresco (), 6 filhos. 2) Catarina (), cc Celeste Baccon (), 10 filhos. 3) Albina, solteira. 4) Nicolau, cc Lina Pissoli. 5) Paschoa, solteira. 6) Avelina (), cc Fiorindo Baccou (), 2 filhos. 7) Elizabeta, cc Floribaldo Bassotto (), 8 filhos. 8) Martim, cc Celestina Pissoli, 8 filhos. 9) Ermelino, cc Maria Dalcin, 11 filhos. 10) Olivio, cc Lourdes Regia, 4 filhos. 11) Hilário, cc Maria Borsoi, 8 filhos. 12) Lydia, cc Alcides Oriente Masiero, 7 filhos, um dos quais o Pe. João Roberto Masiero.



* * *

ÂNTONIO DALCIN — (barba Toni) — veio da Itália juntamente com meu avô materno, João Dalcin, em 1897. Não temos certeza, por falta de informação exata, se era irmão do avô João. Há alguns que declaram ser ele irmão de Brancisco Dalcin.

Antônio fixou-se igualmente em Santa Clara Baixa e daí para o atual município gaúcho de Barão, onde se estabeleceu com moinho colonial. São seus filhos: Sexto, José, Virgílio, Vitorio, Adelaide e Ernesta.

I - SEXTO DALCIN (7-12-1902 - 2-5-1977) casou com Guilhermina Sandrin, n. 31-1-1907 e residente em Bento Gonçalves. Quatro filhos:

1 - Edite Teresinha, cc Alfredo Pasqualini, comerciante em Bento Gonçalves; filhos: 1) Marisa, n. 19-3-1975, cc Geraldo Xavier da Costa, f.: Aline, n. 21-5-1990. 2) Marlene, n. 29-3-1977, auxiliar de laboratório e funcionária do Banco Bradesco, namorada de Breno Valduga, filho de Luiz. 3) Antônio, n. 17-9-1979, solteiro, trabalha com o pai. 4) Mirtes, n. 21-8-1973, estudante do 2º grau. 5) Michelen, n. 13-5-1980, estudante.

2 - Reny Lourdes Dalcin Damian, nasceu (14-10-31) em Montenegro-RS, casou (11-10-47) com Alves Damian nascido (14-9-27) em Encantado-RS, granjeiro e comerciante em Cascavél-PR, onde residem desde 1940. Quatro filhos: Lourdes Maria, Antônio Carlos, Airton Domingos e Adriano César.

Lourdes Maria Damian Odebrecht, professora, nasceu



(18-4-49) em Tapera-RS, casou (15-5-71) em Cascavel com João Alberto Odebrecht, nascido em São Paulo (12-4-44), funcionário do Banco do Brasil; residiram em Cascavél, Medianeira, Marechal Cândido Rondon e (1991) em Palotina-PR; três filhos: Luciana, nascida em Cascavél (7 6 /4), estudante; Marina, nascida em Cascavél (29-7-76), estudante; e João Lucas, nascido em Cascavél (20-6-87).

Antônio Carlos Damian nasceu em Cascavél (18-10-57), comerciante em Curitiba, casou (20-7-84) com Estela Maris Garcia Redondo, nascida (7-2-61) em Curitiba; filha: Amanda Cristine, nascida (16-11-85) em Cascavel.

Airton Domingos Damian, comerciante, residente em Curitiba, nasceu (26-8-62) em Cascavél, casou (4-2-84) em Curitiba com Enoé Alano Damian, nascida em Curitiba (29-5-64); duas filhas: Eloá, nascida em Curitiba (22-3-87) e Alana, nascida em Curitiba (23-10-89).

Adriano César Damian, comerciante em Cascavél, nasceu (12-3-66) em Cascavél, casou (15-12-84) com Mírian Breda Damian (19-1-62); duas filhas: Nicole (13-5-85) e Caroline (13-7-86).

3 - Inês Dalcin Balbinott (31-5-1929) casou com Vitório Balbinot, agricultor em Sarandi-RS, falecido em 1988; 5 filhos: Nadir, Nelci, Danis, Marcos e Dirce; A Dirce reside em Carazinho, av. Flores da Cunha, 2705.

II - JOSÉ DALCIN, (27-11-1897 — 19-11-1963), filho de Antônio, e Catarina Canal Dalcin, nascido em Montenegro e falecido em Chopinzinho no Paraná, era casado com Ana Irena Facchini, filha de José e Lúcia Deitos, nasceu em 22-2-1898, e



reside com a filha Laura, rua das Flores, 15 — fone 0462-42-1378. Chopinzinho. Filhos: Selvino, Idalina, Armelindo e Laura Faustina.

1 — Selvino (17-7-1921), cc Assunta Colognese, Chopinzinho, PR, 9 filhos: Marlene, Eroni, Dirlei, Antônio, Ivonete, Marcos José, Justina Inês, Alcemir e Jaqueline.

2 — Idalina Dalcin Gelmini (9-9-1922), cc Mário Gelmini, comerciante em Carlos Barbosa; seis filhos: Antônio, Jorge, Eurení, cc Roque Hecker (Tramontina) e Jandira, cc Afonso Hecker (Grendene), Carlos Barbosa.

3 — Armelindo Dalcin (18-6-1929), comerciante aposentado em Cascavél, PR, Av. Tancredo Neves, 1690, cc Selma Kuhns, filha: Isabete Mercedes, casada, três filhos.

4 — Laura Faustina (11-8-1934), cc Deolindo Rodolfo Stella, comerciante, separado, residente em Rio Branco, Acre; filha adotiva Teresinha, que faleceu em acidente de trânsito aos 18 anos em 22-10-1978. Mora com a mãe em Chopinzinho, PR.

III — VIRGÍLIO DALCIN, nasceu em Montenegro e faleceu em Sarandi com 80 anos; casado com Olga Dalcin, teve cinco filhos.

IV — ADELAIDE DALCIN BASSO, nasceu em Montenegro e faleceu em Bento Gonçalves; casada com Carlos Basso (); três filhos: Elza, Lóris...

V — VITÓRIO DALCIN(), era casado com Paulina Fink; seis filhos: Doralina, cc Primo Colognese, residentes em Barbosa Ferraz, PR; Celita, Irineu, Adelar, Luzerna, SC e Valdir, Mangueirinha, PR.

VI — ERNESTA DALCIN ZUIRT (), em Sarandi, cc



Nicolau Zuirt; três filhos: Nivaldo, Dorinda e Arlindo.

* * *

Os Dalcin de Nova Palma

Por informações do Pe. Luiz Sponcchiado, pároco de Nova Palma, RS e do Pe. Augusto Dalcin, Secretário Geral do Bispado de Frederico Westphalen, sabemos que os DALCIN de Nova Palma são, provavelmente, parentes dos Dalcin de Carlos Barbosa, dos quais descende o autor deste livro. Ambas as famílias são originárias de SARMEDE, província de Treviso, na Itália.

FRANCISCO DALCIN nasceu em Sarmede a 2-11-1859, filho de Andrea e Maria Dalcin, casou em 21-11-1881 com Maria Uliana, filha de Matteo e Paola Conti Uliana. Os casais, juntamente com Antônio Dalcin, aproaram na Ilha das Flores a 3-1-1888. Fixou-se na antiga Colônia Silveira Martins, hoje Nova Palma, e daí para as terras novas de Pinhal Grande, adquirindo matas de propriedade dos estancieiros Assis Brasil e Júlio de Castilhos.

Francisco e Maria Uliana Dalcin tiveram 13 filhos, sendo três nascidos na Itália: André, José, Antônio () em alto mar), Atílio, João, Benedito (o único vivo em 1988), Guilherme, Emília, Angelina, Davide, Pedro, Vitória e Amábile. Alguns viveram em Nova Palma, outros em Cruz Alta.

Pedro Dalcin é avô da jornalista ROSA MARIA DALCIN, n. 25-10-1954 em Pinhal Grande, filha de Aristides Dalcin e



Helena Ferrari Dalcin. Foi secretária do Ex-Ministro Bresser Pereira.

Antônio Dalcin Sobrinho, filho de Francisco e pai do Pe. Augusto, nasceu em Nova Palma a 1-6-1891, casou em 11-10-1919 com Maria Ferrari Dalcin. Tiveram 10 filhos, todos vivos em 1991: Ana, Verônica, Helena, João Dalcin Sobrinho, Tereza, Augusto, Elisa, Jerônimo, Ignez e Irma.

1 — Ana Dalcin, n. 7-10-1920, solteira, trabalhou, como empregada, no Seminário Saletino de Marcelino Ramos de 1944 a 1982; atualmente aposentada, vive em Frederico Westphalen.

2 — Verônica Dalcin, n. 4-3-1922, solteira, aposentada.

3 — Helena Dalcin, religiosa da Congregação de São José, trabalhei no Hospital São Pedro, em Porto Alegre.

4 — João Dalcin Sobrinho nasceu a 12-1-1927, casou em 16-9-1950 com Olívia da Rocha, residentes em Nova Palma; seis filhos: Cláudio, Tarcísio, Carlos, Vitor, Alceu e Luiz. 1) Cláudio, n. 11-1-1952, cc Jacinta Facco em 19-7-1975, mecânico em Florianópolis, SC; f.: Elder. 2) Tarcísio nasceu a 20-9-1953, cc Carmela Botton; contador, trabalha na Usina de Itaipu, em Foz do Iguaçu, PR; f.: Elisandro, Ana Paula e Jicela. 3) Carlos, n. 25-7-1955, agricultor em Frederico Westphalen, cc Edite Mazzutti em 31-10-1982; f.: Nádia e Daiana. 4) Vitor, n. 27-1-1957, agricultor em Frederico Westphalen, cc Zélia Piovesan em 6-5-1984. 5) Alceu, n. 16-10-1958, solteiro, agricultor em Frederico Westphalen. 6) Luiz, n. 26-10-1961, solteiro, agricultor em Frederico Westphalen.

5 — Teresa Dalcin, n. 20-4-1928, cc João Pedro Freo em 15-10-1978, agricultor em Frederico Westphalen.

6 — Pe. Augusto Dalcin, n. 25-10-1929, entrou no



Seminário em Marcelino Ramos em 1943; estudou Filosofia e Teologia em Roma; ordenou-se sacerdote diocesano em Roma em 28-10-1956; Secretário Geral do Bispado de Frederico Westphalen desde setembro de 1971.

7 — Elisa Dalcin Piovesan, n. 6-2-1931, cc Romano Piovesan em 5-5-1956, professora em Frederico Westphalen. Filhos: Jerônimo, Moacir, Delézia Maria, Bertila Tereza, Paulo Roberto e Cleci Janete. 1) Jerônimo, n. 7-2-1957, agricultor e radialista em Frederico Westphalen, cc Cleci Mocini; f.: Fernando e Gláucia. 2) Moacir, n. 12-5-1958, sacerdote palotino, ordenado em 9-12-1984, trabalha em Cerejeiras, Rondônia. 3) Delézia Maria, n. 3-10-1960, solteira, empregada. 4) Bertile Tereza, n. 7-7-1962, cc Nei Caidaten, residentes em Cerejeiras, Rondônia; f.: Rafael. 5) Paulo Roberto, n. 1-1-1968, solteiro, estudante. 6) Cleci Janete, n. 27-12-1967, professora e estudante universitária de Letras.

8 — Jerônimo Dalcin, n. 23-5-1933, professor em Frederico Westphalen; cc Noemi Pereira, em 17-8-1981; f.: Marcelo e Denise.

9 — Ignez Dalcin, n. 18-4-1932, cc Luiz Maltauro em 28-9-1973, f.: Rogério; aposentada, vive em Frederico Westphalen.

10 - Irma Dalcin de Andrade, n. 7-8-1935, cc Ubirajara de Andrade em 14-4-1965; filhos: César Augusto (); Denise (); Ana Paula e Rogério; residem na Foz do Iguaçu, PR.

EMÍLIA DALCIN BUSATTO, filha de Francisco e Maria Ulina Dalcin, nascida em Nova Palma e falecida em Frederico Westphalen, cc Antônio Busatto (). Filhos: Uldérico, Otília, Timóteo, Osvaldo, Odalgiro, Leandro.

1 — Uldérico Dalcin Busatto, n. 17-10-1926, comerciante,



cc Rosa Favim em 15-5-1957; f.: Ilíria Maria, n. 3-6-1958; Inês Maria, n. 27-3-60.

2 — Otilia Dalcin Busatto, n. 17-3-1931, cc Carlos Mânfió em 31-5-1950; F.: Gilberto Leônidas, n. 25-7-1951; Maria Inês, n. 1-2-1954; José Ignácio, n. 10-3-1955; Sônia Izabel, n. 25-1-1957; Rogério Carlos, n. 20-10-1961; Mauro Francisco, n. 11-12-1964.

3 — Timóteo Dalcin Busatto, n. em 1933, cc Maria Inês Pitelli em 1969; f.: Osvaldo, Mônica Emília e Lígia Carina.

4 — Osvaldo Dalcin Buzatto, n. 17-7-1935, cc Tereza Piovezan em 7-5-1960; f.: Edilene Beatriz, n. 21-7-1961; Suzana Maria, n. 3-10-1962; João Roberto, n. 15-11-1963; Carlos Eugênio, n. 14-3-1965; Silvana Isabel, n. 19-8-1966; Fernando Antônio, n. 5-4-1968; Edileusa Emília, n. 13-8-1969; Osvaldo Francisco, n. 28-10-1971; Marta Tereza, n. 1-10-1973.

5 — Odalgiro Dalcin Buzatto, cc Seneda Buzatto em 13- 2-1960; f.: Rosane Marli, n. 14-7-1960; Eliane Gisela, n. 23-10- 1962; Viviane Fátima, n. 30-1-1963; Janes Douglas, n. 13-8-1968; Claudinei Madson, n. 7-2-1971; Márcio Antônio, n. 9-4-1980.

6 — Leandro Dalcin Buzatto, n. 28-3-1941, cc Irma Pelegrin em 5-1966; f.: Janete Maria, n. 31-3-1967; Ênio Luís, n. 24-5-1969; Sandra Regina, n. 18-10-1973.

* * *

Junto com Francisco Dalcin chegou no Brasil ANTONIO DALCIN, seu cunhado por parte da esposa Augusta Dalcin.



Antônio nasceu a 18-8-1857 em Vittorio, Treviso, casou em 18-2-1884 com Agusta Dalcin. Em 19-3-1888 estabeleceu-se na Colônia Silveira Martins, Soturno, hoje Nova Palma, onde Antônio faleceu em 20-8-1920, enquanto a esposa Augusta faleceu já em 21-12-1906. Tiveram 10 filhos, sendo dois (Ângela e Ângelo) nascidos na Itália.

Diz a tradição que os pais de Antônio Dalcin e Angela Vedorello, morreram vítima de um terremoto, ele, ao sair da igreja e ela, de tristeza, deixando três filhos órfãos.

Outro ANTONIO DALCIN, nascido em Veneza por volta de 1835, casado com Augusta Caselato, em segundas núpcias, veio para o Brasil. A esposa Augusta era “Miss Veneziana”, filha de um general e ótima costureira. Parece que tal matrimônio não agradou aos “Signori”, dos quais descendia, sendo este um dos motivos que contribuíram para a migração. Antônio conhecia várias línguas, tendo viajado por toda a Europa, em função de sua profissão de hábil pedreiro.

Na Itália o casal teve dois filhos: Arcângelo, nascido em Veneza a 18-8-1871; e Maximiliano, nascido no Havre, em viagem imigratória, a 26-7-1875.

Em Santa Maria da Boca do Monte, Antônio começou sua atividade de ótimo pedreiro. Enviuvando, Antônio foi residir na Colônia de Silveira Martins, e, em 1884, mudou-se para a Colonização particular dos Mostardeiros de Dona Francisca, junto ao morro que, por causa dele, tomou o nome de Morro Santo Antônio. Aqui Antônio faleceu com 70 anos em 15-4-1910.

Seu filho Arcângelo casou com Filomena Troian em 15-4-1894. Tiveram dois filhos: Pedro, nascido em 1895, e Maria, em 1896. Arcângelo faleceu em Dona Francisca a 4-10-1930.



Maximiliano Dalcin casou com Giustina Pradebon a 27-4-1901. Ele faleceu em Dona Francisca a 11-7-1946; ela a 25-11-1944, ambos em Dona Francisca. Tiveram 16 filhos, todos bem casados e espalhados pelo Rio Grande do Sul, como em Itaqui, e em outros Estados. (Fonte: Centro de Pesquisas Genealógicas da Paróquia de Nova Palma).

* * *

Descendentes de imigrantes que se estabeleceram na Colônia Silveira Martins — Francisco e Antônio Dalcin — são todos os Dalcin da região de Santa Maria, S. Gabriel, Caçapava do Sul, em quase todos os municípios da fronteira.

Destes vai a relação constante da lista telefônica da CRT:

Santa Maria: Orestes Dalcin, Eleutério Dalcin, Isidoro Dalcin, Laydos Dalcin, Marco Antônio Dalcin, Maria M. C. Dalcin, Dr. Orestes Dalcin, advogado; Dra. Rosa Maria Dalcin, Raul Dalcin, Saulo Roth Dalcin.

Itaqui: Aido Dalcin, Celito Dalcin, Mateus Dalcin, Ruben Dalcin.

Júlio de Castilhos: Neuro Salles Dalcin, Dalcin & Fonseca Ltda., Jacinto Dalcin, Laydes Dalcin, Olímpio Dalcin.

São Borja: Amilcar Dalcin, Anarita Dalcin, Editho Dalcin.

São Gabriel: Dr. Eduardo Dalcin, promotor de justiça; prof. Cleci Dalcin; Elli Dalcin, Maria Dalcin.



Uruguaiana: Nelson Dalcin. Carazinho: Luadi J. L. Dalcin, granjeiro.

Cruz Alta: Rodolfo Dalcin. Campos Borges: Albino Dalcin, pai de Celestino Dalcin, agropecuarista em Barra do Garças, MT.

Em Jaguari, em 1920, era pároco o Pe. Fidélis Dalcin.

São Paulo: Figuram na lista telefônica: Clara N. Dalcin, João J. Dalcin, José N. M. Dalcin, Osny Dalcin, Adriana Dalcin, Ivone Dalcin, Jr. Rubens Dalcin, Maria G. Dalcin, Rubens Dalcin, Valdemar Dalcin e Walter Dalcin.



AGRADECIMENTO

O autor agradece a todos quantos auxiliaram na pesquisa, especialmente: Ir. Yeda Maria Dalcin (Nova Iguaçu, RJ), Júlio Dalcin (Rio de Janeiro), Ivo Dalcin, Luísa Dalcin (Sarandi), Orlando Dalcin, Martin Dalcin, Silvano Dalcin, Ivone Dalcin Simon, Dr. Renato Lajús Breda, Dr. Pércio de Moraes Branco, Nelly Pinto Lacerda, Dr. Francisco Willy Dalcin, Pedro Ivo Kerber, Antônio Dalcin, Ricieri Dalcin, Luiz Guerra, Vital Dalcin, Eliana Lúcia Dalcin Link Ferrari, Félix Dalcin, Sérgio Dalcin Kunrath, Luiz Dalcin Erthal, Adelina Deitos Comparsi, Victor Dalcin, Milton Abílio Dalcin, Adelina Zwirtes Martinazzo, Norma Dalcin Klein, Isaura Dalcin Würte, José Zubéldia, Nilo Francisco Dalcin, Pe. Luiz Sponchiado, Pe. Augusto Dalcin, Guilhermina Sandrin Dalcin, Lourdes Maria Odebrecht, Aura Dalcin Fontanive, Paulo Roberto, Viviane Landredi, Antônia Fiori e Amida Breda Magnabosco.







Serviços Gráficos executados pela

Gráfica da Universidade de Caxias do Sul

R. Francisco Getúlio Vargas, 1130 — Cx. Postal 1352

Fone (054) 222.4133 — 95.001 — Caxias do Sul — RS

CAMINHOS DO SENHOR

de

Fidélis Dalcin Barbosa — Editora SULINA

Palavras do escritor Pércio de Moraes Branco acerca deste livro, em carta ao autor, que foi seu aluno:

“A suavidade do título de sua obra e o desenho da capa não deixam entrever o mundo de horrores que o autor apresenta em quase metade do livro. Nesse aspecto, considero de fundamental importância a apresentação de João Basílio Schmitt. Sem ela, muitos leitores poderiam duvidar da veracidade de muitos fatos ali narrados ou, mesmo conhecendo o autor, supor que este houvesse “carregado nas tintas”, pintando um quadro mais negro do que a realidade. Mas o depoimento é claro e incisivo: “Todas as congregações agiam assim. Todos os seminários deformavam assim”. Some-se a isso a particular predileção do Pe. Carlos para fazer sofrer frei Paulo para se ver que monstruosidade se praticou contra o sr....

De qualquer modo, acho notável que o extremo sofrimento que foi sua vida não o tenha transformado em uma



pessoa amarga e cruel; muito pelo contrário, parece que quanto mais sofria mais humano e bondoso se tornava.

Várias vezes pus-me a imaginar o que não deve ter lhe custado passar para o papel tantas e tão terríveis histórias. Com que dor não deve ter isso saído de escuros cantos da memória para se tornar um libelo contra o despotismo e a arbitrariedade, denunciando-os de forma clara e contundente mas — que notável! — sem revolta, sem ódio.

O sr. foi grande ao relembrar tudo isso. A força de vontade, a fé, a humildade, só elas, permitiram-lhe escrever um livro digno, honesto e corajoso. Poucos conseguiriam contar uma vida como a sua sem destilar ódio e revolta em cada Unha. Repito: o sr. foi grande como muito poucos saberiam e conseguiriam ser.

Que sua vida continue (e eu sei que continuará) sendo como é hoje, um oceano de liberdade, de amplos espaços para alçar os vôos que sempre sonhou, para construir as obras que sempre quis fazer, para ter a paz que tão cedo perdeu e que longas décadas de perseguição e de crueldade tornaram um bem que parecia inatingível. Abre os braços, voe e ame. A liberdade chegou para ficar”.





[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Foram acrescentados vários capítulos, como os primeiros que originam o título, nos quais se narra a história de quatro irmãos Dalcin, os pioneiros do transporte de carga entre Bento Gonçalves e São Paulo.

Traz, ainda, um impressionante depoimento sobre a Cooperativa Santa Clara Ltda., que esteve na iminência de falir e que, por duas vezes, foi salva pelo autor do depoimento, Ivo Dalcin, diretor-presidente desta cooperativa durante 15 anos.

Finalmente, prosseguindo no assunto da imigração italiana, a genealogia da família DALCIN, da qual participam o autor, seu irmão Pe. Firmino Dalcin, que duas vezes recusou a mitra; a jornalista Rosa Maria Dalcin; o empresário carioca Júlio Dalcin; a Ir. Yeda Dalcin, diretora do IESA de Nova Iguaçu; a juíza de direito Ana Comparsi Marques; o médico psiquiatra Dr. Renato L. Breda; Juvenal Dalcin, sócio e diretor industrial do Grupo Carraro, a maior indústria de móveis da América Latina; os livreiros Dalcin de P. Alegre; Agenor Dalcin, diretor administrativo e financeiro da Cooperativa Santa Rosa Ltda., o coral Dalcin de Carlos Barbosa; Ivo Dalcin, diretor-presidente por 15 anos da Cooperativa Santa Clara Ltda; Flávio Dalcin, fundador do conjunto musical "Sangue Latino"; Benhur Sperotto, da Seleção Brasileira de Vôlei; Ivan Grazia, inventor da torre de vigia florestal; milhares de descendentes da família Dalcin, espalhados por todo o Brasil e até no Japão.

Engenheiros da Petrobrás: Nereu De Rossi, Valmir Dalmás, Paulo Fontanive, Luiz Zorzi (geólogo), escritora Vera Dalcin Lucchese; engenheiros mecânicos, administradores de empresas, empresários, médicos, advogados, comerciantes, seis padres, religiosas, dezenas de professoras, enfermeiras, hoteleiros, donos de supermercados, de frigoríficos, de fábricas de móveis, de empresas de transporte, bancários, fazendeiros, granjeiros, Valmor Leal Dalcin, Pe. Nilo Canal.

CAMINHOS DO SENHOR
de
Fidélis Dalcin Barbosa – Editora SULINA

Palavras do escritor Pércio de Moraes Branco acerca deste livro, em carta ao autor, que foi seu aluno:

“A suavidade do título de sua obra e o desenho da capa não deixam entrever o mundo de horrores que o autor apresenta em quase metade do livro. Nesse aspecto, considero de fundamental importância a apresentação de João Basílio Schmitt. Sem ela, muitos leitores poderiam duvidar da veracidade de muitos fatos ali narrados ou, mesmo conhecendo o autor, supor que este houvesse “carregado nas tintas”, pintando um quadro mais negro do que a realidade. Mas o depoimento é claro e incisivo: “Todas as congregações agiam assim. Todos os seminários deformavam assim”. Some-se a isso a particular predileção do Pe. Carlos para fazer sofrer frei Paulo para se ver que monstruosidade se praticou contra o sr....

De qualquer modo, acho notável que o extremo sofrimento que foi sua vida não o tenha transformado em uma pessoa amarga e cruel; muito pelo contrário, parece que quanto mais sofria mais humano e bondoso se tornava.

Várias vezes pus-me a imaginar o que não deve ter lhe custado passar para o papel tantas e tão terríveis histórias. Com que dor não deve ter isso saído de escuros cantos da memória para se tornar um libelo contra o despotismo e a arbitrariedade, denunciando-os de forma clara e contundente mas – que notável! – sem revolta, sem ódio.

O sr. foi grande ao lembrar tudo isso. A força de vontade, a fé, a humildade, só elas, permitiram-lhe escrever um livro digno, honesto e corajoso. Poucos conseguiriam contar uma vida como a sua sem destilar ódio e revolta em cada linha. Repito: o sr. foi grande como muito poucos saberiam e conseguiriam ser.

Que sua vida continue (e eu sei que continuará) sendo como é hoje, um oceano de liberdade, de amplos espaços para alçar os vãos que sempre sonhou, para construir as obras que sempre quis fazer, para ter a paz que tão cedo perdeu e que longas décadas de perseguição e de crueldade tornaram um bem que parecia inatingível. Abre os braços, voe e ame. A liberdade chegou para ficar”.

